A VOLTA DOS CLASSIFICADOS DO FORUM!

ele ela

HARRISON FORD
O CAMPEÃO DO CINEMA

ENSAIO
BUMBUM

FORUM

A TATUAGEM SABOROSA

LOUCO POR UMA CALCINHA

O FOGO DA MATA VIRGEM

NUAS
LÚCIA GARRIDO E CARLA

A EXPLOSÃO DO VÍDEO ERÓTICO

JULIETTE BINOCHE
SUAVE MULHER FATAL

Proibida a venda a menores de 18 anos

ISSN 0531-9153
00319>
9 770531 915005
uma publicação bloch
R$ 5,00

Pulo do Gato

Foto RICARDO CÂNFORA

Gata Kátia, na página 46.

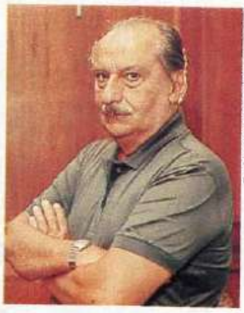


Foto MARGARETH LIPEL

Carlos Heitor Cony, página 6.

Foto STANLEY TRETICK — Sygma

Harrison Ford, na página 100.

Foto B. RHEIMS — Sygma

Juliette Binoche, na página 54.

TURISMO, gastronomia, cinema, bar, vídeo erótico etc., automóveis, livros, música, tudo isso e algo mais você sempre encontra em ELE ELA. Sempre com novidades. Mas não ficamos por aí. Este mês, **Álvaro da Costa e Silva** e **Renato Guima** conversaram com a *nova* sensação da literatura brasileira, **Carlos Heitor Cony**, na verdade um veterano escritor, redator da revista *Manchete*, que há mais de 20 anos não publicava um livro. Até que veio *Quase Memória*, um *quase romance* sobre um personagem real, o pai de Cony — figura riquíssima, impressionante, falecido há 10 anos. Nossa outra entrevista vem de Nova Iorque: **Harrison Ford**, o superastro que ficou famoso como o Indiana Jones, bateu um papo com o jornalista **Marcelo Bernardes**. Papo inteligente também foi o do repórter **Luiz Bello** com o mestre do humor televisivo **Max Nunes.** Voltando ao cinema, nosso perfil é a atriz francesa **Juliette Binoche**, cuja vida e carreira são contadas pelo crítico **Moisés Liporage**. Uma diva misteriosa, com ares de *femme fatale*. Quente e, às vezes, gélida. Falando em gelo, o fotógrafo e jornalista **Jaime Borquez** nos mostra a estação americana de esqui Summit, um *must* para quem foge do verão tropical. Para os que gostam do quanto mais quente, melhor, **André Duarte** foi a Natal, uma das mais belas cidades do Brasil, e **Webber Lopes** e **Edgar Olimpio de Souza** contam porque a indústria dos vídeos eróticos está em ebulição. De quebra, você ainda aprecia a nudez de **Lúcia Garrido** e **Carla**, sem falar num ensaio fotográfico de derreter um homem: **Bumbum**, pela lente de **Alexandre Costa e Silva.** Também entramos no ritmo do samba carioca, adotado por São Paulo, segundo **Edgar Olimpio de Souza** e **Alvaro da Costa e Silva**, e relembramos a Era do Swing com o crítico **José Domingos Raffaelli**. O resto é surpresa, basta abrir a revista e se deleitar. Com um detalhe: além das tórridas *Cartas do Forum*, voltam os alucinantes *Classificados*, com propostas imperdíveis de transas. Ah, e na última página, **Carlos Eduardo Novaes** conta mais uma história divertida. Neste caso, não é surpresa alguma...

Foto MASSAOMI MOCHIZUKI

Max Nunes, página 88.

NEY REIS
Diretor-executivo

ELE ELA ON-LINE

Nosso endereço na INTERNET http://www.br.homeshopping.com.br/bloch/

Correio eletrônico (E-mail) eleela@br.homeshopping.com.br

Página do Leitor

ILUSTRES LEITORES

Comunicamos a Vossa Senhoria que esta Assembléia Legislativa, atendendo requerimento do Deputado Haroldo Tavares, aprovado em 07/11/95, encaminha votos de aplausos a essa revista pela brilhante matéria veiculada na edição nº 314, intitulada *Pará: Natureza e História Exuberantes*, da jornalista Maria Dania Junges, reconhecendo as grandes belezas naturais e estimulando o turismo em nosso estado — *Deputado Zeno Veloso, 1º Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Pará.*

Honrados em poder contribuir para o estímulo do turismo brasileiro, agradecemos os votos de aplauso dos deputados paraenses.

TALENTO PROMISSOR

Há algumas semanas, escrevi a vocês, depois de ler uma matéria com o ator pornô Max Steiner. Admiro o trabalho de quem participa desse gênero de filmes e gostaria de entrar em contato com produtoras brasileiras de filmes eróticos. Como moro fora do eixo Rio—São Paulo, tenho dificuldade para obter endereços, mas sei que a competente equipe de ELE ELA poderá me ajudar. Mais uma vez, agradeço a atenção — *Marcos Rezende, Contagem — MG*

Reprodução

Retornam os Classificados.

Caro Marcos, recebemos suas duas cartas. Agradecemos os elogios e a confiança em nossa capacidade de apuração. Realmente, não temos notícia, até o momento, de produtoras de material audiovisual erótico sediadas nas terras das Minas Gerais, mas aqui vão os endereços de duas, cariocas: **Rio Vídeo Produções LTDA** (Rua Barata Ribeiro, 391, salas 1.007/1.009. Copacabana, Rio de Janeiro—RJ. CEP 22040 000. Tel.:/fax: 021—256-3128); **Art Plus LTDA** (Rua Visconde de Pirajá, 4, sala 307. Ipanema, Rio de Janeiro—RJ. CEP 24410 000. Tel.: 021—267-1748).

RELENDO E CONSULTANDO

Há algumas semanas, lendo um número antigo de ELE ELA, notei uma reportagem que me interessou muito, sobre ejaculação precoce, publicada em abril de 93, na edição nº 285. Apesar da excelente abordagem, bastante esclarecedora, a matéria não indica o endereço do especialista consultado, o Dr. Alfredo Romero *Paolo Cruz, Brasília DF*

Na edição nº 285 do mês de abril de 93 sua revista publicou uma excelente matéria sobre o problema de homens que sofrem de ejaculação precoce e como obter a cura. Peço informações sobre como poderei entrar em contato com o Dr. Alfredo Romero. Certo de contar com sua valiosa ajuda — *Júlio César dos Reis, Lagoa Santa — MG*

Caros Paolo e Júlio, é gratificante saber que as matérias de ELE ELA publicadas quase três anos atrás ainda se mantêm interessantes e úteis aos leitores. A clínica do Dr. Alfredo Romero funciona na Rua Almirante Pereira Guimarães, 408, Pacaembu, São Paulo SP. CEP 01250—000. Os telefones são: 011—65-2215 e 65-4647.

VOLTARAM!

Cadê os *Classificados*? *Paulo, de Belo Horizonte (MG), Mário Celso e Ivan, de Florianópolis (SC), José Donizetti, de Olímpio Noronha (MG) e vários outros.*

Regozijai-vos! Correi lá para as *Cartas do Forum*, porque eles voltaram!

DEUS DOURADO

Que tal se vocês brindassem a nós, mulheres, que também adoramos ELE ELA, com uma matéria (e uma foto dele vestido como veio ao mundo, é claro!) com o indescritivelmente *m-a-r-a-v-i-l-h-o-s-o* Marcos Manzano (o superlouro dono do Clube das Mulheres). O homem é um *Deus Dourado* — *Simoni Valantaine, São Paulo — SP*

Cara Simoni, compreendemos seu entusiasmo diante do sexo oposto, mas lembramos que a revista dá preferência à publicação de fotos com mulheres. Em todo caso, morando em Sampa, você tem a oportunidade de, sempre que possível, admirar ao vivo e de perto o tal deus dourado, não é mesmo?

ele ela

EDITOR-CHEFE: Janir Hollanda.
EDITOR-EXECUTIVO: Ney Reis.
DIRETOR RESPONSÁVEL: Murilo Melo Filho.
REDAÇÃO: Álvaro da Costa e Silva, Antonio Carlos Lisboa, Macedo Rodrigues (Chefe) e Renato Guima.
REPORTAGEM: Edgar Olímpio de Souza e Cristiane Simões.
EDITOR DE ARTE: Nélio Barbosa Horta.
DIAGRAMADOR: Jorge Luiz Carvalho Mariano.
PRODUÇÃO VISUAL: Rita Furtado.
MODA: Claudio Neves.
ASSISTENTE DE REDAÇÃO: Xico Magalhães.
SECRETÁRIA: Ângela de Barros Nunes.
FOTOGRAFIA: Indalécio Wanderley.
COMPUTAÇÃO GRÁFICA: Ricardo Trzmielina e Flávio Vianna Meneghesso.
PRODUÇÃO: Carlos Affonso de Lima.
DEPARTAMENTO COMERCIAL: Osmar Gonçalves.
MARKETING: David Klajmic.
PROJETOS ESPECIAIS: Roberto Antunes.
GERENTE DE PRODUTO: Moyses Fuks.
RIO DE JANEIRO
ADMINISTRAÇÃO, REDAÇÃO E CIRCULAÇÃO:
Rua do Russell, 804 – Tels.: (021) 555-4000 e 285-0033
Telex: (21) 21525 – Fax: (021) 205-9998
CEP 22210-010 – RJ
PARQUE INDUSTRIAL: Rua Cordovil, 520
Parada de Lucas – Tel.: (021) 391-6000 – Telex: (21) 22751
Fax: (021) 391-6959 – CEP 21250-4501 – RJ.
BRASÍLIA: Roberto Wagner Monteiro
Setor de Indústrias Gráficas, Quadra I – Lote 939
Tel.: (061) 321-5411 – Fax: (061) 224-1894
CEP 70610-400-DF.
SÃO PAULO: *Diretor:* Salomão Schvartzman
Avenida Professora Ida Kolb, 551/3º andar
Tel.: PBX (011) 856-4122 – Fax: (011) 856-4224.
MINAS GERAIS: Lúcio Portella – Av. Afonso Pena, 1.500
16º andar – Centro – Telefone: (031) 226-3799
Fax: (031) 273-1159 – CEP 30130-005 – Belo Horizonte.
RIO GRANDE DO SUL: Edgard Wallau Júnior
Av. Otávio Rocha, 115/18º andar – Tels.: (051) 224-4744
e 225-4972 – Fax: (051) 225-4972 – CEP 90020-151
Porto Alegre
PERNAMBUCO: Aldo Paes Barreto
Avenida Dantas Barreto, 498/2º andar
Telefones: (081) 224-0585 e 224-0972
Fax: (081) 224-0032 – CEP 50010-360 – Recife.
CEARÁ: Av. Antônio Sales, 2.666
Telefone: (085) 244-9066 – Fax: (085) 244-2523
CEP 60135-102 – Fortaleza.
BAHIA: Rua Almeida Sande, 40/1º andar – Banis
Tels.: (071) 321-8931 e 321-5060 – Fax: (071) 321-5548
CEP 40070-370 – Salvador.
PARANÁ: Erondi Elhke Mendes
Rua Marechal Deodoro, 211
Conj. 805/807 – Tels.: (041) 224-8263 e 224-8264
Fax: (041) 232-3224 – CEP 80020-320 – Curitiba.
EUA: *Correspondante:* Arnaldo Dines,
37 Carmine Street – Suite 308 – New York, NY 10014
USA – Tel.: (001212) 206-8256 – Fax: (212) 229-0530.
ITÁLIA: *Correspondente:* Daisy Benvenutti – Via Del Bollo, 3,
Milano 20121 – Tel.: (00392) 87-4007 – Milão.
FRANÇA: *Correspondente:* Gisela Heymann
Tels.: (00331) 46212101 – 47014520
Fax: (00331) 46215266 – 47014520
DISTRIBUIÇÃO: Bloch Editores
Rua do Russell, 766/10º andar
Tels.: (021) 555-4351 e 205-5877
Fax: (021) 205-0534 – Rio de Janeiro – RJ

Central de Atendimento ao Assinante:
RJ: 205-7371 – Demais estados: 0800 – 213018

ISSN 0531-9153

ANER

ele ela

Nº **319**/Ano XXVII
Fevereiro de 1996
Publicação Mensal

PRAZER & INFORMAÇÃO PARA O HOMEM

NOSSA CAPA: **Lúcia Garrido**, em fotos de Franco Marocco.

ENTREVISTA

6 CARLOS HEITOR CONY
O escritor e jornalista fala do sucesso do livro *Quase Memória*. Futebol, mulheres e política também estão em pauta nesta conversa com Alvaro Costa e Silva e Renato Guima.

A Era do *Swing*, página 74.

Foto MANCHETE IMAGENS

Foto RICARDO BENICHIO

amba em São Paulo, página 94.

Foto Divulgação

Vídeos eróticos, página 40.

NÁUTICA & PESCA

12 AZIMUT 36
A associação entre as indústrias italiana e brasileira originou a superlancha.

SERVIÇO

15 PRAZERES
Dicas variadas para quem sabe curtir a vida mesmo depois das férias.

MULHER

24 LÚCIA GARRIDO, a gata da capa, em fotos de Franco Marocco.

AUTOMÓVEIS

30 FIAT COUPÉ
Um carro de sonhos nas mãos de José Rezende-Mahar.

LIVROS

32 LANÇAMENTOS
Ficção, sexo e etiqueta nas obras divulgadas por Ney Reis.

MÚSICA

34 LANÇAMENTOS
Marcus Veras põe Sinatra, Elvis e *blues*, entre outros, no *CD-player*.

REPORTAGEM

40 A EXPLOSÃO DO VÍDEO ERÓTICO
Produtoras, elencos e locadoras saem lucrando com a expansão do mercado. Por Edgar Olímpio de Souza e Webber A. Lopes.

REVELAÇÃO

46 GATAS E GATINHAS
Cinco mulheres que até agora não estavam no mapa.

CRÔNICA

50 FÉRIAS
Quando tudo sai errado nos dias de descanso. Por Ney Reis.

PERFIL

54 JULIETTE BINOCHE
Moisés Liporage desnuda a estrela francesa de *Perdas e Danos*.

SERVIÇO

60
CONSUMO
Bons presentes e objetos do desejo, por Renato Guima.

ENSAIO

62 BUMBUM
A preferência nacional, na mira de Alexandre Costa e Silva.

PÁGINA 69

69 JÁ VI ESSE FILME
Luiz Pimentel e um diálogo no escurinho do cinema.

LAZER

70 SUMMIT
Jaime Borquez esquia nos Estados Unidos e nos conta toda a aventura.

DOCUMENTO

74 SWING
José Domingos Raffaelli mergulha na história dos 60 anos deste gênero musical.

DESTAQUE

78 GENTE
Renato Guima lista quem é ou vai ser notícia.

TURISMO

80 NATAL
As belezas da capital do Rio Grande do Norte, por André Duarte.

HUMOR

88 MAX NUNES
Luiz Bello conta um pouco sobre a vida do pai da piada eletrônica.

MPB

94 O SAMBA É NA GAROA
O que já foi chamado de túmulo do ritmo hoje é uma festa só. Por Edgar Olímpio de Souza e Alvaro da Costa e Silva.

Foto ALEXANDRE COSTA E SILVA

Bumbum, na página 62.

oto CRISTINA PINHEIRO

Natal, na página 80.

CINCO MINUTOS COM

100 HARRISON FORD
Marcelo Bernardes entrevista o astro campeão de bilheteria.

ESTILO

104 UM TESÃO!
As cores do verão a dois, num conversível.

IDÉIA

110 UM MACHO LATINO NO LESTE EUROPEU
O professor Angelo Segrillo fala do assunto com a experiência de quem já viveu na região.

MULHER

114 CARLA
Uma lourinha de provocar acidentes, em fotos de Photorama International.

FAIR PLAY

120 Hora de ir às festas com Antonjo Carlos Lisboa.

ÚLTIMA PÁGINA

122 O REENCONTRO
Carlos Eduardo Novaes conta a sedutora relação entre os dedos e a máquina...de escrever.

Náutica & Pesca

Alvaro da Costa e Silva

Fotos Divulgação — Intermarine

Azimut 36

Parceria Brasil e Itália é luxo só

PROSSEGUE a tendência de importar ao invés de produzir no Brasil, tal qual aconteceu na Argentina. É o famoso *efeito Orloff*, que sustenta a dependência entre os dois países. Assim como por lá houve uma retração brutal nos mercados à disposição dos fabricantes nacionais, quando da abertura das importações de barcos mais baratos e sofisticados, também deverá acontecer o mesmo no Brasil.

Primeiro, foi a associação da Cobra com a Bayliner. Agora, a Intermarine — que produziu a memorável Panther 33 une seus destinos à Azimut. Nome respeitado no mercado mundial, a fábrica italiana resolveu associar sua tecnologia ao baixo custo de fabricação nacional, trazendo para cá seus moldes e controle de qualidade. Serão fabricados cascos posteriormente montados sob supervisão, com todos os detalhes de sofisticação próprios da Azimut.

Fabricada com mão-de-obra nacional, a Azimut 36 traz moldes, controle de qualidade e detalhes sofisticados da fábrica italiana.

A primeira cria do acordo é uma 36 pés, com previsão de estar na água em abril. Dela, podemos conhecer interior e *performance*. As linhas são o que se poderia esperar da fábrica italiana, com pés no passado da mais fina tradição marinheira e mãos no futuro da mais rebuscada construção em fibra de vidro. Basta dizer que, ao menos na Itália, há garantia de dez anos contra a osmose (infiltração de água na fibra).

O *design* é arredondado como mandam os cânones atuais, mas sem perder certa aparência brava e *grintosa*, que caracteriza todo barco ou carro italiano. Revestido em couro e *rádica*, o interior é uma obra-prima de trabalho em marcenaria, com madeiras de cerejeira aplicadas com extremo bom gosto e revestidas com sete demãos de verniz.

Há um salão com *dinette* à esquerda, por trás do comando interior, enquanto, à direita de quem entra na cabine, fica mais um sofá. Três degraus abaixo, a cozinha de bordo apresenta fogão de três bocas, microondas e geladeira de 120 litros. Existe uma cabine principal na proa, com cama de casal e banheiro privativo.

A Azimut recomenda pares de motores Caterpillar 3116, de 300 HP. Com esse potencial, atinge-se velocidades máximas da ordem de 30 nós e 27 nós de cruzeiro, com toda segurança e conforto. O consumo dos Caterpillar, segundo dados da fábrica, fica em torno de 55 litros por hora, o que lhe permite uma autonomia de aproximadamente 16 horas ou 450 milhas náuticas. Com 90 por cento da capacidade dos tanques (1.000 litros), é mais do que suficiente para ir do Rio a Santos sem reabastecer. Se o preço for competitivo, a Azimut 36 vai dar o que falar, marcando época para a náutica brasileira.

José Rezende-Mahar

The Phoenix

Vôo alto na noite paulistana

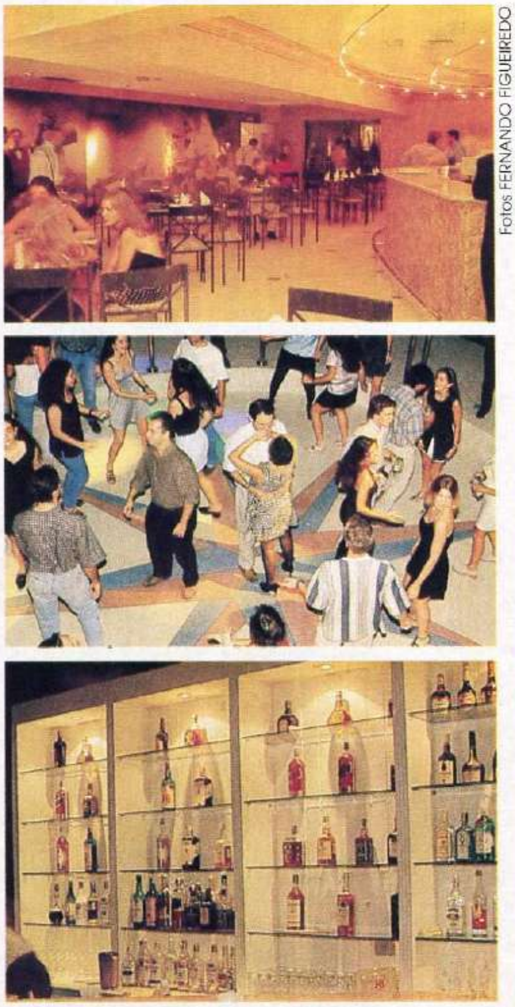
HÁ um consenso entre os freqüentadores da The Phoenix, no Itaim: qualquer um deles dirá que a casa é o reduto das pessoas mais bonitas da noite paulistana. Pode ser exagero daqueles que batem cartão ali, mas o comentário não está muito longe da realidade. Trata-se, antes de mais nada, de um projeto vitorioso. O início: há quatro anos, seis amigos, todos com menos de 25 anos, decidiram reunir experiências e abriram uma casa em Campos do Jordão batizada de The Phoenix, com jardim de inverno, bar tropical e duas pistas de dança com programas de sons diferentes. O meio: a acolhida foi tão grande que outra surgiu, no Guarujá. O fim: por se tratar de cidades turísticas, as duas casas passaram a funcionar durante as temporadas e uma terceira nasceu, a tal do Itaim, paraíso das belas e belos de São Paulo.

"Cultivamos um público selecionado, oferecemos uma cozinha de primeiro nível, um espaço descontraído e um som sempre agradável e dançante" tenta justificar um dos sócios, Bazinho Ferraz. A The Phoenix, nome inspirado na ave egípcia que sempre renasce das cinzas, tem o condão de cativar o estreante em todos os sentidos. Sua arquitetura segue padrões arredondados. Os ambientes são convidativos. Na pista de dança, circundada por *mezzanino*, o som é uma mistura de *dance* com *rock*. O restaurante, em estilo greco-romano, traz no cardápio, além de massas e saladas preparadas pelo *chef* Ivanildo, ex-Fasano, coquetéis especialmente elaborados como a caipirinha *Phoenix* (*kiwi* com saquê) e o *Sex on The Beach* (vodca, suco de laranja, licor de pêssego e mandarino).

Artistas, modelos e *socialites* engrossam o cordão dos freqüentadores. Numa noite, é possível trombar com o ex-piloto Emerson Fittipaldi ou dar de cara com a atriz Luana Piovani ou a modelo Adriane Galisteu. "Não é à toa que na astrologia The Phoenix significa sucesso, êxito" brinca Ferraz. "Um dos segredos daqui é o fato de que fomos *promoters* durante muitos anos e falamos de igual para igual com o nosso público" emenda.

O estilo diferenciado do lugar agrada os amigos Nara Botelho, 17 anos, Camila Iódice, 18, Marcos Berger, 20, e Danila Mansur, 18. "A casa é o máximo e concentra as pessoas bonitas da cidade", garante a loura Danila. "Nós freqüentamos outras boates, mas na minha opinião esta é a melhor", aposta a morena Camila. Encostado ao bar, ao lado da pista de dança, o casal de namorados André Barros, 24 anos, e Daniela Sodré, 20, reforçava o palpite anterior. "É *chic* e sem burocracia, povoada por gente bonita e moderna" diz Barros, que dias atrás havia organizado uma festa ali reunindo dezenas de Andrés. Um deles, André Abud, 23 anos, emendou: "Só não dou umas paqueradas porque trouxe minha namorada" ri, olhando para Patrícia Minero, 20. "Há também muitos gatinhos aqui" rebateu ela. A bela *promoter* Cláudia Martins, 25 anos, garantia que ninguém mentira ao apontar a casa como ponto de encontro de *apolos*. "Aqui se encontram as pessoas mais bonitas de São Paulo" diz Cláudia, uma morena que costuma despertar suspiros na The Phoenix. Depois de tamanha propaganda, o jeito é ir conferir.

Edgar Olimpio de Souza



Os amigos Nara, Danila, Marcos e Camila (abaixo) aprovam o estilo diferenciado da casa com restaurante, pista de dança e bar (à direita); para André, Patrícia e Cláudia (embaixo) o lugar concentra gente bonita.

Fotos FERNANDO FIGUEIREDO

Fry-Chicken
O frango mais veloz do mundo

FOI-SE o tempo em que o frango era considerado um prato popular, sem *glamour*, pelo menos na mesa dos brasileiros. Hoje, com a geração saúde torcendo o nariz para a carne vermelha e os preços do pescado na estratosfera, o bom franguinho está na moda. Ele aliou as virtudes de ser saudável, e de fácil digestão, com preços bastante reduzidos.

Essa mudança de hábito pode ser comprovada na média de 1.200 — com a meta de chegar a 2.000 — frangos vendidos, ao dia, pela mais recente loja da rede *Fry Chicken* (uma idéia importada dos Estados Unidos), no Rio de Janeiro, na Avenida Brasil 6.601.

A empresa, criada há 20 anos em São Paulo, possui 97 filiais espalhadas pelo país. No Rio, são três: uma no Plaza Shopping (Niterói), outra no Ilha Shopping (Ilha do Governador), além da recém-inaugurada central na Avenida Brasil, que serve como distribuidora para as demais. A receptividade foi tão boa, em um mercado ainda não explorado como o carioca, que, segundo o gerente-geral Ney Richardson, há previsão desse número subir para 50, até junho.

O segredo do sucesso foi montar um serviço de atendimento *fast food* sem tornar a comida industrializada. Para isso, a empresa segue um criterioso padrão. O frango nunca deve exceder 1kg, sendo resfriado para não perder o sabor, o tempero à base de ervas naturais não contém sal e a gordura é hidrogenada. Como resultado, fica delicioso e crocante, "podendo também ser consumido por pessoas com úlceras e colesterol alto", garante Richardson. Do Canadá, a empresa exporta uma batata própria para fritura, e as verduras, utilizadas nas saladas, estão sempre frescas.

Fotos JOÃO SILVA

Baseado no gosto brasileiro, o cardápio foi elaborado a partir de uma pesquisa que levantou o que de melhor acompanha o frango. Os ingredientes escolhidos foram o aipim, a batata e a polenta. Os lanches vêm servidos em cestas forradas com papel manteiga, ou em *kits*. Tanto as cestas quanto os *kits* são classificados por números, indicando a quantidade de pessoas para consumo. Para as crianças, existe uma linha de sanduíches.

Com capacidade para 60 pessoas, o *Fry Chicken* da Av. Brasil ocupa uma aréa de mil metros quadrados. Logo na entrada, fica o lavabo, pois o gostoso do frango (e como manda a etiqueta) é comê-lo com as mãos, sem vergonha de se lambuzar. O cliente também pode decidir-se pelo atendimento *drive thru*. O lanche é servido diretamente no carro, em uma das 20 vagas do estacionamento.

O *Fry Chicken* funciona de 2ª a 5ª, de 10h à meia-noite; de 6ª a sábado, de 10h à 1h; e aos domingos, de 11h à meia-noite.

Com um cardápio à base de frango, o Fry Chicken da Av. Brasil (acima) tem capacidade para 60 pessoas; o lanche, que vem em cestas, *kits* ou sanduíches, (embaixo) pode ser servido diretamente no carro (à esquerda).

PEQUENO CARDÁPIO

Nº 1 — três pedaços de frango, fritas, mandioca ou polenta, salada de maionese e pão especial (R$ 5,70).
Nº 2 — cinco pedaços de frango, fritas, polenta ou mandioca (R$ R$ 6,90).
Nº 3 simples — nove pedaços de frango, sem acompanhamento (R$ 8,70).
Nº 3 completo — nove pedaços de frango e uma porção de fritas, mandioca ou polenta (R$ 9,90).
Nº 4 — qüatorze pedaços de frango, acompanhados de fritas, polenta ou mandioca (R$ 15,50).
Nº 5 — dezoito pedaços de frango, acompanhados de polenta, mandioca e fritas (R$ 19,50).
O freguês ainda pode pedir frango à passarinho com polenta xadrez (R$ 9,90), ou o lanche especial — 12 pedaços de frango acompanhados de uma porção de polenta, meia porção de fritas e mandioca, com quatro saladas e quatro pães especiais (R$ 22,50).

Webber A. Lopes

Teresópolis

Da serra fluminense para o mundo

Fotos ADALMIR CHIXARO

O turismo teresopolitano vai ganhar novo impulso. Seguindo os exemplos do Rio e de São Paulo, que têm Convention & Visitors Bureau, estão sendo criadas a Companhia de Turismo de Teresópolis e a Empresa de Fomento Turístico e Desenvolvimento Sustentável de Teresópolis, com a finalidade de vender a imagem da cidade no Brasil e no exterior.

O movimento prevê a execução de projetos de recuperação de áreas com problemas de conservação, melhoria da infra-estrutura de serviços básicos e da qualidade de atendimento ao turista e a criação de calendário anual de eventos.

O projeto já começa a render frutos. Em novembro, foi assinado um protocolo de intenções de geminação entre Teresópolis e a cidade de Vale de Cambra, em Portugal. A cidade foi escolhida pelas semelhanças geográficas e pela grande colônia portuguesa existente na região.

O Secretário de Turismo de Teresópolis, Luiz Carregal, destaca os benefícios do acordo: "Estão previstos investimentos com verbas a fundo perdido da Comunidade Comum Européia, que poderão apoiar a cidade de Teresópolis nos setores turístico, cultural e educacional, com o intercâmbio de alunos", enfatiza.

Teresópolis tem atrações como o Dedo de Deus (ao lado), o Parque Nacional da Serra dos Órgãos (alto, à direita) e o trutário L'Aquaticus; o Hotel Alpina (abaixo) é uma das boas opções de hospedagem.

Teresópolis merece este tratamento especial. Localizada no topo da Serra dos Órgãos, cercada de verde e com clima ameno, a cidade fluminense conquista os apaixonados pela natureza com sua paisagem de extraordinária beleza. Na estrada, o visitante já se depara com o imponente Dedo de Deus, com 1.692 metros de altura. O roteiro turístico pode começar logo na entrada da cidade, no Parque Nacional da Serra dos Órgãos, com trilhas e vegetação exuberantes. Lá está localizada a Pedra do Sino, o ponto mais alto da cidade, com 2.263 metros de altitude. No parque, pode-se tomar banho nas cascatas e na piscina natural. As cachoeiras do Rio dos Frades (na estrada Teresópolis—Friburgo), a Cascata do Imbuí e a dos Amores são outros pontos refrescantes que a cidade oferece aos que buscam sombra e água fresca.

A Vista Soberba, com o panorama da Baixada Fluminense e da Baía de Guanabara e a Colina dos Mirantes são garantias de belas fotos. Outro cenário privilegiado é a Granja Comari, que abriga a sede da Confederação Brasileira de Futebol. O lago é cercado por casas e mansões em estilo colonial. A sede da CBF é um superequipado centro esportivo para atletas de várias modalidades, principalmente da Seleção Brasileira de Futebol. A tranqüilidade só é alterada com a chegada das tietes e dos jornalistas de plantão.

Mas Teresópolis também permite visitas originais como ao Orquidário Aranda, na Estrada do Quebra-Frasco, com exposição e cultivo de cerca de 10 mil orquídeas. Outro programa diferente é ir ao L'Aquaticus, um centro de criação de trutas, carpas e rãs. Lá, pode-se pescar a própria truta, depois preparada pelo italiano Armand Ravanett, para então degustá-la.

O compositor e cantor Ivan Lins foi um dos que trocaram a vida urbana do Rio pelo sossego de Teresópolis. Há seis anos, Lins começou a construção da casa no condomínio do Teresópolis Golf Clube, onde reside com a mulher Valéria. A mudança se reflete na música de Ivan: "Aqui, tenho tranqüilidade e um contato maior com a natureza. Viver em Teresópolis me inspira mais, tenho paz para compor e minha música ficou mais leve." Melhor cartão de visitas, impossível.

Antonio Carlos Lisboa

Foto MARCO ANTÔNIO REZENDE

Fotos MANCHETE IMAGENS

Autódromo Nélson Piquet

Os motores voltaram a roncar

O Rio de Janeiro ganha novas curvas com a reforma do Autódromo Nélson Piquet, em Jacarepaguá. Tudo para receber, em grande estilo, a prova da Fórmula Indy, no próximo dia 17 de março. O circuito, que foi reaberto em outubro de 95, com a 11ª etapa do Campeonato Mundial de Motociclismo, já recebeu investimentos de 18 milhões de dólares. Outros dez milhões estão sendo aplicados na conclusão do anel externo da pista para os carros da Indy.

A expectativa em torno da prova cresce por conta do desempenho dos sete pilotos brasileiros que correram na Indy este ano, com destaque para Émerson Fittipaldi e Gil de Ferran. Este foi eleito piloto-revelação de 1995 por vencer na categoria no mesmo ano de estréia. O contrato da Prefeitura do Rio com a Indy Car vale até 1999, mas a administração carioca também pretende trazer de volta a Fórmula-1. Já o contrato com a Federação Mundial de Motociclismo vale para 1996, com opções de realizar novas provas nos dois anos seguintes.

O Secretário Municipal de Turismo e presidente da Riotur, Marcelo Siqueira, está apostando as fichas na reabertura do autódromo. Proprietária do circuito, a empresa é responsável pelos investimentos nas reformas. "Conseguimos um público de 30 a 40 mil pessoas nas duas primeiras provas. A rede hoteleira recebeu cerca de seis mil pessoas por causa do Grande Prêmio Brasil de Motociclismo", contabiliza.

Nem o Prefeito César Maia poderia imaginar retorno tão espetacular do circuito carioca aos calendários esportivos nacional e internacional. A 11ª etapa do Campeonato Mundial de Motociclismo, disputada na pista de 5.037 metros de comprimento por 12 metros de largura, definiu de forma emocionante o campeão mundial nas categorias 125 e 250 cilindradas. O público lotou as novas arquibancadas cobertas para ver o japonês Haruchika Aoki, de apenas 19 anos, sagrando-se campeão mundial na categoria 125 cilindradas, pilotando uma Honda.

Nas 250, o italiano Massimiliano Biaggi perseguiu, durante toda a corrida, o compatriota Doriano Romboni, o vencedor da prova. Na última volta, Biaggi saiu forte demais de uma curva e foi passear na grama, enquanto Romboni disparava para vencer. Mesmo assim, o segundo lugar valeu o bicampeonato para Biaggi, já que o adversário direto na luta pelo título, o japonês Tesuyo Haranda, não passou do terceiro lugar.

O brasileiro Alexandre Barros ficou com o melhor tempo na categoria 500 cilindradas e chegou num honroso oitavo lugar na prova. O líder e o vice-líder do Mundial, os australianos Michael Doohan e Daryl Beattie, assistiram do segundo e terceiro lugares, respectivamente, à magistral vitória do italiano Luca Cadalora, com uma Yamaha.

Nélson Piquet (à esquerda), no pódio do Grande Prêmio Brasil de Motociclismo, prestigiou a reabertura do autódromo, que irá trazer para o Rio a Fórmula Indy, revivendo as emoções da Fórmula-1 (foto maior).

Na segunda grande competição após a reabertura do autódromo, o público reencontrou as emoções do automobilismo nacional. E, para comemorar, Wilsinho Fittipaldi deu um *show* de pilotagem com o Omega Stock-Car, conquistando a primeira vitória do ano, após espetacular duelo com Paulo Gomes, líder do campeonato.

Outros tipos de evento também poderão ser realizados no Autódromo Nélson Piquet. Tudo vai depender da competência da iniciativa privada, quando assumir a administração do local. Logo depois da Fórmula Indy, valorizado pelas reformas e pelos espetáculos com casa cheia, a Riotur vai divulgar o edital de privatização do autódromo. Os interessados podem preparar seus motores e procurar um lugar no *grid* de largada...

Heitor de Assis

Fotos PHILLIP CARUSO — Universal

Cassino

Nunca houve mulher como Sharon

ELA finalmente conseguiu. Depois de 12 anos de carreira, Sharon Stone, aos 37 anos, realizou o sonho de contracenar com Robert De Niro no filme *Cassino* e conquistou sucesso de crítica e público nos EUA. Reconhecida como atriz de primeiro time, a loura fatal teve indicação para o Globo de Ouro e pode concorrer ao Oscar de melhor atriz coadjuvante. Desde *Instinto Selvagem* — filme em que se consagrou como estrela —, Sharon não tinha um papel de tanto destaque. "Logo que comecei a estudar, disse para meu professor de teatro que um dia trabalharia com De Niro", diz ela. E relembra: "No início das gravações, eu tremia ao fazer uma cena com ele, mas aos poucos fui me acalmando."

Cassino tem estréia nacional no dia 15 de março e é mais uma produção em que Martin Scorsese trabalha com o roteirista Nicholas Pileggi a dupla já havia feito *Os Bons Companheiros*. Persistindo no tema sobre mafiosos, o diretor deixou de lado o crime nova-iorquino e filmou a atuação dos gângsteres nos cassinos de Las Vegas numa época em que a cidade ainda não servia de passeio para a velha classe média americana. Todos os fatos são verídicos e estão registrados em depoimentos na Corte Federal dos EUA.

Trabalhando novamente com Scorsese, Robert De Niro e Joe Pesci são os protagonistas junto com a rápida e mortal Sharon Stone. Ace Rothstein (De Niro) é um judeu, jogador talentoso que assume o comando dos cassinos da Cosa Nostra. O personagem é inspirado na vida do mafioso Frank *Lefty* Rosenthal. As coisas funcionam bem até a chegada de seu amigo de infância, Nicky Santoro (Pesci), um criador de casos que é mandado pela máfia italiana para proteger Ace. Ginger McKenna (Stone) completa o triângulo amoroso. Vestida em modelos sensuais dos anos 70, Sharon ganhou elogios com sua *performance* de mulher drogada e alcoólatra.

O filme conta com cenas consideradas violentas pela crítica americana, mas Scorsese se defende alegando que tudo que se refere à máfia tem de ser retratado desta forma. "É um filme para adultos. Seria impossível fazer diferente", diz ele. Nem tudo é tão agressivo. Há melhores momentos quando Sharon divide a cama com Pesci. Os dois fazem juntos a parte do filme que será mais lembrada e comentada. "Foi maravilhoso atuar com Sharon. Ela está tão sensual em nossas cenas que eu fico até parecendo gostoso!", brinca Pesci. A atriz também está convencida disso: "Sei que desta vez consegui mostrar meu talento como nunca havia tido oportunidade antes. Quero entrar no *set* sem ter que me preocupar com o que os críticos vão dizer." Bem lembrado, pois antes a atriz não foi bem em produções como *Sliver Invasão de Privacidade*, *O Especialista*, *Intersection* e *Rápida e Mortal*.

Mesmo com o clima *caliente* entre Sharon e Joe Pesci, a atriz elegeu o beijo de De Niro como melhor. "Que Pesci me desculpe, mas o De Niro..." Ainda continuou brincando: "Não falem isso para o Pesci, ele vai ficar furioso!" Para compor sua personagem, a atriz quase não teve material para ler Ginger morreu e tudo sobre ela desapareceu. A única coisa que se sabe é que ela realmente roubou dinheiro do marido, seqüestrou a filha e estava ficando louca.

Demorou, mas agora Sharon Stone também tem seu nome na calçada da fama em Hollywood. Ganhou em novembro do ano passado a estrela de granito na Sunset Boulevard. Seu próximo trabalho é a refilmagem do *thriller As Diabólicas*, em que contracena com Isabelle Adjani. Isso lhe tem rendido o título de musa na França, mas ela reclama: "Ser famosa às vezes é irritante porque as pessoas começam a dar rótulos sem parar." E que rótulos! Linda, desejada por todos e mesmo tendo alcançado uma boa repercussão em seu trabalho, a atriz acha que só será levada a sério quando ganhar um Oscar. Só ela que pensa assim, porque seu público a idolatra desde aquela cruzada histórica de pernas em *Instinto Selvagem*.

Cristiane Simões

Sharon está ainda mais linda no filme *Cassino* (no alto, à direita); numa cena quente com De Niro (na foto, à direita); e jogando seu charme num dos cassinos de Las Vegas (foto abaixo).

Sensualidade e suingue irresistíveis

Fotos JOÃO CORDEIRO JR.

Na foto mais à esquerda e abaixo, Lucciana Machado mostra todo seu *sex appeal*; ao lado, junto com os outros integrantes do Estylos Brasil: seu irmão Bruno Machado e a atriz Marcela Muniz.

ALÉM de ser a estrela do conjunto Estylos Brasil, Lucciana Machado prometeu arrasar como destaque da Portela no carnaval carioca, no carro alegórico Tropicália, que representava as notas musicais. Há um ano, a modelo, dançarina e cantora vem excursionando com seu *show* de samba-reggae, tendo se apresentado no Rio, Niterói, Goiânia e Recife. O grupo conta com a participação do irmão de Lucciana, o vocalista e ator Bruninho Machado, e com a cantora (*backing vocal*) e atriz Marcela Muniz. “É a primeira vez que desfilo e estava muito ansiosa. É, sem dúvida, uma emoção muito grande”, diz a carioca Lucciana.

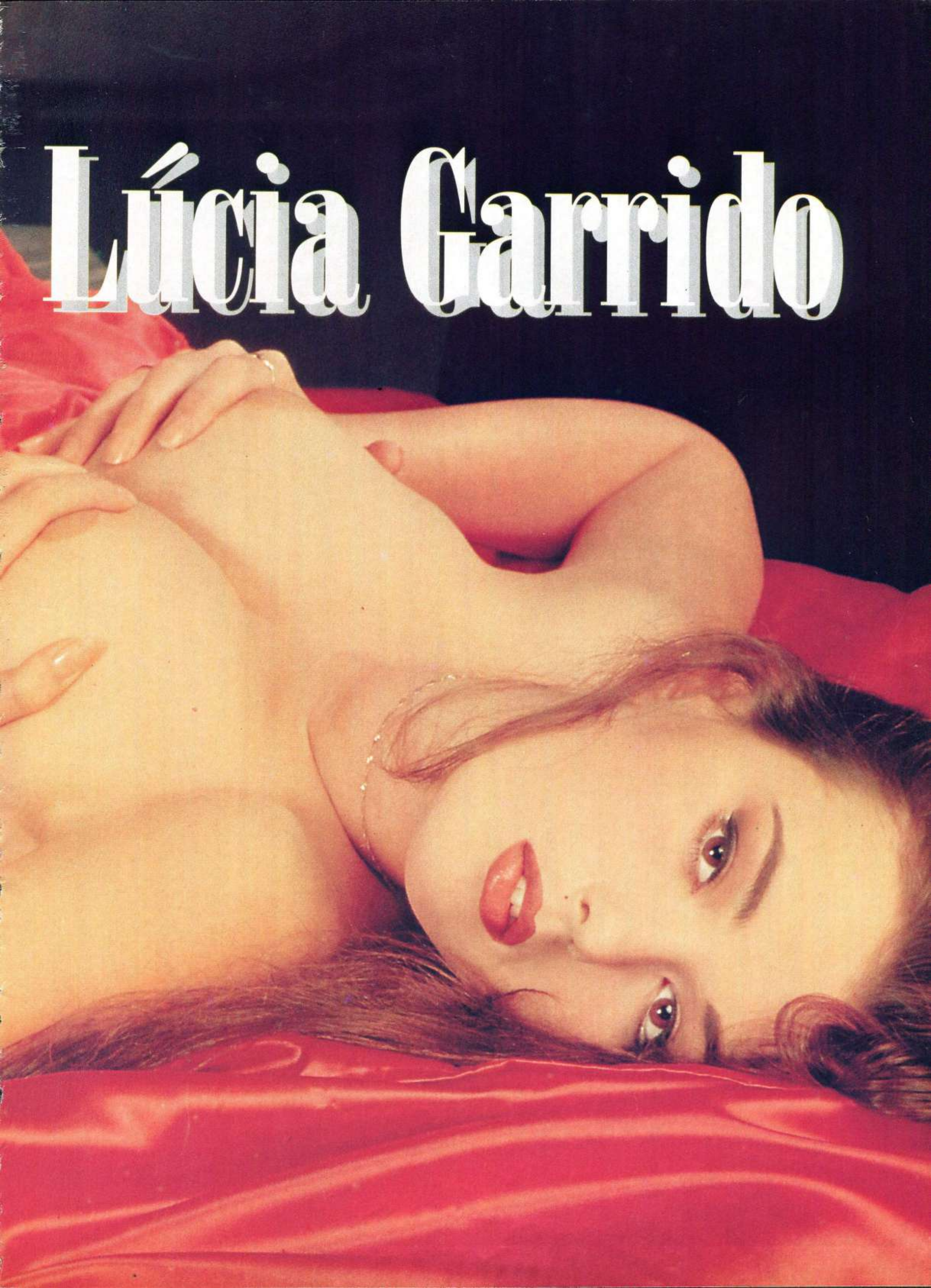
Sob a direção de Nei Machado, o grupo Estylos Brasil está viabilizando a gravação do seu primeiro CD com composições próprias, como *A Dança da Tabuada* e *Mistura de Amor e Mar*, e se prepara para uma turnê nos Estados Unidos em maio. Lucciana pretende deixar um pouco de lado a profissão de modelo para se dedicar integralmente às apresentações. Durante sua carreira, ela já ganhou o primeiro lugar num concurso de camisetas molhadas em Miami. “Isto foi quando morei em Nova Iorque. Fiquei lá durante três anos. Apresentava *shows* de lambada, mas agora quero ficar no Brasil. Vou continuar estudando dança e canto para me aperfeiçoar”, conta ela.

O que mais atrai o público é o *sex appeal* de Lucciana e o suingue baiano das músicas. Sempre vestindo mini-shorts ou minissaias, ela faz questão de realçar também seus seios fartos em danças sensuais e provocantes. “A maior parte da platéia é masculina, mas acho que aos poucos estamos conquistando mais pessoas”, afirma a modelo. Sempre com histórias interessantes e picantes, Lucciana segue contando: “O lugar mais estranho onde transei foi num provador de *lingerie* nos Estados Unidos. Fui junto com o meu namorado e, enquanto estava experimentando uma calcinha, fiquei com aquele tesão. Chamei-o, fechamos a portinha e não deu outra. Foi ali mesmo.” A cantora e dançarina gosta de homens inteligentes, mas que sejam ao mesmo tempo esnobes e metidos. “Eles têm que ter personalidade e é indispensável que sejam cavalheiros”, resume Lucciana. Para quem quiser conferir, o telefone de contato para *shows* é: (021) 295-4233.

Lúcia é a garra em pessoa, sem querer fazer trocadilho com seu nome. A morena garante que consegue tudo o que quer. Também, com esse visual! Romântica, ela prefere lugares frios, para curtir a dois um bom vinho, a chama da lareira, o fogo da paixão...

Fotos FRANCO MAROCCO

Lúcia Garrido



Carinha séria, não acha? Ela é uma gata, às vezes, brava, não brinque com Lúcia. Ou brinque, quando e como ela quiser. A morena conta que adora beijos *calientes* e que passear abraçadinha com alguém ao cair da tarde pode inspirá-la a cada coisa...

Automóveis

José Rezende-Mahar

Fotos JOSÉ REZENDE-MAHAR; Modelo LILIAN DIESEL

Fiat Coupé
A volta de um sonho à italiana

AUDÁCIA desde sempre foi uma das virtudes do *design* italiano, agora sublinhada por um dos projetos mais belos já chegados ao Brasil, o Fiat Coupé. A base do carro é a plataforma do Tipo. Aqui ela se apresenta para uma das mais finas missões que já lhe foram confiadas, a de reencarnar, atualizada, a fantasia do Coupé italiano, de largo consumo nos anos 60 e 70.

Na Itália, foi gerado todo o projeto, com o exterior desenhado pelo Centro Stile Fiat e o interior pela Pininfarina, apesar de todos os letreiros externos que dão a impressão de que o *design* todo é Pininfarina. É possível alojar dois passageiros de mais de 14 anos no banco de trás com uma certa cooperação dos que estão à frente, como é a verdadeira essência do 2+2.

Mistura bem-sucedida de detalhes inspirados no passado, como a tampa do tanque de combustível que poderia ter vindo direto das Mille Miglia dos anos 50 e o painel na cor do carro, a chave de ignição e o acelerador. No Coupé Fiat existem ao mesmo tempo os faróis ultramodernos que iluminam muito bem no facho baixo. Do tipo projetor elipsoidal, eles têm uma cobertura duplamente boleada que lembra a preferência nacional (ver página 62).

Há uma certa audácia estética, em detalhes como os cortes diagonais por cima das rodas, que dão personalidade ao carro mas sem apelação, os quais também marcam os limites do enorme capô que, ao ser levantado, traz consigo os faróis. Assim acontece também na traseira, com o tradicional esquema italiano de duplas lanternas redondas.

O interior de couro é opcional, bem como ar-condicionado, o alarme instalado adicionalmente ao

MERCEDES BENZ 230 SLK

Preocupada com os níveis de preços de seus carros, principalmente os esportivos inigualáveis, a marca da estrela resolveu projetar mais um daqueles carros que vão marcar época: é a 230 SLK (à direita). Como diz seu nome, ela é esportiva, leve e compacta. O motor tem compressor mecânico, para responder melhor que um turbo ao comando do acelerador, e alcança 197 cavalos. Levando em conta que o SLK pesa menos de 1.300kg, isso é suficiente para fazê-lo voar baixo. Detalhe de fino gosto é a capota elétrica e metálica, que se dobra em duas e entra na mala. Ou veda o SLK como um coupê normal. À venda no segundo semestre, por preço ainda a ser fixado.

Fotos MANCHETE IMAGENS

PALIO, O NOVO FIAT

Projetado para substituir o Uno por causa da concorrência que se acirra da parte da VW e da GM, foi mostrado recentemente o Palio (à esquerda, embaixo), cujo nome define as coberturas usadas sobre os santos ou os reis nas procissões ou desfiles. Ele vem para ocupar o topo de linha, ao menos no começo. Vai ser vendido e produzido em vários países, como foi o plano do Escort original, sendo um *world car*.

Terá inicialmente dois motores: um 1.500 a gasolina e álcool e um 1.600

imobilizador Fiat Code (para ligar o carro, a chave tem que ter um *chip* de identidade ou o motor não pega) que já vem com o carro, *air-bag* e teto solar. Dos equipamentos originais, vale sublinhar a coluna de direção regulável em distância e altura. Há também medidores de pressão e temperatura do óleo no painel completo. Os bancos são acentuadamente esportivos e proporcionam uma posição de pilotar baixa e recostada, confortável e plenamente de acordo com a proposta do Coupé. Os comandos estão perfeitos em suas posições, como a excepcional, precisa, alavanca de câmbio. Os bancos traseiros rebatem aumentando muito o espaço para bagagem. No mais, o Fiat Coupé tem tudo que um carro de sua classe deve ter e mais uma embreagem razoavelmente leve.

De mecânica, o Coupé tem a mesma do Tipo 16V O motor de quatro cilindros e dois litros, colocado transversalmente na frente, produz 137 cavalos e uma boa soma de torque, 18,4 kgm, com 80% disponível a 2.000 rpm. O motor tem dois eixos contra-rotantes que asseguram baixo nível de vibração, com funcionamento redondo e gostoso como poucos.

Na Itália, há uma versão Turbo com 195 cavalos que não resistiu à baixa octanagem da gasolina brasileira, restando a pergunta: por que não usar a mecânica do Tempra Turbo? Os 165 cavalos viriam a calhar, já que potência, dinheiro, saúde e amor nunca são demais...

O Coupé se move com rapidez e energia, acelerando de zero a cem por hora em 10,2 segundos, fechando 204km/h e fazendo uma média de 9 quilômetros por litro, o que lhe dá uma autonomia de aproximadamente 500 quilômetros com um tanque de 60 litros. As reações ao acelerador são inicialmente lentas, como em todo motor de 16 válvulas, mas depois de 3.500rpm a festa começa. O motor ronca firme e bonito, talvez o melhor som nacional de 4 cilindros, acelerando forte até praticamente 180, quando fica mais *soft* para alcançar os 200 e poucos de final. O Coupé anda muito e faz curvas dignas de despertar paixão.

O segredo para evitar o que se chama de traseira mal controlada é calibrar os pneus com a especificação de carga máxima: 35 libras na frente e atrás. Isto nos permite dizer que, em termos de comportamento de estrada, este, sem dúvida, é o melhor de todos os Fiat, desde que se saiba o que fazer nas horas decisivas.

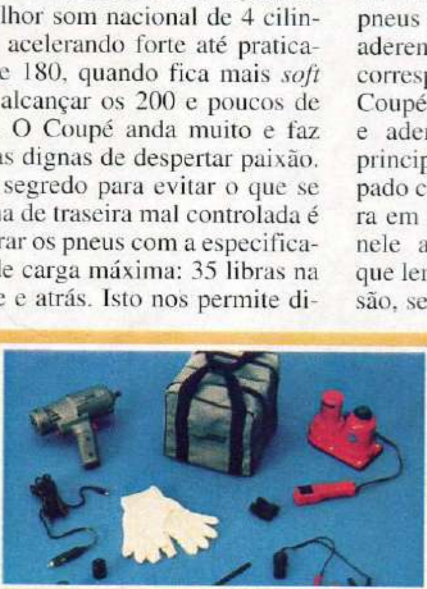
O Coupé é mais baixo que o Tipo, o que lhe dá um comportamento bastante interessante. Não que o Tipo seja ruim, aqui reconhecidas as suas qualidades dinâmicas. Outra vantagem do Coupé são os pneus de perfil extrabaixo, mais aderentes e duros que os do Tipo correspondente. Eles permitem ao Coupé fazer curvas com segurança e aderência lateral invejável e, principalmente, frear muito. Equipado com ABS, pára a 100 por hora em menos de 40 metros. Sobra nele a música do escapamento, que lembra um tenor ou mesmo tesão, sem o qual não há solução.

Com interior concebido por Pininfarina e *design externo* Fiat, o Coupé tem bom torque, é craque nas curvas e dá conforto ao piloto; o motor é igual ao Tipo 16V.

de 16 válvulas, oferecendo três níveis de acabamento, tendo em seu futuro versões de três volumes, camioneta, furgão e picape, como tem atualmente o Uno.

FIAT EM KIT

Se houvesse um Premio Nobel de Marketing, nesse ano que começa, a escolha já estaria feita: é o *kit* de troca de pneus que esta à venda nas revendas Fiat (à direita, em cima). Trata-se de um macaco elétrico para ligar no isqueiro do carro, lugar que também dá energia para a chave de rodas elétrica. É uma espécie de furadeira-pistola que aperta e solta as porcas de roda, eliminando a força física do ato de trocar um pneu, detalhe vital para os que não têm força ou paciência.



FORD AEROMAX, IMPORTADO

A Ford chegou com um balão de ensaio: o Ford Aeromax americano. Dotado de motor Cummins de 14 litros Turbodiesel, que rende 410 cavalos, tem todos os luxos de uma Lincoln como ar-condicionado, direção hidráulica e injeção eletrônica, que permite até controle de acelerador, o Cruise Control, além de som, ar-condicionado quente e frio e um rastreador por satélite, que permite saber em tempo real, onde está o Aeromax e comunicar-se com o motorista.

Música

Marcus Veras

FRANK SINATRA: PULE DE DEZ

Foto Capitol Records — Divulgação

Foto R. GALELLA — Sygma

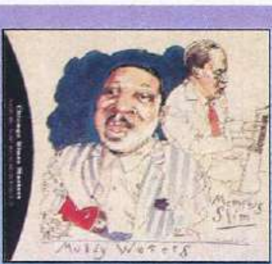
Na cola da fama e da fortuna desde 1937, o hoje oitentão Frank Sinatra tem uma discografia daquelas de encher estantes. A troca do vinil para o CD não mobilizou a princípio as gravadoras, que guardaram seus tesouros com sovinice. Mas a provecta comemoração do final do ano passado em torno de *A Voz* gerou bons e maus lançamentos: que se acautele o consumidor — ***a boa*** é checar repertório, data de gravação, maestro e orquestra... Se não houver informações, melhor não comprar.

Correndo em outra raia, a EMI-Odeon lançou ***Sinatra 80th All The Best*** — pule de dez, diria o aficionado do turfe. Nas patas ligeiras do CD duplo corre uma fieira de sucessos interpretados por um Sinatra maduro em gravações realizadas entre 1953 e 1960. Os puristas garantem: é a última grande fase do homem. Preciosamente embaladas pelos arranjos de Nelson Riddle, lá estão, entre quarenta faixas, ***Three Coins In The Fountain, I've Got You Under My Skin, I Get A Kick Out of You, I Love Paris, The Lady Is A Tramp...*** É livrar duas cabeças a cada cem metros e correr para o abraço. E eu ganhei um litro de suco de malte, pois apostei que escreveria vinte linhas sobre Frank sem usar o manjado clichê ***Old Blues Eyes***. Ih, perdi!

CHORA ZÉ

ASSÍDUO freqüentador de formações alheias, o *windman* Zé Nogueira comparece ao mercado com o excelente *Disfarça e Chora*, pelo selo MPB, distribuído pela Warner, pilotando em todas as faixas um sax soprano de bela calibragem. Como já é hábito entre os instrumentistas brasileiros que só gravam se for no esquema independente —, Zé arregimentou uma banda onde saltitam o pandeiro de Marcos Suzano, o violão de Marco Pereira, o cavaquinho de Luciana Rabbelo, o trombone de Vittor Santos e o violão/guitarra de Victor Biglione, só para citar alguns. Os arranjos de Cristóvão Bastos, Leandro Braga, Victor Biglione e Marco Pereira deram ao Zé tudo o que ele precisava — terreno fértil para semear suas melhores notas. *Senhorinha* (Guinga e Paulo César Pinheiro), *Futuramente* (Guinga e Aldir Blanc, arranjo de Biglione com o próprio no violão e na guitarra), *Sarau Para Radamés* (Paulinho da Viola) e *Chorinho Pra Você* (Severino Araújo) brilham no cardápio, seja pelos arranjos, seja pelas excelentes interpretações. Zé costura as melodias com sentimento, como convém a um disco que fecha as portas com *Disfarça e Chora* (Cartola e Dalmo Castelli).

POROROCA DE *BLUES*



BLUESMEN **(ativos e passivos) do Brasil, o negócio é abrir a carteira... A maré nunca esteve tão cheia para os amantes do gênero. A recém-lançada *Blues Collection* da EMI-Odeon, em iniciais sete volumes, além de caprichadíssima no visual, com magníficas ilustrações de Joe Ciardiello, tem acabamento e *design* de primeira. E o *cast* é suculento, a saber: Muddy Waters (à esquerda) e o pianista Memphis Slims, deixando cair em Nova Iorque, no já longínquo ano de 1961; um duplo para Brownie M'Ghee, Sony Terry, Lightnin' Hopkins e Big Joe Williams trocando perdigotos de uísque e dor de corno pelos idos de 1959; um CD só para Sonny Terry (ao centro), em gravações históricas entre 1947 e 1950; o melífluo Ray Brown (ao lado), de brilho fugaz entre 1957 e 1960; um duplo para Li'l Son Jackson e seu violãozinho de raiz em 1957; o ressurreto Son Jon e seu poderoso *slide* ao vivo e um triplo para T-Bone Walker, em fins dos anos 40.**

Pode-se argumentar que há faixas em excesso, outras mal aproveitadas, mas esta discussão fica para os *gourmets*. A massa, ávida por um bom *blues*, deve cair de boca. Se é para destacar algum, os vocais, o piano assanhado e a guitarra pererecante levam o galardão para Muddy Waters e Memphis Slims, uma dupla capaz de balançar até os entrevados.

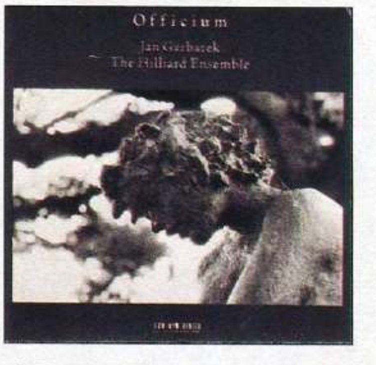
SAUDADES DE KENTUCKY

Não adianta chorar: os ídolos também despencam. A terceira caixa da BMG dedicada a Elvis *The Pelvis* Presley mantém o mesmo padrão de luxo das anteriores — produção gráfica impecável, um *book* de fotos e informações totalmente transado, coleção de estampilhas, enfim, um produto de primeira, com cinco CDs totalizando 115 faixas. A encrenca está no repertório, inteiramente dedicado aos anos 70, quando Elvis já se arredondara feito um Boticelli e caíra de cabeça na farofa. Não quer dizer que não haja bons momentos: mesmo gordo, o homem ia mantendo o pique, a voz privilegiada que não precisava se esforçar para emprestar um bocado de balanço a qualquer tema. Mas, quando baixava o, digamos, Agnaldo Rayol — exemplo típico é a gravação de *Bridge Over Trouble Water* (Simon e Garfunkel) — nem o vozeirão segurava a derrapada. Curiosamente, os melhores momentos da caixa são os dedicados à música *country*, quando Elvis parava de perseguir um repertório moderno para a época e olhava para trás, em busca da turma do "ipiaiô". Os fãs empedernidos vão adorar, mas quem estiver com saudade do velho e bom Elvis Presley é melhor consultar o CD *Elvis, The Sun Sessions*, da mesma BMG, com gravações realizadas em 1954. Só a faixa *Blue Moon of Kentucky* já dá para o gasto.

NO TERREIRO DE BRUCE

Baixou o Bob. Bruce Springsteen abriu o baú *folk* que andava meio desativado e compôs doze canções para o CD *The Ghost Of Tom Joad* (Sony), chamando ao terreiro o fantasma do sofrido personagem do romance *As Vinhas da Ira*. O autor do livro, John Steinbeck, talvez aprovasse o tom melancólico que Bruce empregou, seguindo ainda que no sentido inverso — o caminho trilhado por Dylan nos anos sessenta. A faixa-título tem gume afiado que não se esmerilha ao longo do CD. *No home, no Job, no Peace, no Rest*, sussurra Bruce, na contramão destes tempos neoliberais sim, mas só com o dinheiro alheio.

Outro destaque é *Youngstown*, que lembra a bem fornida contribuição de jovens às guerras durante décadas de história norte-americana. Tudo em clima muito acústico, o que realça a poesia densa, quase bruta. Bruce tanto invocou o nome de Tom Joad que acabou sentado à margem da *highway* com seu santo, mas não perdeu a viagem: gaitas, violões e econômicos teclados em nome do politicamente correto.



SPA DA ALMA

HÁ maluco para tudo. O saxofonista norueguês Jan Garbarek apanhou seu instrumento e foi se enfiar em um mosteiro na Áustria, fascinado com o som do The Hilliard Ensemble, quarteto vocal especializado no cantochão secular. Desta mistura onde entram um tanto de gregoriano e uma pitada de *new age* — surgiu uma música estranha e envolvente, com melodias que se entrelaçam interminavelmente. O CD *Officium*, lançado pela BMG, percorre solenemente trilhas ponteadas por versos em latim de motetos compostos entre o final do século 14 e o começo do 16. É o que os estudiosos chamam de música pré-clássica, período que começa a surgir das brumas, graças às pesquisas musicográficas. Ouvido de longe, *Officium* parece indicar a trilha dos CDs de cânticos gregorianos que venderam mais do que camisa do Botafogo. Mas a verdade é que a intervenção de Garbarek com seus saxes tenor e soprano cria uma ponte entre passado e presente raramente encontrada nestes dias virtuais. Não é preciso rezar para ouvir, mas o espírito obeso perde peso, segundo receita do último extraterrestre de que se tem notícia, Gilberto Gil.

ele ela RECOMENDA

	CLÁUDIO HOLLANDA	MARCUS VERAS	ILANA BLOCH	MOYSÉS FUKS	ROBERTO BARREIRA	ROBERTO MUGGIATI
Grande Tempo — Fátima Guedes (Velas)	🐱🐱	🐱🐱	🐱🐱	🐱🐱	🐱	🐱🐱
The Best of George Benson (Warner)	🐱🐱🐱	🐱🐱	🐱🐱🐱	🐱🐱	🐱🐱	🐱🐱
Glenn Miller — The Lost Recording (BMG)	🐱🐱	🐱🐱🐱	🐱🐱	🐱🐱🐱	🐱🐱🐱	🐱🐱🐱
Cool and Steady and Easy — Brooklin Funk Essentials (BMG)	🐱🐱	🐱🐱🐱	🐱🐱🐱	🐱🐱	🐱🐱🐱	🐱🐱

● RUIM 🐱 REGULAR 🐱🐱 BOM 🐱🐱🐱 ÓTIMO

Prazeres

Vídeo erótico

A experiência das mulheres européias

Euromax
Mulheres européias, experientes que fazem acontecer.
L'infirmière Italienne
Enfermeiras Incansáveis
Produit par Mario Salieri
Anal e D/P

O selo Euromax promete surpreender o mercado de vídeos eróticos no Brasil este ano. Criada para concorrer com a indústria pornô americana, a produtora busca uma originalidade tipicamente européia, procurando sempre inovar nas tomadas de sexo. O *slogan*, *Não temos ninfetas e sim mulheres experientes que sabem fazer o que você quer*, resume o estilo direto e ousado adotado em suas produções. Outra garantia de qualidade é o talento do napolitano Mário Salieri, utilizado a serviço da empresa. Vencedor de diversos prêmios entre eles o *Hot de Ouro* —, Salieri ocupa lugar de destaque, como um dos melhores diretores do gênero no velho continente.

Enfermeiras Incansáveis, um dos títulos mais quentes da Euromax, já pode ser encontrado nas locadoras brasileiras. Apesar do tema demasiadamente explorado enfermeiras taradas que transam com seus pacientes —, Salieri consegue fugir dos clichês, ousando nos ângulos de câmera e na maneira direta com que os atores passam dos diálogos para a ação. Muito sexo anal, dupla penetração, *ménage à trois*, *gang bang* e, por fim, uma grande bacanal recheiam todo o roteiro. No elenco, destacam-se Judith Ramirez, Thunde Johnson, Franca Erici, Marina Serrato, Serena Astora, Richard Voicin, Joe Calzone, Philippe Soine e Yves Baillat. Duração: 80 minutos.

O sexo anal também é o ponto forte de *Frankenstein*, da Royalty Video, dirigido por Buck Adams. Sátira do livro homônimo, de Mary Shelley, levado às telas por Francis Ford Coppola, a versão pornô tem como estrela Rebecca Wild. O próprio diretor atua no filme, interpretando o cientista Frederick Frankenstein. Inconformado com a morte da esposa (Wild), ele tenta trazê-la de volta à vida, realizando várias experiências. O resultado é positivo. No entanto, sua mulher retorna como uma criatura tarada e insaciável. Wild seduz a todos que entram em seu castelo, homens e mulheres, promovendo orgias. O roteiro mistura doses de terror com pitadas cômicas. No elenco, Felicia, Anna Male, Brittany O'Connel, Lady Berlin, Tony Tedeschi, Steve Drake e Toni Martino. A fita tem duração de 90 minutos.

O humor também marca a fita *Eu Não Acredito Transei Com o Time Inteiro!!!* Elaborado com simplicidade, o roteiro conta a história de três garotas orientais, animadoras de torcida, que saciam 10 jogadores de futebol americano, no vestiário, após um jogo. Annabel Chong, Satomi e June Lee lideram uma orgia com dupla penetração anal e vaginal, em comemoração à vitória. São 80 minutos de pauleira, sob a direção de John T Bone. O filme é da Royalty Video.

Orgia no Titanic traz um superelenco em duas horas e meia de sexo sem limites. A fita da Pepper Productions reconstitui com muito humor e imaginação as horas que antecederam o grande naufrágio do transatlântico, que colidiu contra um *iceberg* na Groenlândia, no início do século. No papel de capitão, Frank Tower lidera sua tripulação e passageiros em bacanais de uma ponta à outra do navio. Nicole London, Jordan Lee, Marilyn Martin, Dallas D'Amour, Tina Tyler, Nikki Sinn, Satin Sheets, Bunny Bleu, Isis Nile, Krista, Ariana, Velvet Blue, Lynn Lemay, Rob Barone, Cal Jammer, Vince Voyer, Brick Majors, Tom Chapman, Jake Williams, Luc Wilder, Julian St. Jox, Alex Sanders e Ian Daniels completam o elenco da fita que tem um delicioso *making off*.

Webber A. Lopes

No alto, à direita, a grande festa que teria levado a pique o transatlântico *Titanic* e deliciosas enfermeiras que pretendem desbancar o pornô americano; abaixo, uma comédia pornô com Annabel Chong e uma sátira ao *Frankenstein* de Mary Shelley.

Euromax
Mulheres européias, experientes que fazem acontecer.
L'infirmière italienne
Enfermeiras incansáveis
Produit par Mario Salieri
Anal e D/P

Vídeo erótico

A experiência das mulheres européias

O selo Euromax promete surpreender o mercado de vídeos eróticos no Brasil este ano. Criada para concorrer com a indústria pornô americana, a produtora busca uma originalidade tipicamente européia, procurando sempre inovar nas tomadas de sexo. O *slogan*, *Não temos ninfetas e sim mulheres experientes que sabem fazer o que você quer*, resume o estilo direto e ousado adotado em suas produções. Outra garantia de qualidade é o talento do napolitano Mário Salieri, utilizado a serviço da empresa. Vencedor de diversos prêmios entre eles o *Hot de Ouro* —, Salieri ocupa lugar de destaque, como um dos melhores diretores do gênero no velho continente.

Enfermeiras Incansáveis, um dos títulos mais quentes da Euromax, já pode ser encontrado nas locadoras brasileiras. Apesar do tema demasiadamente explorado enfermeiras taradas que transam com seus pacientes —, Salieri consegue fugir dos clichês, ousando nos ângulos de câmera e na maneira direta com que os atores passam dos diálogos para a ação. Muito sexo anal, dupla penetração, *ménage à trois*, *gang bang* e, por fim, uma grande bacanal recheiam todo o roteiro. No elenco, destacam-se Judith Ramirez, Thunde Johnson, Franca Erici, Marina Serrato, Serena Astora, Richard Voicin, Joe Calzone, Philippe Soine e Yves Baillat. Duração: 80 minutos.

O sexo anal também é o ponto forte de *Frankenstein*, da Royalty Video, dirigido por Buck Adams. Sátira do livro homônimo, de Mary Shelley, levado às telas por Francis Ford Coppola, a versão pornô tem como estrela Rebecca Wild. O próprio diretor atua no filme, interpretando o cientista Frederick Frankenstein. Inconformado com a morte da esposa (Wild), ele tenta trazê-la de volta à vida, realizando várias experiências. O resultado é positivo. No entanto, sua mulher retorna como uma criatura tarada e insaciável. Wild seduz a todos que entram em seu castelo, homens e mulheres, promovendo orgias. O roteiro mistura doses de terror com pitadas cômicas. No elenco, Felicia, Anna Male, Brittany O'Connel, Lady Berlin, Tony Tedeschi, Steve Drake e Toni Martino. A fita tem duração de 90 minutos.

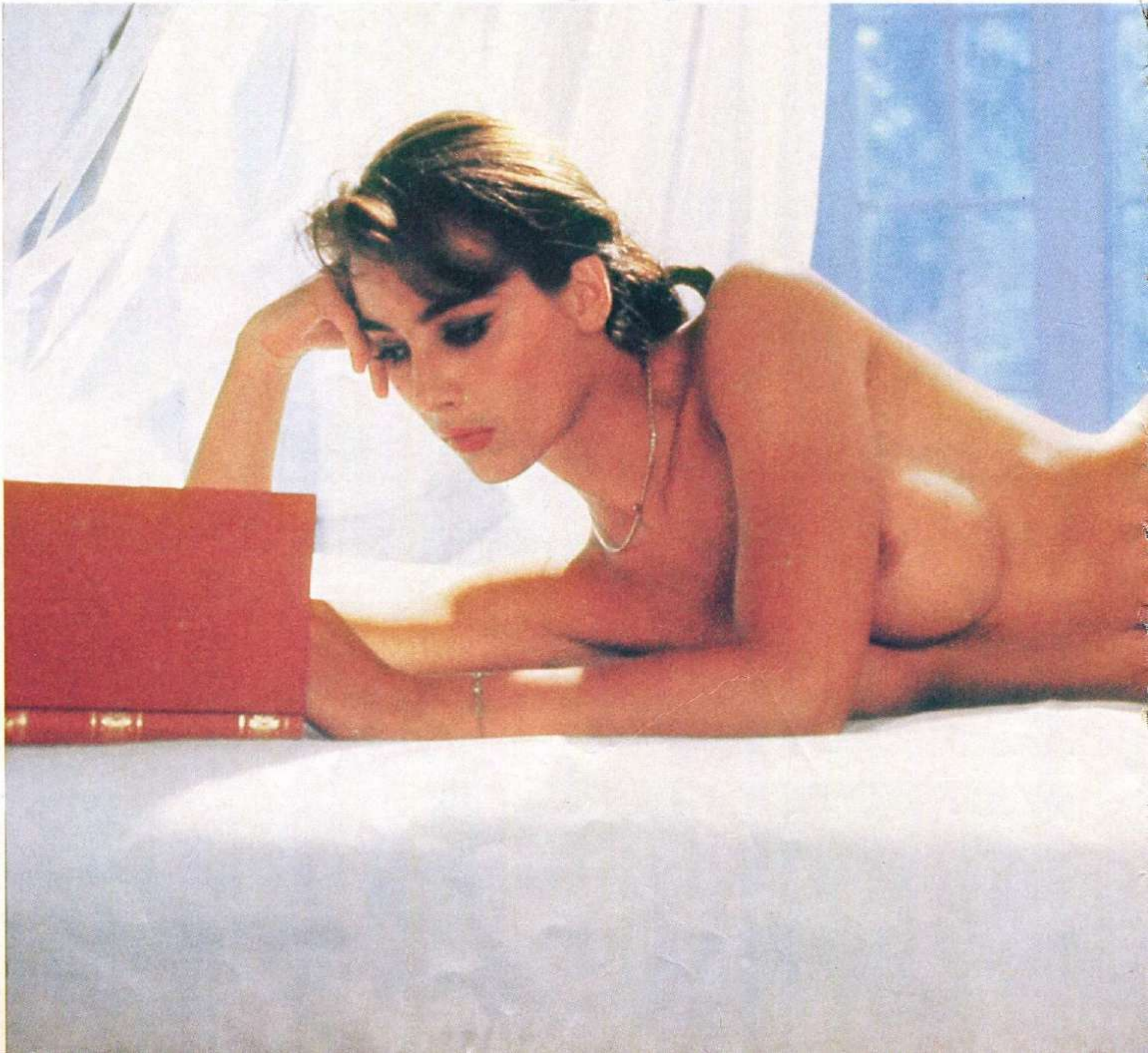
O humor também marca a fita *Eu Não Acredito Transei Com o Time Inteiro!!!* Elaborado com simplicidade, o roteiro conta a história de três garotas orientais, animadoras de torcida, que saciam 10 jogadores de futebol americano, no vestiário, após um jogo. Annabel Chong, Satomi e June Lee lideram uma orgia com dupla penetração anal e vaginal, em comemoração à vitória. São 80 minutos de pauleira, sob a direção de John T Bone. O filme é da Royalty Video.

Orgia no Titanic traz um superelenco em duas horas e meia de sexo sem limites. A fita da Pepper Productions reconstitui com muito humor e imaginação as horas que antecederam o grande naufrágio do transatlântico, que colidiu contra um *iceberg* na Groenlândia, no início do século. No papel de capitão, Frank Tower lidera sua tripulação e passageiros em bacanais de uma ponta à outra do navio. Nicole London, Jordan Lee, Marilyn Martin, Dallas D'Amour, Tina Tyler, Nikki Sinn, Satin Sheets, Bunny Bleu, Isis Nile, Krista, Ariana, Velvet Blue, Lynn Lemay, Rob Barone, Cal Jammer, Vince Voyer, Brick Majors, Tom Chapman, Jake Williams, Luc Wilder, Julian St. Jox, Alex Sanders e Ian Daniels completam o elenco da fita que tem um delicioso *making off*.

Webber A. Lopes

No alto, à direita, a grande festa que teria levado a pique o transatlântico *Titanic* e deliciosas enfermeiras que pretendem desbancar o pornô americano; abaixo, uma comédia pornô com Annabel Chong e uma sátira ao *Frankenstein* de Mary Shelley.

A EXPLOSÃO DO VÍDEO ERÓTICO



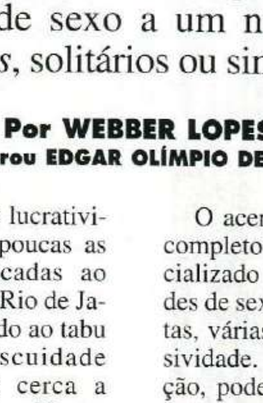
Fotos Divulgação

Sexo nunca é demais. Principalmente se dá lucro. Não estamos falando de prostituição, mas do mercado de vídeos eróticos que, apesar de altamente rentável, ainda é vítima de muitos preconceitos. Não há, no entanto, como negar o sucesso. Pequenas locadoras, aos poucos, transformam-se em grandes negócios e seus donos ganham bastante dinheiro, se tiverem um mínimo de visão empresarial. Aliado a isso, os vídeos aumentam em quantidade e qualidade, levando cenas tórridas de sexo a um número cada vez maior de *voyeurs*, solitários ou simples aficionados

Por WEBBER LOPES
Colaborou EDGAR OLÍMPIO DE SOUZA

APESAR da lucratividade, são poucas as lojas dedicadas ao gênero, no Rio de Janeiro, devido ao tabu de promiscuidade que ainda cerca a pornografia. Já em São Paulo, lojas especializadas no assunto surgem a cada dia, aproveitando uma mudança de mentalidade que percebeu que, mais do que um divertimento, os vídeos eróticos são um negócio da China.

Uma pessoa, depois de muito hesitar, apanha uma fita pornô na prateleira de uma locadora. Caminha para o balcão do atendente, mas encontra com garotas que vão alugar *Ghost*, crianças com *Pocahontas* e um sujeito, com ar de intelectual, que pegou *Outubro*. Não dá outra. A pessoa, envergonhada, devolve a fita e vai embora. Quem já não passou por isso? Devido a essa situação, Marcelo Siqueira orgulha-se de ser o primeiro a montar uma locadora especializada no país. Hoje, cinco anos após a fundação, sua empresa, a Red Set, possui quatro filiais, sendo uma exclusiva para *gays*, além de uma produtora de filmes eróticos, a Rio Vídeo Ltda. (selo CaRIOquinhas).



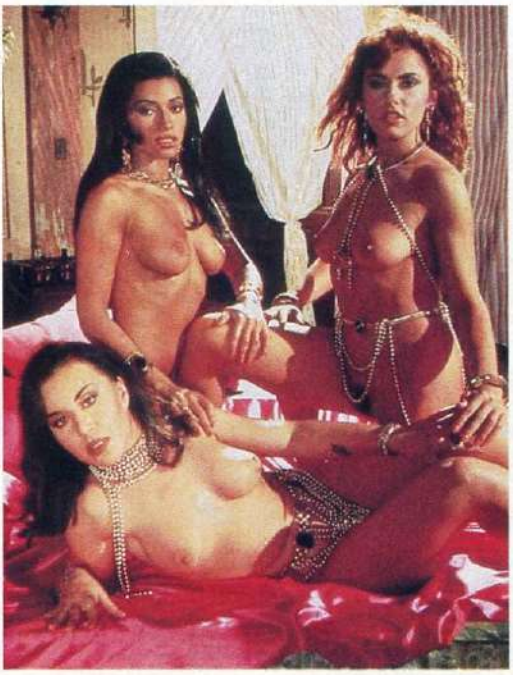
O acervo da Red Set é o mais completo da cidade, sendo especializado em todas as modalidades de sexo. São mais de 10 mil fitas, várias importadas com exclusividade. Vasculhando com atenção, pode-se encontrar curiosidades como *Vovó Era Phoda* (Best Video), gravada em 1916, as *Sacanagens do Vovô* (Best Video), de 1920, e *Em Algum Bordel do Passado* (Video Lips), do mesmo ano. Os antigos também gostavam de uma boa sacanagem!

Muitos clientes escolhem os filmes devido a determinadas cenas. Uns gostam de *gang bang* (uma pessoa de um sexo com várias do outro), outros de lesbianismo. Outros tantos cultuam certas atrizes. Por isso, os atendentes devem estar familiarizados com as fitas, para indicar os melhores filmes com o tipo de sexo apontado pelo freguês.

Sempre em busca de novidades, o apreciador de vídeos eróticos é muito voraz, chegando a alugar 80 filmes por mês, e não menos de três a cada ida à locadora. As mulheres, apesar de minoria — cerca de 5% dos sócios de uma locadora —, são as que procuram os temas mais pesados como sadomasoquismo, homossexualismo e zoofilia. A unanimidade fica com as cenas de sexo

Christina mostra sua abundância em *Buttman na Europa 3* (acima), enquanto Rocco Siffredi testa a virilidade com Rosa Caracciolo, em *A História Sexual de Tarzan* (acima, à esquerda); na foto maior, a languidez sensual, própria do vídeos americanos.

Fotos Divulgação



Julia Channel, Pussycat e Simona Valli prontas para entrar em ação na produção européia *Os Prazeres de Sodoma* (acima); o garanhão Cristopher Clark ensaboa Anita Rinaldi numa cena de *Rebecca* (acima, à direita) e Simona Valli volta em *Obsessão Fatal* (página ao lado).

anal, e, quanto mais diferentes forem as tomadas de sexo, maior a possibilidade de sucesso. Quando um estilo fica saturado, cede espaço a outro com propostas mais ousadas   fato ocorrido com os clássicos americanos, substituídos por Buttman, que por sua vez perdeu terreno para os europeus. A tendência para 1996, garante Siqueira, que não quer puxar a brasa para a sua sardinha, será a nova safra da produção nacional.

Em um ano de existência, a Voyeur Adult Video acumulou capital que será aplicado na comercialização de CD-ROMs eróticos e em uma *sex shop*. O dono, Eduardo de Carvalho Pereira, afirma que a galinha-dos-ovos-de-ouro está na diferença de preço, que pode chegar até a 80%, entre uma fita normal e outra pornô, mesmo entre as de ponta. Enquanto a primeira custa, em média, R$ 70, a segunda vale R$ 25. Além de mais barata, a erótica aluga muito mais. "Parcelamentos e descontos são acertados ao se comprar grandes quantidades de fitas. A privacidade e a variedade dos vídeos, que o cliente não encontra nas locadoras convencionais, são grandes atrativos. Lá, somente 20% dos filmes são pornôs", comenta o dono.

Poucos homens dão no couro; no final, são as mulheres que seguram as cenas

A Eros Adult Video, com apenas três meses de funcionamento, já havia cativado mais de 200 sócios. Única locadora especializada em Niterói, o primeiro cliente a cruzar sua porta alugou, de saída, 12 fitas, o que lhe rendeu o *status* de sócio número um. Fábio Garcia, o proprietário, enfatiza que o retorno do investimento está superando todas as expectativas, porque, apesar de saturado, o mercado de locadoras demonstrou uma nova vitalidade no segmento de vídeos eróticos. O aluguel de uma fita varia de R$ 1 a R$ 3.

Esse quadro foi o grande incentivo que determinou a entrada de Beto Luqueci no ramo, como produtor. Ele é o criador da Art Plus Produções, uma das quatro produtoras existentes no Rio de Janeiro, ao lado da Rio Vídeo, Amsterdã e Renault Vídeo. Juntas, elas produzem uma média de 10 filmes por mês, número bem abaixo da capacidade do mercado, segundo os próprios produtores.

A receptividade do pornô nacional também é maior do que se imagina fora do país. Nos Estados Unidos, as locadoras possuem estantes exclusivas para fitas gravadas no Brasil, que o digam Buttman e Patrick Collins. A Renault Vídeo, a primeira produtora pornô no país, conseguiu colocar o pé dentro do mercado europeu. A empresa exporta a série *Travestis* para a França, Holanda, Suécia, Finlândia, Bélgica e Alemanha. A mesma ambição tem o produtor Ricardo Renault para as séries *Panteras I e II*.

Os produtores evitam falar sobre cifras. Porém, não negam a rentabilidade do negócio. O retorno do investimento ocorre a médio prazo, afirma Siqueira, e acrescenta Luqueci que "é preciso saber medir custo e benefício" Ambos se queixam da restrição ao consumo imposta pelo Plano Real e da inadimplência de algumas locadoras. O cálculo dos rendimentos é obtido através do número de cópias vendidas.

O custo médio de uma produção gira em torno de R$ 5 mil. Em três dias, no máximo, as gravações estão concluídas e, com mais 20 horas de edição, o trabalho chega ao fim. O cachê pago às mulheres é superior ao dos homens, variando de uma produtora a outra. As garotas recebem de R$ 300 a R$ 500 por dia de filmagem. Algumas conseguem mais, negociando o contrato de acordo com sua beleza e aptidões sexuais. Sexo anal é o fiel da balança e rende mais dinheiro àquelas que o fazem. Aos homens, a CaRIOquinhas paga R$ 50, por toda a gravação, enquanto a Art Plus oferece somente ajuda de custo, que nunca ultrapassa R$ 30. Os diretores geralmente recebem uma participação dos lucros.

Athayde De Amar, diretor da Renault Vídeo, trabalha com uma equipe completa de filmagem, utilizando os planos do cinema convencional. A empresa possui um estúdio e o orçamento de suas produções chega a

Foto Fernando Gallotta

Foto Fernando Figueiredo

Foto Josuel Tavares

Fábio Garcia, da Eros Adult Vídeo (canto esquerdo), se assusta com os lucros, enquanto Marc Allen e Carlos Lucchesi (ao centro), da Diamond, queixam-se do preconceito; Marcelo Siqueira, da Red Set, exibe o traseiro de Nina Hartley autografado por Buttman, Patrick Collins e Stephanie.

R$ 15 mil, bem acima da média no Brasil.

A Art Plus, fundada há cinco anos, tem 15 filmes registrados no Concine. Luqueci admite as deficiências dos primeiros trabalhos. Porém, garante uma melhora de qualidade a partir de 94. "Como publicitário, conhecia técnicas de comerciais para TV Porém, o pornô possui uma linguagem própria que me escapava" explica. Hoje, ele considera que chegou a um nível ideal. Seu diretor, Riccardo Capelli, conciliou o *clip* comercial com histórias subjetivas, poucos diálogos, muita ação e gemidos, criando um estilo próprio.

JÁ a Rio Vídeo prefere combinar os estilos de Buttman e Ed Power. O produto final mistura o chamado sexo-verdade com trechos de entrevistas com as garotas, e um farto *making off*. A produtora trabalha com uma equipe de seis pessoas, formada por um diretor, três câmeras e dois auxiliares. Criada em agosto do ano passado, com cinco meses de existência, havia produzido cinco fitas.

Além da inexperiência do elenco, o maior problema dos diretores acontece com os atores, que freqüentemente *negam fogo*. Há pouco tempo, Buttman afirmou que, em suas primeiras vindas ao Brasil, ele trazia mulheres para contracenar com o *machão* brasileiro. Depois, passou a fazer o inverso, devido à falta de ereção do homem *made in Brazil* ao gritar "Luz, câmera, ação!"

A opinião do astro e produtor americano é apoiada por Luqueci e Siqueira. "São poucos os homens que *dão no couro*. No final, quem acaba segurando as pontas são as mulheres, umas com as outras", afirma o dono da Art Plus. A Rio Vídeo passou pelo problema com o ator Sérgio Miguel. "Ele broxou durante todas as seqüências, destruindo o meu roteiro. Só conseguimos gravar simulações. Chegou ao ponto de mandarmos o negão a imagem da virilidade nacional — se masturbar no banheiro enquanto começávamos as filmagens. Terminamos a gravação e nada dele aparecer. Batemos na porta e ele respondeu: '*Tô* quase lá. Foi uma gargalhada geral", relembra Siqueira, rindo. A fita que, até então, não tinha título, recebeu o nome de *Agonia do Negão*.

A falta de profissionalismo encerra, prematuramente, a carreira de muitas estrelas com potencial para o ramo. Recrutadas em boates, as atrizes geralmente são garotas de programa, que encaram os filmes como um michê. Vanessa Negrini um exemplo disso —, após obter grande sucesso em *Garotas de Ipanema* e formar uma legião de fãs, largou a Rio Vídeo para tentar a sorte em casas noturnas na Espanha. Elaine, há pouco tempo no mercado fez um *ménage à trois* para um filme ainda sem título da Art Plus —, guarda dúvidas quanto à sua permanência na profissão. "Vai depender do dinheiro", garante. Alexia Santos, que contracenou com Patrick Collins em *Jogos Perigosos*, não quer virar atriz pornô e sonha em ser modelo fotográfico. Kátia

Foto Divulgação

Foto FERNANDO FIGUEIREDO

Foto Divulgação

Isis Nile mostra seu famoso bumbum em *Confissões de Uma Enfermeira Depravada* (acima); Alexia Santos (acima, ao centro) sonha em ser modelo, enquanto faz filmes pornôs; acima, à direita, cena da série *As Brasileirinhas*, sucesso de público, e, ao lado, Stephanie, musa paulista de Buttman.

só fará outro filme se o cachê der para comprar um carro novo. "Trabalhei em *Nada Relativo* e acho que me expus muito, mas precisava da grana. Transei com duas garotas" revela.

ANDRÉIA Pella, estrela de *Recepção da Sacanagem*, gostou da experiência. "Fiquei amedrontada, mas queria o dinheiro. Não senti prazer, deu até vontade de bater no ator. O pior foi o gozo facial, mas acabou sendo divertido" confessa. Já Mirella Prado precisou de muita coragem. "Eu pedia para desligarem as luzes e só me senti à vontade quando interpretei um homem", lembra. Stefanie, que atuou com Joey Silvera em *Aventuras Anais*, e com Collins em *Jogos Perigosos*, revela: "É mais fácil na frente das câmeras

Foto FERNANDO FIGUEIREDO

do que com um cliente a portas fechadas. Senti prazer porque foram muito carinhosos comigo."

Vistas com olhares gulosos pelos profissionais americanos e europeus, as mulheres brasileiras nunca foram tão assediadas para esses trabalhos. Estão longe de faturar o equivalente a dois mil dólares por cena de 20 minutos, como nos Estados Unidos, mas colocam-se acima das colegas do Leste Europeu, que cobram o máximo equivalente a R$ 200 pelo mesmo serviço.

Situada em São Paulo, a distribuidora Elegant Angel líder no mercado nacional e representante das produtoras americanas Elegant e Dark Angel pretende vender 50 mil fitas por mês, aproveitando o crescimento do mercado, além de partir para produções próprias, segundo o gerente de *marketing* Jair Vicente Ortega. Uma das razões para esse *boom* seria a estabilidade econômica, a queda do preconceito e o maior acesso do consumidor ao videocassete. "Há videolocadoras dentro de favelas. Na de Heliópolis, por exemplo, as fitas mais locadas são as pornôs e as religiosas. Até a oferta dos vídeos dublados aumentou, devido a muitos analfabetos comprarem aparelhos", conta Ortega.

No vácuo dessa expansão, a produção nacional leva vantagem. Prova disso é a impressionante procura pelos 25 títulos da série paulista *As Brasileirinhas*, das Butt Sellers. "Mesmo sem a qualidade técnica das americanas, as produções brasileiras têm mais autenticidade, garotas mais bonitas e bobagens ditas na nossa língua", justifica o diretor Luís Alvarenga.

Fundadores da produtora Diamond, os paulistanos Marc Allen e Carlos Lucchesi tentam contribuir para a profissionalização do mercado e para baixar o número de enlatados no país. A dupla acredita ser possível abastecer o mercado nacional e internacional com vídeos na faixa de R$ 4 mil de custo. Nos Estados Unidos, as produções alcançam 20 mil dólares. Ambos utilizam um estilo que vai do suave ao *hardcore* e lamentam que os produtores ainda sejam encarados como cafetões e gigolôs.

Em franca expansão, o mercado paulista terá até uma emissora de tevê por assinatura, que exibirá filmes pornôs 24 horas por dia, prevista para março. Atualmente, a grande novidade são as lojas de conveniência erótica Ponto G, que englobam *sex shops*, bancas de revistas e CD-ROMs, cinema pornô, e *peep-show*. Como se vê, o mercado cresce e se abre cada vez mais...

As brasileiras são mais bonitas e, claro, dizem bobagens na nossa língua

Gatas & Gatinhas

▼ **CÍNTIA BARRETO** adora discotecas, mas a vontade de balançar este corpinho não termina em apenas uma noite. Ela sonha com a Bahia; lá, a dança está presente o dia inteiro e em todos os lugares. No Rio, a praia preferida é Copacabana, onde a princesinha desfila toda sua morenice. Romântica, ela só lamenta a falta de um namorado. "Está difícil..." suspira. Acredita nisso?

Fotos de Cíntia, Itatiana e Renata por EDMÍLSON SALDANHA; produção XICO MAGALHÃES; beleza ELÔ FREIRE. Foto de Kátia e Patrícia por RICARDO CÂNFORA; beleza ARPÁLICE BERALDO. Agradecimentos: Ki Tanga, Pixação, Rabo de Peixe e Motel Scort.

◀**KÁTIA SERAFIM**, vista assim, é só o começo. Ela é muito mais e, em breve, ganhará mais espaço nas páginas de nossa revista. Antes, pode ser vista desfilando pelas noites de Sampa ou no carnaval do Salgueiro. "Gosto de curtir qualquer festa, sozinha ou acompanhada. O importante é não deixar o astral cair por qualquer motivo" ensina.

▼**RENATA ARAÚJO** é um furacão sensual que faz vítimas por onde passa. Em *shows* de samba tipo exportação, ela já mostrou o que a mulata tem na Espanha e em Portugal. Por aqui, é mais uma águia no céu azul e branco da Portela. "Adoro sambar, mas também não dispenso uma boa discoteca" conta esta sagitariana de 21 aninhos e muita simpatia.

▲**PATRÍCIA SOARES** é uma paranaense especial. Depois de passar por São Paulo, ela chega ao Rio para investir firme na carreira de atriz. "Meu grande sonho é interpretrar uma vilã nos palcos, uma malvada tipo Bette Davis." Além do teatro, adora ir à praia, dançar e comer fora. "De preferência, comida japonesa." Para relaxar, ouve Caetano bem baixinho.

ITATIANA BATISTA▶ é amiga do sol. Na praia da Barra da Tijuca, no Rio, essa boa relação fica mais visível. "Gosto de curtir a natureza de corpo inteiro" diz, com um sorriso nos lábios. Sempre que pode, dá um mergulho, para relaxar e renovar as energias gastas. E a loura não dispensa um agito. Principalmente no carnaval, em fevereiro ou fora de época.

Cód. 131.230 - Invisible Up/137.230
DULOREN
TECIDOS
LYCRA®
EXCLUSIVIDADE DU PONT
Feliz
69
DULOREN®
Só prazer.

ESSA francesinha de pele alva, cabelos negros e olhar distante tem uma beleza etérea. Juliette Binoche é uma versão sofisticada da *femme fatale*. Anti-Sharon Stone, ela faz o gênero existencialista *light*. Agindo como um antídoto às louras voluptuosas e devoradoras de homens, Juliette é uma adepta da estratégia do poder passivo. Mas nem por isso deixa de imprimir grandes descargas de sensualidade às suas personagens. Sem dúvida nenhuma, ela é uma das maiores musas dos cinéfilos, absolutamente perturbadora nesses comportados anos 90

Juliette Binoche

DOCE MULHER FATAL

Por MOISÉS LIPORAGE

Fotos B.RHEIMS — Sygma

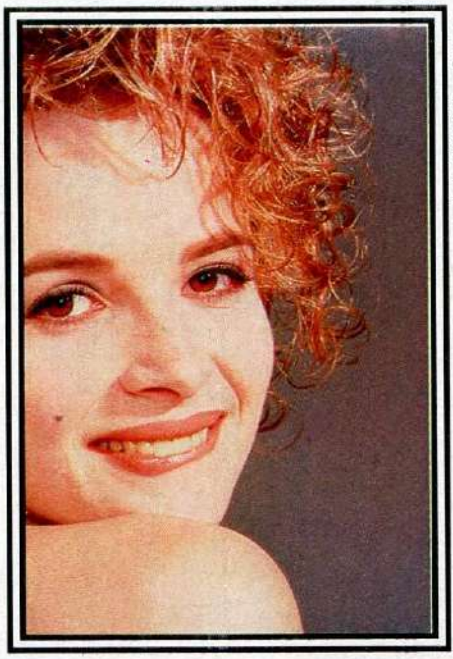


Foto B.RHEIMS — Sygma

JULIETTE Binoche nasceu em Paris no dia 9 de março de 1964. Filha de um diretor e uma professora de teatro, ela é descendente de poloneses. Foi educada num colégio de freiras mas, desde cedo, conviveu com a atmosfera carregada de magia de palcos e coxias. Seus pais se separaram quando tinha dois anos de idade. Juliette diz que procurou o teatro porque ele representava uma unidade familiar e preenchia suas lacunas afetivas. Aos 12 anos, já interpretava personagens masculinos, especialmente em peças de Tchekov, Molière (*O Doente Imaginário*) e de Pirandello (*Henry IV*). Aos 14 anos, seu coração balançava entre a pintura e a comédia detalhe técnico: além de dirigir peças de teatro, seu pai também fazia esculturas; talvez os genes das artes plásticas venham daí. Juliette pensava que era preciso escolher uma das duas carreiras, mas um pintor amigo de sua mãe lhe aconselhou a abraçar os dois caminhos.

Quando decidiu mesmo ser atriz, foi viver sozinha, batalhando grana em um emprego de caixa numa loja de departamentos. Com o dinheiro, financiava suas aulas no conceituado Conservatório de Paris. Aos 18 anos, ela foi convidada para trabalhar no cinema, num pequeno papel em *Liberty Belle*, de Pascal Kané, crítico dos *Cahiers du Cinèma*. Trabalhou também em *La Vie de Famille* (1985), de Jacques Doillon. Dois anos depois, faria outra ponta desta vez no controvertido *Je Vous Salue Marie* (1985), de Jean-Luc Godard. Para quem não lembra, esse filme foi considerado herege pelo Papa João Paulo II (que não o assistiu) e causou a maior polêmica. Quer dizer, Juliette praticamente começou no cinema em uma produção escandalosa sua sina era mesmo ser *cult*.

> “Juliette estreou em uma produção escandalosa; sua sina era mesmo a de ser cult”

Binoche conseguiu alguma projeção em *Rendez-vous* (85), de André Téchiné, onde fazia uma atriz promíscua encarregada de viver a Julieta de Shakespeare. Mas a explosão só veio mesmo quando conheceu Leos Carax, então saudado como o novo *enfant terrible* do cinema francês. Juliette foi a estrela principal de *Sangue Ruim* (86), de Carax. A ficção: Alex (Denis Lavant) é convencido por um gângster, Marc (Michel Piccoli), a trabalhar para ele, para salvar a imagem de seu pai. Ele se envolve com a jovem namorada do bandido, Anna, interpretada por Juliette Binoche. Alex se apaixona por Anna, que fica dividida entre os dois. A realidade: Juliette e Carax se casaram e viveram juntos por cinco anos. Eles se apaixonaram durante as filmagens de *Sangue Ruim*. Com cabelos Chanel à Louise Brooks (de *A Caixa de Pandora*) e uma delicadeza de gestos que lembrava muito as atrizes do cinema mudo, Juliette conquistou a crítica mundial. Mas o que parece muito natural e espontâneo nas telas foi fruto de trabalho árduo. Carax exibiu para Juliette várias fitas de D. W Griffith estreladas por Lilian Gish, para que incorporasse todos aqueles maneirismos dos primórdios do cinema.

A Insustentável Leveza do Ser (87), de Philip Kaufman, foi o primeiro filme internacional de Juliette. A atriz ganhou o público do mundo inteiro como a moça romântica que ficava vermelha diante das safadezas de Daniel Day-Lewis nessa obra baseada no *best-seller* de Milan Kundera. A trama se desenvolvia seguindo a trajetória afetivo-sexual do médico mulherengo Thomas (Day-Lewis), tendo como pano de fundo a tomada de Praga, então capital da Tchecoslováquia, pelos russos, na primavera de 68. Kaufman enxugou as filosofices do livro, centrando a narrativa no triângulo amoroso Thomas/Tereza (Binoche)/ Sabina (Lena Olin). Um dos destaques vai para as seqüências em que Lena Olin e Juliette Binoche ficam bem à vontade durante os cliques que batem uma da outra para ensaios fotográficos eróticos e adultério, dentre outras saladas russas.

Juliette curtiu um romance *lumpen* numa ponte em *Os Amantes de Pont Neuf*, dirigida novamente pelo maridão Leos Carax. Esse filme merecia que outro filme fosse rodado só sobre os bastidores daria um *making off* realmente emocionante. Sua longa história compreende três anos de filmagem (de 88 a 91), três produtores os dois primeiros desistiram de financiá-lo por causa dos atrasos e prejuízos provocados por acidentes com o elenco, destruição dos cenários e modificações no roteiro, que tinha três finais possíveis. O orçamento previsto, de 10 milhões de dólares, pulou para 30 milhões. Se o filme chegou ao fim, os responsáveis são Juliette Binoche e Denis Lavant (que também foi seu par em outro filme de Carax, *Sangue Ruim*). O acidente de Denis Lavant (ele quebrou a mão fazendo piruetas na ponte) obrigou o diretor a reconstruir a Ponte Nova, que passa por cima do rio Sena, no Sul da França, à beira de um lago. Nos três anos que duraram as filmagens, Carax perdeu os cenários de madeira e papelão duas vezes, destruídos pelo vento e pela chuva, e também ultrapassou o prazo de três semanas que a Prefeitura de Paris lhe deu para rodar sua história de amor no cenário natural da Ponte Nova. Todas essas dificuldades fizeram com que *Os Amantes de Pont Neuf* se transformasse num filme fantasma, misterioso, inacessível, que ninguém mais tinha a esperança de ver um dia.

O filme conta o encontro de Alexis (Denis Lavant), sem passado nem futuro, que vive sob a ponte em companhia de Hans (Michael Gruber), misto de pai e guru dos mendigos que se instalam em seu território. Alex vive para roubar comida nos mercados, cospe fogo nas feiras em troca de algum dinheiro e só consegue dormir graças às drogas que Hans lhe dá. Michele (Binoche) desembarca um dia no mundo dos mendigos e se instala na ponte para fugir de suas obsessões o desaparecimento do namorado e a cegueira gradativa que a impede de continuar seu trabalho de pintora. Entre Michele e Alex, nasce uma paixão em cujas raízes estão a atração de dois extremos: de um lado, a artista sensível e, de outro, um sujeito feio, bruto e violento. A trama corre paralela às comemorações dos 200 anos da Revolução Francesa. *Os Amantes de Pont Neuf* trata principalmente do novo tipo de pobreza que começa a aparecer nas ruas das cidades européias, a pobreza dos jovens, sem emprego nem perspectiva. É um dos melhores desempenhos de Binoche, totalmente desglamourizada, suja, desgrenhada, com os olhos inchados e vermelhos. *Os Amantes de Pont Neuf* marca o fim de uma história de amor, entre ela e Carax. A atriz abandona o diretor e amante e encontra André, que seria o pai de seu filho Raphael hoje com dois anos. André não faz parte do meio artístico, mas participou do filme *Imensidão Azul*, como um mergulhador amigo de Enzo, personagem de Jean Reno.

O trabalho seguinte de Juliette seria no filme *Homens & Mulheres 2 Um jogo de sedução* (91), de Walter Bernstein, Mike Figgis, Kristi Zea. Trata-se da segunda antologia de histórias curtas produzidas pela TV a cabo HBO. O filme conta três histórias enfocando relacionamentos amorosos, ambientados nos anos 20. O melhor episódio é o de Juliette, baseado num texto claramente autobiográfico de Henry Miller. É o encontro casual, em Paris, de um escritor americano e uma prostituta polonesa. Quase ninguém a viu nessa bela composição de personagem com toques tragicômicos.

Em *Perdas e Danos*, Juliette viveu seu papel mais famoso ao lado de Jeremy Irons; porém, *Os Amantes de Pont Neuf*, (abaixo), foi seu trabalho mais denso.

Foto SOPHIE BAKER — Paris Filmes

Foto Divulgação

Perdas e Danos (92), de Louis Malle, já teria outro destino. Dirigido pelo autor de *Adeus, Meninos e Menina Bonita*, *Perdas e Danos* foi cercado de uma aura de escândalo e erotismo e alcançou grande sucesso justamente por essa polêmica. Ele tem elementos semelhantes às tramas de Nelson Rodrigues, mas sem o humor corrosivo do nosso jornalista-escritor. O produtor Vincent Malle o define como "um *O Último Tango em Paris* sem manteiga" Uma família burguesa britânica é levada à ruína quando Anna Barton (Binoche) entra em sua vida. Um membro do Parlamento Britânico, Stephen Fleming (Jeremy Irons), tem um envolvimento extra-conjugal com a futura nora (?!), Anna. Quando ela anuncia que está noiva do filho de Stephen, detona uma saraivada passional que poderá levar todos eles à loucura. Os dois perdem as estribeiras se enredando numa paixão desenfreada. Irons fica dividido entre seus sentimentos arrebatados por Binoche e a fidelidade à esposa (Miranda Richardson). Rupert Graves é o filho de Fleming, duas vezes traído: pela noiva e pelo pai. Malle pegou o tema da atração fatal e o tratou de maneira sutil. De um lado, há um político inglês às voltas com escândalos sexuais (uma tradição britânica quase tão forte quanto a família real para não voltarmos a Henrique VIII, basta lembrar as perdas e danos que o caso Profumo provocou entre os conservadores britânicos, nos anos 60). De outro, uma garota com sangue francês, fazendo renascer o mito da *femme fatale*.

Anna Barton (Binoche) é uma chave de cadeia e um poço de neuras. Juliette reconheceu na personagem um importante passo adiante em sua carreira: "Ela está sempre lá, sua presença é sempre sentida, mas só fala com os olhos, ela fala por meio do silêncio. Não foi fácil, porque os homens são menos emocionais que as mulheres. Acho que eles falam mais porque têm alguma coisa a esconder." Para tentar compreender Anna, Juliette conversou muito com Josephine Hart, autora do livro que serviu de ponto de partida para o filme. "Falamos muito sobre a natureza do poder passivo", conta a escritora, que gostou da adaptação. "A abordagem minimalista de Juliette transmite bem sua interpretação psicoerótica da personagem."

Apesar disso, Anna era tão complexa que Juliette conta que os primeiros dias de filmagem foram "dolorosos" "A primeira semana foi muito tensa" lembra a atriz. "Eu não conseguia encontrar meu lugar no filme porque Jeremy queria que Stephen controlasse a situação. Mas na história é Anna quem controla." Juliette também teve seus conflitos com o diretor Malle. Há um momento no filme em que Anna diz a Stephen: "Eu não me casaria com seu filho se não pudesse ficar junto com você também." Essa frase não existia no livro e Juliette a considera um erro: "Anna nunca diria uma coisa dessas." Em outra ocasião, Malle quis que Anna chorasse. "Não concordo, mas o filme era dele" diz Juliette.

O francês Louis Malle lembra discordâncias com Juliette, mas mostra-se bem condescendente com a atriz. "Ela não era difícil. Gosto de atores que dêem suas opiniões, porque às vezes eles vão acertar e eu não. Ela me faz lembrar de Jeanne Moreau. Nesse papel, Juliette tem mistério, profundidade e obscuridade física e psicológica. Ela mostra todas as faces do caráter: Você pode ver Anna como uma pessoa forte e vulnerável ao mesmo tempo."

Louis Malle foi pressionado para cortar vários segundos de uma cena de *Perdas e Danos*. Como resultado disso, a cotação do filme foi alterada de um NC 17 significando que ninguém com menos de 17 anos poderia assisti-lo para a cotação R, bem mais comum. Isso significa que qualquer pessoa com menos de 17 anos poderia assistir ao filme desde que estivesse acompanhada por um adulto. A mudança envolveu algumas tomadas bastante *quentes*, nas quais Jeremy Irons *contracena* de maneira realmente *física* com Juliette Binoche. Malle reeditou a cena de forma a incluir um *close* dos dois atores em vez de uma visão de seus corpos. O diretor conta um pouco do processo de filmagem dessas cenas controvertidas: "Foi tudo meio instintivo e os atores tiveram um papel muito importante. Quando íamos filmar a primeira cena de sexo, Jeremy e Juliette começaram a estudar as possibilidades com a intuição. Eu tive vontade de sair do quarto quando eles começaram a conduzir a coisa porque me senti um idiota olhando para eles, ali em pé. Acho que eles estavam conduzindo as coisas muito melhor sem mim. As cenas, na verdade, pertencem a Jeremy e Juliette. "Curiosamente, a idéia inicial de escalação para o papel de Anna era Lena Olin. Malle foi ver Lena em *A Insustentável Leveza do Ser* — mas acabou se decidindo por Juliette, que também trabalhava no filme. Malle se justifica: "Há uma história de amor entre ela e a câmera."

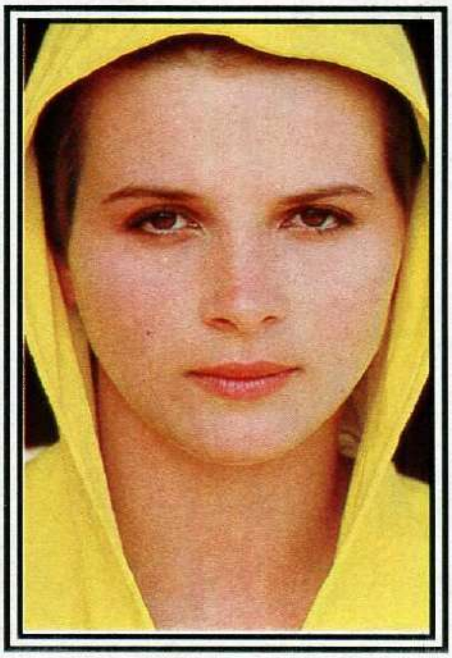
Fotos B. RHEIMS — Sygma

Uma pose da também modelo Juliette, sempre sensual; abaixo, ela com o diretor Elia Kazan e o ator Tcheky Karyo, no Festival de Cannes.

Foto M. PELLETIER — Sygma

A atriz filmou na Inglaterra *O Morro dos Ventos Uivantes* (*Emily Bronte's Wuthering Heights*, 1992), de Peter Kosminsky a quarta versão do romance de Emily Bronte. Heathcliff (Ralph Fiennes) nutre uma paixão avassaladora por Cathy (Binoche), irmã do homem que o humilhara *horrores*. Como o destino é irônico ao extremo, Heathcliff enriquece, torna-se poderoso e submete o ex-algoz à sua vontade mas perde a mulher de sua vida. Só que essa paixão vai ultrapassar os limites que separam a vida e a morte, num romance de clima gótico-fantasmagórico que ganhou legiões de admiradores em sucessivas gerações. *O Morro dos Ventos Uivantes* é uma das mais vigorosas histórias de amor já escritas. Fiennes (o carrasco nazista de *A Lista de Schindler*) como Heathcliff e Juliette Binoche como Cathy dão um verdadeiro banho de interpretação. Desta vez, Binoche tem um desafio duplo: calcar o trabalho de atriz no uso da palavra em diálogos dificílimos, sobretudo numa língua estranha o inglês.

Seu último sucesso no cinema foi *A Liberdade É Azul* (93), de Krzysztof Kieslowski. Julie (Binoche) é a única sobrevivente do acidente de carro em que morreram sua filha e seu marido, um respeitável compositor erudito. Ele deixara inacabadas partituras de uma sinfonia que comemoraria a unificação da Europa. Sem pressa nenhuma, Kieslowski mostra como Julie passa da depressão suicida a uma vida nova, livre da tragédia e das inseguranças do passado. Enquanto hesita entre renegar o que passou e terminar a sinfonia, a *via crucis* de Julie vai sendo mostrada por rápidas lembranças da obra sinfônica. Essa personagem foi escrita especialmente para Juliette, que ganhou o prêmio de melhor atriz no Festival de Veneza. Kieslowski faz



suas divagações: "Juliette é uma atriz intensa, que não precisa de muitos elementos para dar o máximo de expressão à cena. Faz isso com contenção." E ele continua a *rasgação de seda*: "Foi uma entrega total. Ela me dizia 'Você não está me filmando. Está me cortando com um bisturi. Quase não precisamos falar." A personagem Julie faz pequenas participações nos outros dois filmes da trilogia de Kieslowski, sobre as cores e temas da bandeira francesa — ou os direitos básicos do homem contemporâneo. Em *A Igualdade É Branca* (94) Juliette aparece rapidamente, entrando por engano no tribunal onde Julie Delpy a protagonista de *A Igualdade* está cuidando do seu pedido de separação. Em *A Fraternidade É Vermelha* (94), Juliette surge num fugaz lampejo sendo resgatada de um barco que naufragou no Canal da Mancha.

Kieslowski diz que a atriz já o havia impressionado em *A Insustentável Leveza do Ser* — tanto que a convidara para fazer *A Dupla Vida de Véronique*. Mas ela estava filmando *Os Amantes de Pont Neuf*, esforço que a consumiu durante anos. Então, o cineasta voltou a pensar em Binoche para viver a *viúva triste* de *A Liberdade*. Nessa personagem, a atriz pôde voltar a usar e abusar de seus conhecimentos de pantomima. Como no cinema mudo, ela expressou quase tudo sem recorrer à palavra só a olhares e a gestos crispados.

> "Não posso fazer muito com armas e sexo; já fiz tudo que podia com essas coisas"

PARA quem já está se roendo de saudade de Juliette, um meio consolo. Ela tem novos projetos em andamento. Só que eles ainda estão em andamento, portanto, devem demorar um pouco a aportar por aqui. Um dos mais esperados é a superprodução *Le Hussard Sur le Toit* (95), de Jean-Paul Rappeneau, o mesmo de *Cyrano de Bergerac*. Para Le *Hussard*, juntou-se a maior soma de dinheiro já investida num filme francês 176 milhões de francos. É um verdadeiro acontecimento cinematográfico europeu, baseado no clássico da literatura francesa escrito por Jean Giono em 1951. Em épocas diferentes Marlon Brando, Alain Delon, Anthony Perkins e Keanu Reeves chegaram a se candidatar para viver o herói romântico Angelo, jovem sem medo que cavalga loucamente pelos campos da Provence devastada pelo cólera em 1832. Ele é um italiano que pretende voltar ao seu país para libertá-lo dos invasores austríacos. Para completar sua missão, tem que enfrentar o cólera que devasta a França. O novato Olivier Martinez vive Angelo. Juliette Binoche interpreta a bela Pauline de Théus, uma nobre que parte em busca de seu marido escoltada pelo belo Angelo. É claro que os dois se apaixonam, mas vivem um amor casto. Gerard Dépardieu faz uma participação especial. *Le Hussard* é um filme romântico, que oscila entre o *western* e o capa-espada.

A outra fonte de angústia em forma de cinema pelo menos para os fãs ardorosos de Juliette se chama *The English Patient* (95), de Anthony Minghella. Nele, Ralph Fiennes faz um soldado com queimaduras maciças no rosto e no corpo. Juliette Binoche (que, como já vimos, foi seu par romântico na última versão de *O Morro dos Ventos Uivantes*), co-estrela o filme, vivendo uma enfermeira canadense que veio ajudar os aliados. *The English Patient* tem como macrocosmo o fim da guerra na Itália. Juliette fala da personagem: "É especial, tem um caráter...mas prefiro não dizer mais nada. É como quando eu cozinho. Se me perguntam: Posso experimentar? Eu respondo: Ah, não! Não está pronto! Não toque!

Para os que não se contentarem com suas aparições nas telonas, uma boa nova. O rosto denso e glacial de Juliette Binoche será a nova face da Lancôme, em substituição à linda Isabella Rossellini. Ela vai fazer parte da campanha de lançamento do perfume Poême que só deverá chegar por aqui em outubro de 96. Quanta espera!

Como atriz, seus projetos são múltiplos. Vai trabalhar num texto de Ionesco com Jean-Paul Rappeneau. Também está nos seus planos filmar com Jane Campion, a mesma de *O Piano*. Juliette só deseja trabalhar com diretores sensíveis, porque considera as cenas de nudez uma espécie de violação. Em sua opinião, é preciso que o diretor faça alguma coisa para merecer tal despojamento da atriz. E quanto a migrar para Hollywood? Com a palavra, Juliette: "Acho que não posso fazer muito com armas e sexo, já fiz tudo o que podia com essas coisas." Mas, curiosamente, um dia, ela pretende filmar com Quentin Tarantino. Sim, aquele mesmo das pauleiras *Cães de Aluguel e Tempo de Violência*. Como conciliar o jorro de hemoglobina brucutu de Tarantino com a cândida languidez dessa criatura aparentemente delicada e frágil? A resposta pode estar exatamente aí. Tudo não passa de aparências. Hitchcock dizia que Grace Kelly era uma loura gelada, mas de um gelo que queima. Podemos dizer que Juliette é um vulcão que está quieto em seu canto, muito longe da extinção e com um poder de destruição latente. A lava está bem ali deslizando na encolha, sob o verniz de placidez helênica da superfície. Quem quiser que se aventure.

CONSUMO

◀BELEZA EM ALTA

A Nova Era tem um estoque indispensável para quem deseja manter a boa aparência. Da loção tônica antiqueda de cabelo ao gel invisível, os produtos são os aliados ideais para quem não dispõe de muito tempo e paciência.

▲FRAGRÂNCIA SEDUTORA

O Azzaro Pour Homme é um clássico. O perfume masculino mais vendido no mundo mistura o cheiro do âmbar, sândalo e o *vétiver*. A combinação com almíscar dá um toque de elegância e sensualidade que seduz as mulheres.

▲VISUAL ELEGANTE

As férias vão terminando e o guarda-roupa precisa ser renovado. Como o cinto é um item às vezes esquecido, aí vai a sugestão. Os modelos da Over End combinam charme e modernidade.

NOVO EM FOLHA▶

O antigo e estimado sapato ganha novo aspecto com o revestimento da Swains, especial para calçados de camurça e *nobuck*. A aplicação é rápida e sem *lambança*.

◀TRIO NECESSÁRIO

Práticos, o porta-notas e a carteira são acessórios que não podem faltar, assim como as gravatas. As da foto aí do lado têm padronagens modernas e também são da Swains.

Por CRISTIANE SIMÕES
Fotos ARMANDO BORGES, EDMILSON SANTANA, MUNIR CHATACK e Divulgação;
Produção RITA FURTADO;
Beleza ELÔ FREIRE;
Agradecimentos: Guilhermina Café, Fiszpan e Coiffeur Le Rouge

TELEFONES: Nova Era (021—521-9396); Over End (021—274-0294); Swains (021—717-9191, ramal 363); Tok Stok (021—325-6855); Lenn

▲ QUE VENHA O SOL

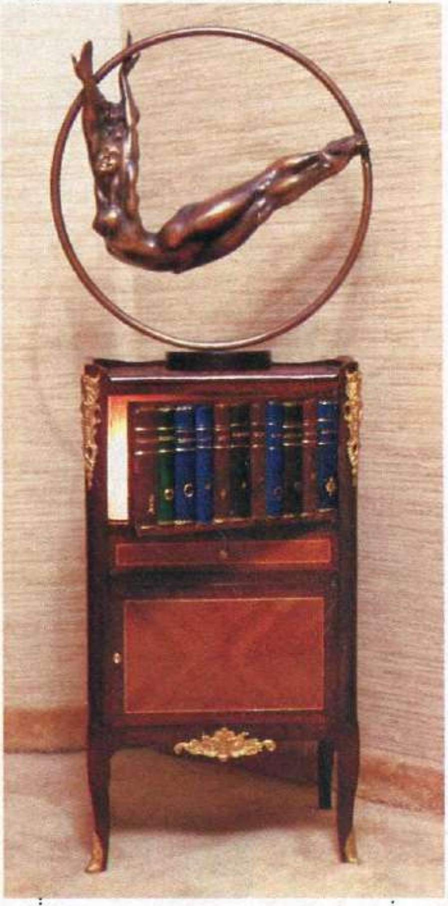
A piscina ganha charme extra com o conjunto de mesa e cadeiras da Tok Stok. A barraca oferece proteção contra os excessos do sol. A modelo da foto é a morenaça Luciana Palhares, com biquíni da Lenny e sandálias Júnia Gomes.

ALÔ, ALÔ! ▶

Toca o telefone e você está na piscina ou no banheiro. Pode ser aquele mulherão e não dá para perder tempo, mesmo molhado. Este aparelho de borracha da Kalu Place resolve o problema, mantendo a salvo os equipamentos convencionais.

▲ TRADIÇÃO SUÍÇA

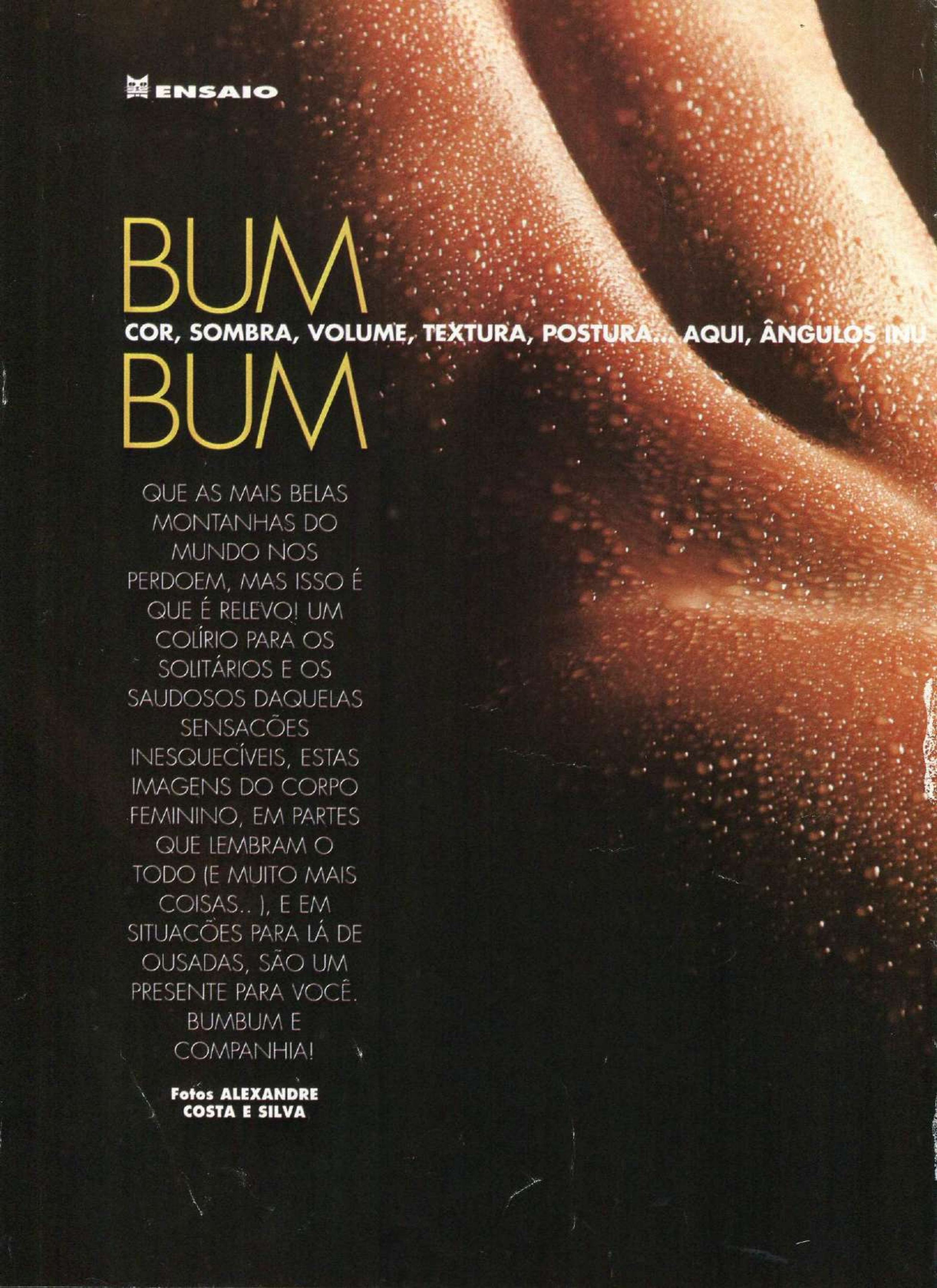
Resistente até a 30 metros de profundidade, o novo relógio Transpacific da Baume & Mercier completa o charme do executivo, no dia a dia, sem deixá-lo se atrasar. Pode ser encontrado nas lojas H. Stern.



▲ ARTE COM BOM GOSTO

O móvel com duas portas e capas de livros da Way Design cabe bem em qualquer sala. O toque de originalidade fica por conta da escultura em bronze, que leva a assinatura do artista Hildebrando Lima.

(021—237-6841); Júnia Gomes (031—334-6755); H. Stern (021—259-7442); Way Design (021—294-3748) e Kalu Place (021—542-2045).



BUM BUM

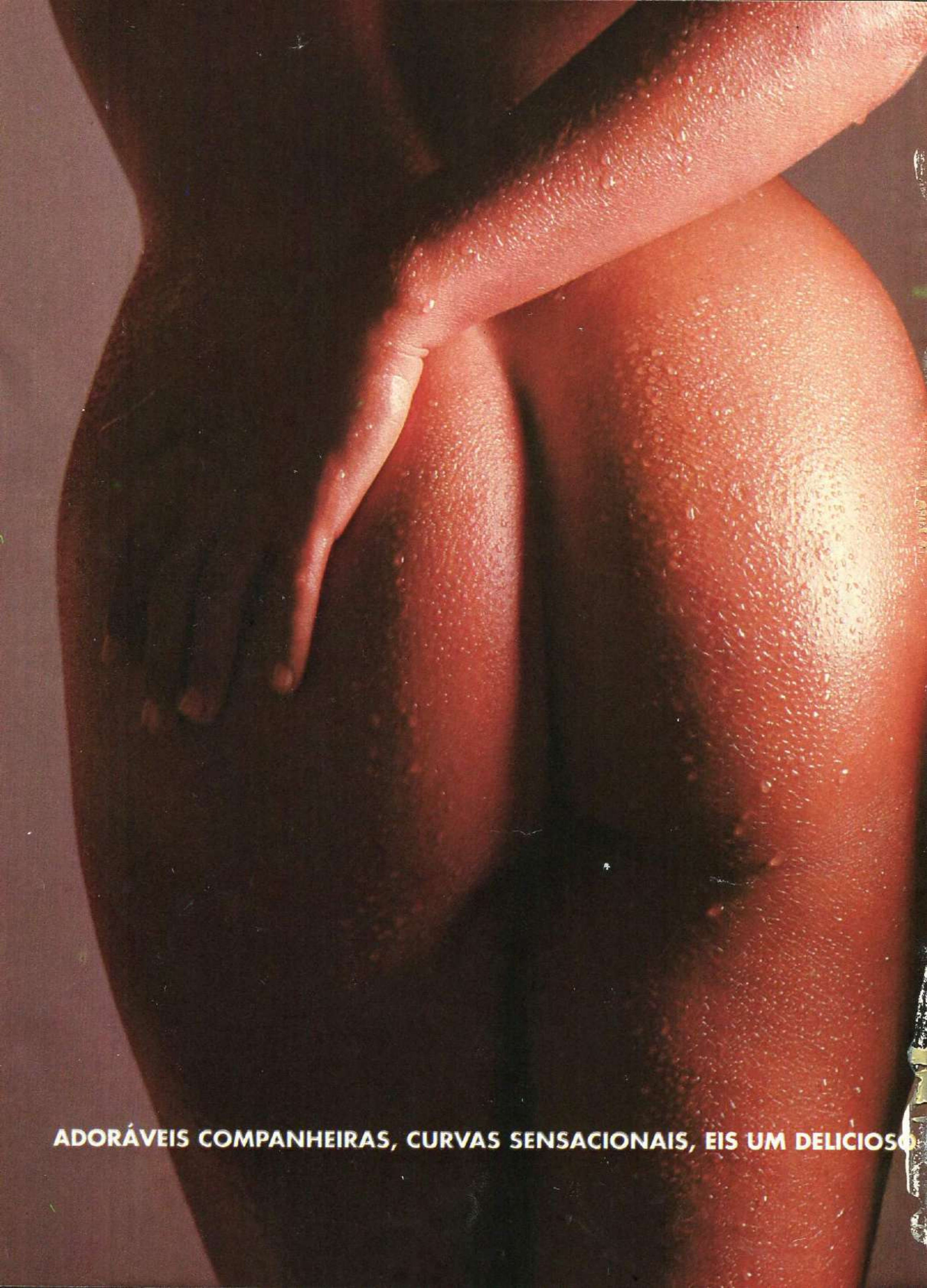
COR, SOMBRA, VOLUME, TEXTURA, POSTURA... AQUI, ÂNGULOS INU

QUE AS MAIS BELAS MONTANHAS DO MUNDO NOS PERDOEM, MAS ISSO É QUE É RELEVO! UM COLÍRIO PARA OS SOLITÁRIOS E OS SAUDOSOS DAQUELAS SENSAÇÕES INESQUECÍVEIS, ESTAS IMAGENS DO CORPO FEMININO, EM PARTES QUE LEMBRAM O TODO (E MUITO MAIS COISAS..), E EM SITUAÇÕES PARA LÁ DE OUSADAS, SÃO UM PRESENTE PARA VOCÊ. BUMBUM E COMPANHIA!

Fotos ALEXANDRE COSTA E SILVA

SITADOS E EXCITANTES DE UMA DAS MAIORES INVENÇÕES DE DEUS: ELA!

OLHA O QUE AS
GOTINHAS FAZEM E
O QUE A LUZ CERTA
REALÇA. JÁ HOUVE
UMA VEZ UM
VERÃO, CORPOS
ARDENTES, OU
AQUELE INVERNO À
MEIA-LUZ, UM
TOQUE, O CORPO
SOBRE OUTRO, OU
SIMPLESMENTE A
VISÃO DE
CONTORNOS TÃO
DESEJADOS. UMA
NÃO É POUCO,
DUAS NÃO SÃO
DEMAIS!



ADORÁVEIS COMPANHEIRAS, CURVAS SENSACIONAIS, EIS UM DELICIOSO

FETICHE MASCULINO, OU SERÁ FEMININO? TALVEZ UM FETICHE HUMANO

SUMMIT

O TOPO DO ESQUIADOR AUDAZ

Foi-se o tempo em que os únicos lugares que o Colorado (Oeste dos Estados Unidos) oferecia em matéria de neve eram Aspen e Vail. Agora mesmo, no início do ano, o condado de Summit, a apenas uma hora e meia do recém-inaugurado e moderno Aeroporto Internacional de Denver, já começou a receber os primeiros turistas afoitos em busca de neve. Na temporada passada, Summit teve 1,8 metro de neve, número bem acima da média, fator que contribui muito para atrair mais de três milhões de esquiadores por ano, um terço do total de visitantes em todo o estado

Por JAIME BORQUEZ

Com centenas de pistas que oferecem aos esquiadores os mais diversos graus de dificuldade, Summit, no Colorado, vem atraindo cerca de um milhão de esportistas por temporada.

Fotos Divulgação — Ben Blankenburg Editorial

SUMMIT oferece três *resorts* e um centro de esqui para quem curte esse e outros esportes de inverno. São eles Breckenridge, Copper Mountain, Keystone e Arapahoe Basin, que formam o complexo mais conhecido como Ski the Summit ou esqui no cume, no topo, no clímax. O ambiente dos quatro locais não poderia ser melhor, tanto em termos de gente bonita quanto de lugares atraentes.

Breckenridge é uma genuína vila vitoriana, com 136 anos de idade, declarada Distrito Histórico Nacional. A maioria de suas casas é construída com madeiras nobres, restauradas com todo o capricho americano. Neste lugar, pode-se reencontrar o espírito do Velho Oeste. Quem gosta de história e tradição terá muito o que fazer no *aprés le ski*, desde visitar minas de ouro a procurar pepitas nos riachos. Foi nesta cidade que, no século passado, encontraram a maior pepita de ouro do Colorado, a famosa *Bebê do Tom*, com 5,9 quilos.

Também se pode caminhar pelas ruas da vila e conhecer as 43 casas, hotéis, escolas e vendinhas, erguidos a partir de 1859, tombados pelo Patrimônio Histórico. Mas os brasileiros vão mesmo terminar as noites no *pub* e fábrica de cerveja Breckenridge. Aos olhos da clientela, os *barmen* preparam e servem seis tipos de cerveja. Em copos pequenos, elas podem ser saboreadas enquanto se lêem o nome, a composição, a história e o processo de elaboração de cada uma, num folheto que serve também como toalha de mesa. Quem gosta da *lourinha* não esquecerá jamais.

A TRILHA HORSESHOE BOWL, EM BRECKENRIDGE, É O TRECHO MAIS ÍNGREME PARA ESQUI DOS EUA

Breckenridge é um dos mais cotados destinos para esquiadores do mundo inteiro. Tem quatro picos de montanha que oferecem 126 pistas, todas com personalidades diferentes. O *Peak (pico) 7* tem vales, clareiras, escarpas e encostas que satisfazem os que preferem esquiar fora de pista. O *Peak 8* tem uma variedade fantástica de terrenos, desde caminhos bem cuidados a vales alpinos o preferido chama-se *Horseshoe Bowl*, considerado o trecho para esqui mais íngreme dos EUA.

Os novatos e os *snowboarders* concentram-se no *Peak 9*. Para os que querem arriscar manobras ousadas, eis o *Peak 10*, com suas escarpas, lombadas e clareiras especiais para descidas longas. Acontece ali a competição alpina da Copa Mundial. Há alojamentos para todos os gostos e bolsos, de hotéis a chalés de luxo, passando por condomínios e casas exclusivas. São ao todo 23 mil camas, número difícil de se encontrar na América Latina em um só lugar.

Keystone, para os americanos, é uma hospedagem quatro estrelas, o que denota certa modéstia, já que dá um banho de luxo e qualidade nos maiores centros de esqui do Cone Sul. O Keystone Resort supera todas as expectativas de conforto, serviço e requinte. As opções de acomodação são tão variadas que tornam difícil a decisão entre um hotel, condomínio, casas particulares ou pousadas, todos de extremo bom gosto e alto padrão de atendimento.

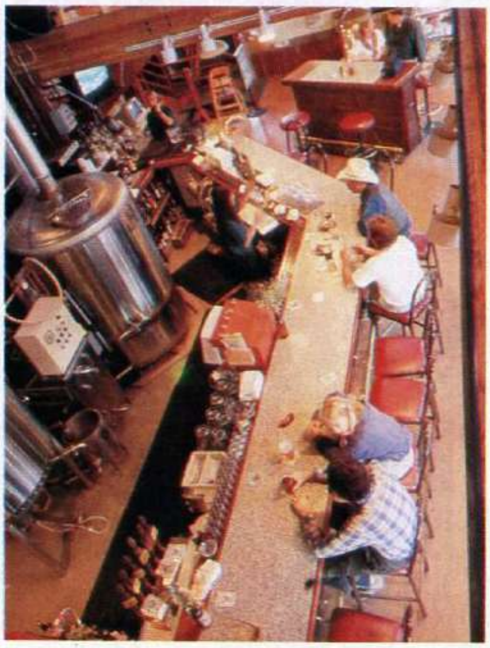
O crescimento do lugar não pára. Em abril passado, começaram as obras de desenvolvimento de um projeto que envolve 400 milhões de dólares, entre os quais se destacam o bairro de Ski Tip e o Village de River Run, que terá capela, biblioteca, mercado, residências e outras construções, todas no estilo do século passado, muitas já concluídas e em funcionamento. O *resort* está dentro da Arapahoe National Forest, um paraíso alpino baseado em três montanhas diferentes, todas banhadas por abundante sol e, mesmo assim, generosamente cobertas de neve. Suas 90 pistas são para todo tipo de esquiadores, desde o brincalhão iniciante até o *expert* exigente. Há desde suaves e largas até escarpadas e estreitas, além dos campos de *moguls*, lombadas que são a tentação dos *snowboarders*.

Para os mais fanáticos, Keystone oferece nada menos que 13 pistas iluminadas, estendendo o prazer de esquiar até a noite. A vila surgiu no século passado. O tempo do ouro trazia os aventureiros e colonizadores de diligência. Quando o minério se esgotou, a região acolheu os criadores de gado, madeireiros e negociantes de pele. Foi em 1946 que Max e Edna Dercum transformaram uma antiga estação de diligência e uma cabana de mineiro em chalé de esqui. Hoje, o lugar é conhecido como Chalé Ski Tip Lodge, uma aconchegante pensão que parece saída de um filme de John Wayne, com um restaurante de fino cardápio. Para se divertir fora das pistas, o lugar tem passeios de trenó, um rinque de patinação, considerado o maior ao ar livre do país, pistas para *mountain bike*, lojas e vários restaurantes, cuja especialidade é a cozinha montanhesa.

A apenas oito quilômetros de Keystone, encontra-se Arapahoe Basin, onde estão as mais difíceis pistas dos Estados Unidos. Esta é a área de esqui mais alta da América do Norte, que repousa sobre a Divisão Continental das Montanhas Rochosas do Colorado, a 3.967 metros acima do nível do mar. Os esquiadores calejados a chamam de *The Legend* (A Lenda) pelo alto grau de dificuldade, e também por sua beleza natural. A inclinação de suas 61 pistas é procurada por esquiadores e *snowboarders* de nível avançado.

Seus declives acima da linha da floresta, o perfil acidentado, as amplas cavidades, as clareiras e as árvores enfileiradas são uma tentação para quem deseja adrenalina pura. Pela altitude, Arapahoe Basin consegue manter um metro de neve esquiável até junho, um mês além das outras estações da região. O lugar é bastante exclusivo, não tem hotéis, mas, com o pontual serviço de ônibus-circulares que percorrem todos os estabelecimentos de Ski the Summit, torna-se fácil chegar a esta lenda dos esquiadores.

A estação que fecha o circuito de Ski the Summit é Copper Mountain, abençoada por um relevo geológico sem igual. Sua reputação entre os esquiadores é a de oferecer uma excelente experiência com serviços de alto nível, em uma das mais bem planejadas montanhas para esqui dos Estados Unidos. São 556 hectares, 101 pistas, onde se destacam



O *pub* e cervejaria de Breckenridge (ao lado) prepara e serve, diante de esquiadores e turistas, seis tipos de cerveja; toda a região conta com uma ótima e diversificada infra-estrutura de hospedagem.

Spaulding, Union e *Copper Bowls*, com um sem-número de relevos íngremes. Os mais arrojados esquiam em *Resolution Bowl* e *Upper Enchanted Forest*, que leva o desafio ao limite, ao *summit*, ao clímax.

Mas há pistas para esquiadores de nível intermediário, com clareiras e concavidades abertas, e também para principiantes, que se concentram do lado oeste da estação de esqui, entre suaves ladeiras e pequenos declives. O desenho do vilarejo de Copper Mountain assegura que todas as lojas, restaurantes, instalações para hospedagem e atividades, assim como as pistas, estejam localizados a distâncias convenientes para aqueles que gostam de caminhar. Já foram gastos mais de 1,5 milhão de dólares em novidades e melhorias para a temporada 95-96, que vai ser bom conferir *in loco*.

O visitante também encontra outros locais para a prática do esporte, como o Copper Mountain Racquet and Athletic Club, um impressionante lugar que oferece natação, tênis, equipamentos para exercícios físicos, massagem, *spas* e outros. Os restaurantes vão do casual ao elegante e há disponibilidade de hospedagem em grande variedade de acomodações e preços. Há diversas clínicas de esqui, com programas especiais para famílias, assim como seminários de esqui para mulheres, aulas de *snowboard*, esqui avançado, treinamento e corridas, com curso de autocronometragem.

O Ski the Summit vem sendo transformado no destino de muitos esquiadores que querem algo além das pistas. O condado tem vários *Outlet Malls*, ponta de estoques e lojas de fábrica, com marcas famosas, tais como Levi's, Nike e outras, a preços inacreditáveis. Piscinas aquecidas, creches com *baby-sitters*, canchas de golfe — diga-se, as melhores do estado —, motos de neve, e muitos outros itens estão à disposição dos visitantes de Ski the Summit.

■ Informações sobre o condado de Summit: Expedition (011) 258-7455, Interpoint (011) 881-9400, NS Tour (011) 851-2800, Snowtime (011) 280-3700.

DOCUMENTO

A ERA DO Swing

UM RITMO CONTRA A DEPRESSÃO

O início dos anos 30 foi difícil para o povo americano, com a recessão que abalou o país. Para a música, foi uma catástrofe. Centenas de teatros e *ballrooms* fecharam suas portas, muitos músicos deixaram de tocar e a venda de discos caiu assustadoramente. O fantasma do desemprego ameaçava a nação. Mas uma reviravolta aconteceu com o plano de recuperação econômica do Presidente Roosevelt. Uma era de prosperidade começava. Em Nova Iorque, um clarinetista de 25 anos chamado Benny Goodman formava sua orquestra e, em 1936, nascia a Era do Swing, uma das mais criativas da história do *jazz*

Por JOSÉ DOMINGOS RAFFAELLI

BENNY Goodman, o nono filho de uma família judia paupérrima, nasceu em Chicago, em 1909. Desde cedo, mostrou seu talento e, aos 15 anos, tocava na banda do baterista Ben Pollack. Em 1935, formou sua primeira orquestra. Imediatamente, contratou Fletcher Henderson para preparar os arranjos do seu repertório. Henderson liderou uma das primeiras orquestras de *jazz* desde 1923. Com temas interpretados com inusitado balanço, Goodman conseguiu um programa de rádio na NBC, que atraiu uma vasta audiência de jovens empolgados pela nova música. Àquela altura, nem Goodman ou Henderson definiam aquele tipo de música. Eles a chamavam apenas de *swing*.

De certa forma, o *swing* mudou o país. Goodman foi para Los Angeles tocar no Palomar Ballroom e deixou os jovens dançarinos enlouquecidos. Ao mesmo tempo, em Nova Iorque, a nova banda dos irmãos Tommy e Jimmy Dorsey alcançou sucesso instantâneo. Até a Orquestra Casa Loma, do maestro Glen Gray, trocou sua música xaroposa por arranjos de grande força rítmica. O compositor e maestro inglês Ray Noble seguiu as mesmas diretrizes, contratando Glenn Miller para a sua orquestra.

O melhor viria depois. Voltando de Los Angeles, Goodman vai a Nova Iorque para uma temporada no Teatro Paramount, localizado no anexo do Madison Square Garden. Ao se aproximarem do local, Goodman e seus músicos estranharam a multidão aglomerada nos quarteirões vizinhos. Pensando tratar-se de alguma luta de boxe, ficaram assombrados ao descobrir que aquelas centenas de jovens estavam na fila para ouvir a sua orquestra. O que aconteceu depois faz parte da história. A multidão dançou nos corredores do teatro ao som da música de Goodman, chegando às raias da histeria coletiva. Seu triunfo consagrador foi o primeiro som a sacudir a juventude. Logo a seguir, ele foi proclamado o Rei do Swing.

Antes de 1935, outras orquestras pavimentaram a estrada para o *boom* que aconteceu a partir de Goodman, entre elas as do próprio Fletcher Henderson, Chick Webb, Jimmie Lunceford, McKinney's Cotton Pickers, Benny Carter, Ben Pollack, Earl Hines, Teddy Hill, Claude Hopkins, Cab Calloway, Charlie Barnet e Luis Russell. Duke Ellington era um universo à parte, atravessando seis décadas com sua música inovadora e criativa, que transcendeu a estilos e épocas, ul-

Foto RUY DE CAMPOS

O sorridente vibrafonista Lionel Hampton (foto maior) e o saxofonista Benny Carter (abaixo, mais à esquerda) foram precursores do *swing* e seguiram a onda que também consagrou *lady crooners* como Doris Day (abaixo, à esquerda).

Foto PAULO FRIDMAN

Foto MANCHETE IMAGENS

trapassando as fronteiras da arte negra.

A partir de 1936, havia sinais de dias melhores no horizonte, com o fortalecimento da economia e mais empregos. Dois músicos de Chicago, Glenn Burrs e Carl Cons, editavam a revista *Down Beat*, que era a publicação musical mais popular do país. Em suas páginas, Goodman, Ellington e os irmãos Dorsey. Os músicos de *swing* recebiam maior cobertura jornalística do que o próprio presidente americano na imprensa em geral. Na mesma época, surgiam novas bandas voltadas para a música excessivamente açucarada, sem o vigor das orquestras de *swing*, ganhando espaço nos salões de dança dos hotéis, nas festas de formatura e nos bailes da alta sociedade. Eram as orquestras quadradas, entre elas as de Guy Lombardo, Henry Busse, Clyde McCoy, Abe Lyman e Wayne King, que faturavam em torno de 250 mil dólares anuais.

Outro fator de evolução no *jazz* foi o ressurgimento dos clubes noturnos em vários pontos do país.Nova Iorque, a Meca do *jazz*, conhecia um *boom* de casas noturnas, principalmente na Rua 52 (nomeada oficialmente a Swing Street pelo Prefeito Ed Koch), onde se aglomeraram em dois quarteirões, lado a lado, clubes como o Down Beat, Hickory House, Onix e Famous Door. Centenas de músicos se tornaram populares, alguns ganhando *status* à altura dos *band-leaders*, entre eles Harry James e Roy Eldridge (trompetes), Gene Krupa (bateria), Coleman Hawkins e Chu Berry (sax-tenor), Art Tatum e Teddy Wilson (piano), Lionel Hampton (vibrafone), Slim Gaillard (guitarra) e Slam Stewart (baixo). James, Krupa e Hampton lideraram suas orquestras mais tarde.

Outras orquestras ganhavam popularidade: os irmãos Jimmy e Tommy Dorsey, que se separaram e cada um liderava a sua própria formação, Lucky Millinder, Blue Rhythm Band, Teddy Hill, Andy Kirk, Jay McShann, Artie

Shaw (o grande rival de Goodman, chamado de O Rei do Clarinete), Red Norvo, Bunny Berigan, Les Brown (o único da Era do Swing ainda em atividade), Bob Crosby, Woody Herman, Erskine Hawkins, Teddy Powell, Jan Savitt, Raymond Scott, Charlie Spivak, Glenn Miller e Count Basie, que tomou Nova Iorque de assalto em 1937, com músicos de primeira linha, entre eles Lester Young, Buck Clayton, Walter Page e Jo Jones.

As *big bands* estavam na ordem do dia, mas Benny Goodman continuava reinando absoluto. Seu programa de rádio semanal, *Let's Dance*, transmitido de costa a costa nos Estados Unidos, era o mais ouvido no país. Seus discos eram campeões de venda da RCA Victor e a participação da orquestra em filmes de Hollywood ampliou sua popularidade. Seu trio, com o pianista Teddy Wilson e o baterista Gene Krupa, somente era igualado em nível artístico pelo seu quarteto, completado pelo sempre sorridente vibrafonista Lionel Hampton. Goodman era mais popular que o Presidente Roosevelt e tinha o país a seus pés. Ele era o novo Midas da música americana.

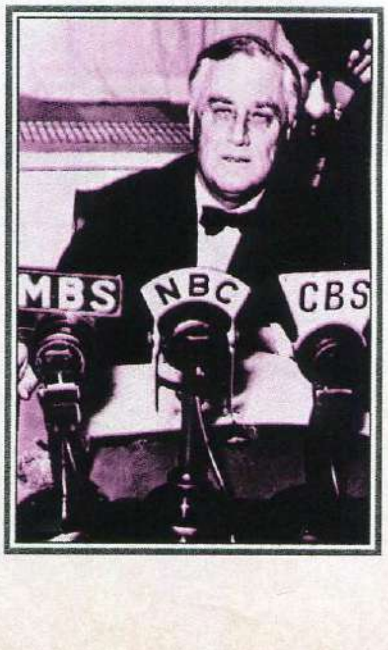
Em 16 de janeiro de 1938, Goodman e seus músicos realizaram o primeiro concerto de *jazz* no Carnegie Hall, o conhecido Templo da Música Americana, tornando o *jazz* respeitável aos olhos de milhões, mesmo os que nunca o haviam ouvido. O concerto foi um sucesso sem precedentes, resultando em uma série de discos que foram lançados pela primeira vez em 1952, em forma de LP. Além da orquestra, trio e quarteto de Goodman (com Harry James, Vernon Brown, Jess Stacy, Gene Krupa, Ziggy Elman, Teddy Wilson e Lionel Hampton) também atuaram músicos das orquestras de Count Basie (o próprio Basie, Lester Young e Buck Clayton) e Duke Ellington (Johnny Hodges, Harry Carney e Cootie Williams).

Goodman não era um homem fácil de lidar. Perfeccionista e

Foto RICK MAIMAN — Sygma

Fotos MANCHETE IMAGENS

Acima, destaque para Ella Fitzgerald e Louis Armstrong (de gravata borboleta); ao lado, Frank Sinatra com o *patrão* Tommy Dorsey e Jo Stafford; mais à direita, Glenn Miller, morto tragicamente num acidente de avião.



No auge da Era do Swing, músicos como Benny Carter (ao lado) e Benny Goodman (na página ao lado) brilhavam e Goodman até superava em popularidade o presidente americano Roosevelt (mais à direita).

exigente, perdia a paciência com facilidade. Por outro lado, era um homem generoso. Sua coragem em tocar nos palcos ao lado de músicos negros (Wilson, Hampton, o guitarrista Charlie Christian e muitos mais) pela primeira vez foi uma atitude heróica que encontrou barreiras segregacionistas de todo tipo. Sua atitude encorajou outros a fazerem o mesmo. Hoje, a integração racial na música é total, e ninguém se lembra mais que antigamente não se tolerava brancos e negros no mesmo palco.

Através dos anos, o estilo de Goodman foi o modelo para todos os clarinetistas. Seu grande rival Artie Shaw também tinha técnica perfeita, com notas límpidas e uma fluidez impressionante. Jimmy Dorsey, que também tocava sax-alto, era clarinetista de técnica e sonoridade impecáveis. Barney Bigard, cuja formação era no *jazz* tradicional de Nova Orleans, foi outro clarinetista de estilo próprio e força de expressão. Mas Goodman foi o melhor de todos, com uma sonoridade absolutamente pessoal, técnica que nenhum outro jamais alcançou e um irresistível *approach* rítmico.

> *Goodman era genioso mas teve a coragem de tocar com negros, um tabu então*

Em 1938, o *swing* fazia parte da vida americana. A popularidade dos *sidemen* impeliu-os a formar suas próprias orquestras. Em 1939, os saxofonistas Benny Carter e Coleman Hawkins regressaram da Europa, para onde foram em 1934, e formaram suas bandas. Logo depois da sua chegada, Hawkins gravou *Body And Soul*, considerado um dos solos clássicos do sax-tenor. A essa altura, Tommy Dorsey e Glenn Miller alcançavam o auge da popularidade. Miller trazia um novo som. A partir de 1940, com sua música suave e romântica, rivalizava com Goodman em popularidade. Sua morte trágica, em 1944, quando desapareceu no Canal da Mancha, num vôo da Inglaterra para a França, encerrou uma das carreiras mais bem-sucedidas de todos os tempos.

Quase todas as *big bands* tinham seus *crooners* e *lady crooners*. Muitos deles foram tão ou mais populares que os próprios líderes das orquestras. Frank Sinatra com Tommy Dorsey, Bob Eberle e Helen O'Connell com Jimmy Dorsey, Ray Eberle com Glenn Miller, Doris Day com Les Brown, Dick Haymes e Helen Forrest com Harry James, Anita O'Day com Gene Krupa, Billy Eckstine e Sarah Vaughan com Earl Hines, Ella Fitzgerald com Chick Webb foram alguns vocalistas que encontraram o caminho para a fama e fortuna nas *big bands*.

A Era do Swing durou exatamente uma década. Muitos músicos deixaram as principais orquestras ao serem convocados para as Forças Armadas durante a Segunda Guerra Mundial. Com a indústria americana voltada inteiramente para o esforço de guerra, não se fabricava mais automóveis, ônibus e pneus. Com falta de veículos e racionamento de combustível, as orquestras não tinham mais possibilidade de viajar através do país para tocar. A maioria dos *ballrooms* e clubes noturnos fecharam. A maioria dos velhos prédios da lendária Rua 52 foi abaixo, para dar lugar a novos edifícios. Uma greve da Federação de Músicos, decretada em julho de 1942, durou 16 meses, agravando ainda mais a situação dos músicos. Se a venda de discos caíra muito com a guerra, a partir daí diminuiu ainda mais. A Era do Swing deu enorme impulso à indústria fonográfica, que virtualmente parara em 1931—1932 com a Depressão. Houve um aumento de vendas espantoso de instrumentos musicais. Cessadas as hostilidades, em 1945, a Era do Swing transformara-se em página virada, havia passado. Ao mesmo tempo, um grupo de jovens, a maioria desconhecida, com novas idéias, desenvolvia uma música diferente. Uma revolução começava no *jazz*: o *bebop*. Mas isso é outra história.

Foto MANCHETE IMAGENS

Gente

Renato Guima

Foto MANCHETE IMAGENS

ARISCOS OLHOS VERDES

Por onde pisa, jagunços e coronéis ficam tentados, enquanto os padres guardam distância da ex-prostituta. A Marisca interpretada pela atriz ANA CECÍLIA sofre, mas é um colírio de olhos verdes na novela *Tocaia Grande*, da Rede Manchete. Escalada pelo diretor Walter Avancini, a jovem baiana faz sucesso. "Já fiz balé e estreei no teatro fazendo *O Santo Inquérito*, em Salvador, há dez anos", conta. Na Manchete, Ana já tinha feito uma participação na minissérie *Rede de Intrigas*.

Foto MUNIR CHATACK

VÊNUS AFINADA

A idéia era antiga e gostosa. *Vênus*, o quinto disco de VERÔNICA SABINO, é dedicado às mulheres e composto por elas. Tem Chiquinha Gonzaga, Maysa, Ivone Lara, Jovelina Pérola Negra, Rita Lee, Adriana Calcanhoto e Zélia Duncan, entre outras. Só faltou o Chico Buarque. "Pensei em colocar uma música dele, pois o Chico é o único homem que canta a mulher como ninguém, mas radicalizei e só escalei compositoras", explica. Na capa, Verônica aparece sensual e despojada como o título do trabalho.

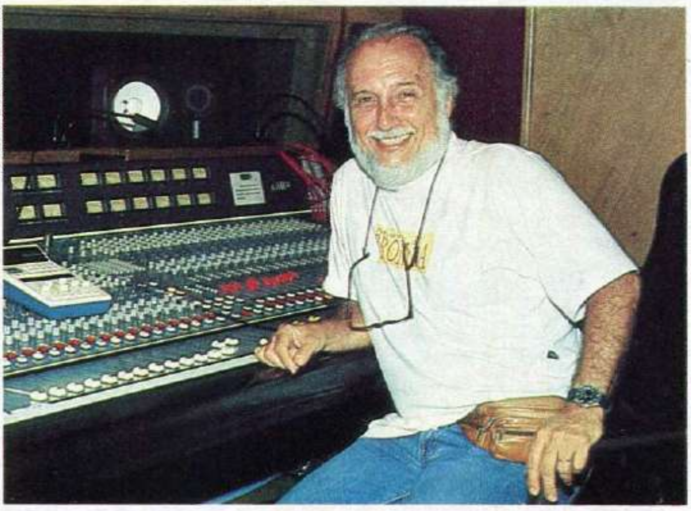


Foto ADEMIR MARTINS

DIGITAIS DE DRUMMOND

O Natal passou e o melhor presente dos admiradores de Carlos Drummond de Andrade ainda não chegou, mas está a caminho. Trata-se de um CD com 15 poemas musicados do mestre de Itabira. O projeto é do jornalista Célio Albuquerque e tem, à frente dos trabalhos, o compositor ROBERTO MENESCAL. "Contamos com um time de feras entre os intérpretes", resume Menescal. Refere-se a bambas como Francis Hime, Geraldo Azevedo, Toquinho, Jards Macalé, Moraes Moreira e Danilo Caymmi, além do próprio. O CD deve chegar às lojas ainda neste semestre.

MODÉSTIA DO MULHERÃO

Três horas. Foi o tempo que o artista plástico Albery levou, *vestindo* o corpinho de ISA MACHADO, especialmente para a gravação da vinheta de carnaval da Rede Manchete. "Ele é um superprofissional e o resultado ficou ótimo", vibra Isa. Depois de estudar *jazz*, sapateado e balé, ela reforçou os conhecimentos de samba no pé com o mestre Carlinhos de Jesus. "Na verdade, não esperava ser a escolhida entre as candidatas. Geralmente, as pessoas associam o carnaval a mulheres de corpão e bundão" conta Isa, que foi convidada para desfilar no Salgueiro.

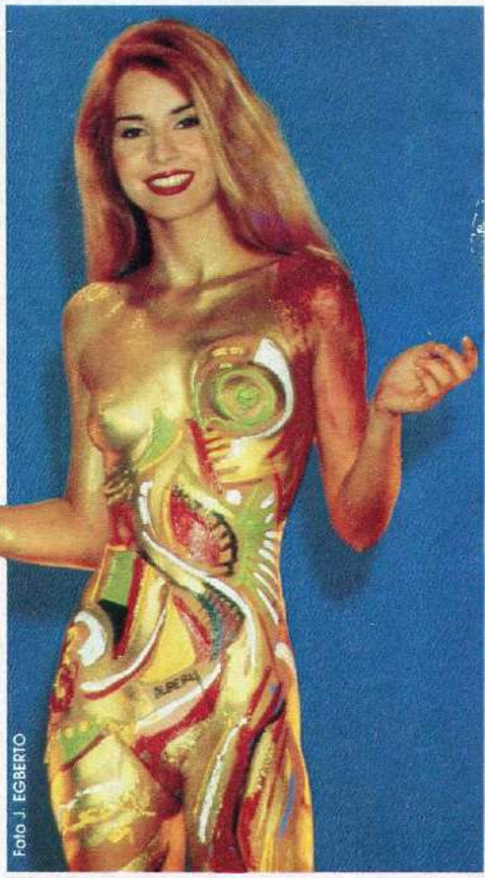


Foto J. EGBERTO

RAINHA DOS ALTINHOS

A Rainha do Carnaval do Rio, deste ano, brilha nas páginas de ELE ELA há muito tempo. Revelação de nossa seção *Gatas & Gatinhas*, a modelo PATRÍCIA SANTANA volta agora de cetro, coroa, charme e simpatia para a alegria dos súditos do nosso Reino do Prazer. "Sempre adorei a descontração do carnaval", diz a morena, que trocou o friozinho de Petrópolis pelo calor das escolas de samba, bandas e blocos. Confetes à parte, Patrícia tem futuro. Mesmo após a quarta-feira de cinzas, ela continua representando a corte carioca em nome do *ziriguidum*.

FOGUEIRA DE CORES

Foto J. EGBERTO

A história da destemida Joana d'Arc ganha novas cores. A artista CHRISTINA OITICICA percorreu as cidades por onde passou a heroína numa pesquisa que resultou na exposição aberta na Casa França Brasil, Rio de Janeiro. Os trabalhos dão múltiplas nacionalidades à francesa queimada pela Inquisição. Assim, Joana aparece como favelada, índia, gueixa, muçulmana... Acima de religiões e cultura.

Foto RICARDO MALTA — Divulgação

PACTO COM O SAMBA

São 13 músicas e o disco é o sétimo da carreira dele. Por essas e outras, *Luz* é definido como "meio cabalístico" por MARQUINHOS SATHÃ, que também acaba de incorporar o *H* no nome por conta da numerologia. O que não muda é o samba generoso de Marquinhos, cadenciado por sucessos românticos como *Falsa Consideração*. "Estamos a caminho do Norte e do Nordeste para temporadas de *shows*" avisa o salgueirense, que, nas horas vagas, joga de ponta-de-lança ao lado de craques amigos como Afonsinho, Jairzinho, Nílson Dias e Nei Conceição.

MAX NUNES

O PAI DA PIADA ELETRÔNICA

Pense nos maiores nomes do humorismo brasileiro. Pense nos maiores salários, nas carreiras mais brilhantes, nos mais tarimbados e simpáticos comediantes. Escolha um — não importa qual — e lhe pergunte quem é o redator de humor que ele mais respeita. A resposta será sempre a mesma: Max Nunes. Na verdade, a história do humorismo eletrônico se confunde com a biografia de Max Mílton Nunes, o texto por trás dos maiores sucessos cômicos do rádio e da televisão. Atualmente, aos 73 anos e com quase 50 de profissão, ele é — juntamente com o parceiro Hílton Marques — o consultor de textos do *Jô Soares Onze e Meia*, um gol de placa que implantou definitivamente o formato *talk-show* nas telinhas brasileiras

Por LUIZ BELLO

HOJE, ele é considerado o rei do riso, o mestre da piada eletrônica. Seu texto magicamente simples e sua galeria de tipos engraçadíssimos só encontraram rival em Haroldo Barbosa, outra *fera* do humor, com quem acabou formando uma parceria magistral. Mas, apesar do enorme talento inato, a verdade é que Max Nunes ingressou nesta vida de redator meio sem querer, preocupado em complementar sua renda para poder cursar a Faculdade de Medicina. Ao que tudo indica, a *queda* para o humorismo veio de casa, mesmo. O pai, Lauro Nunes, um veterano do jornalismo carioca, também fazia textos cômicos para revistas do início do século, sob o pseudônimo de Terra de Siena. O filho cresceu praticando seus gracejos na escola, satirizando colegas e professores. Na juventude, chegou a formar um grupo musical, o Bando Tropical, que se apresentou em algumas emissoras de rádio e até no famoso Cassino da Urca. Mas os planos de tornar-se médico fizeram o *bando* dispersar.

Foto MUNIR CHATACK

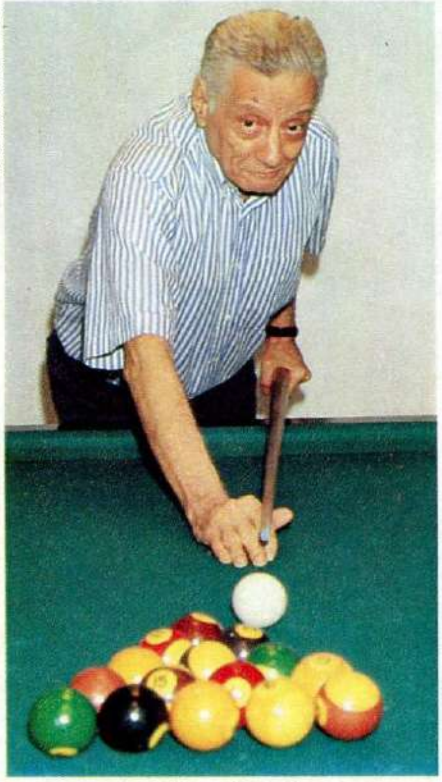
Já estudante e com a grana curta, Max começou a trabalhar no rádio com a ajuda da mãe de um amigo, Dona Maria Célia, secretária do apresentador Barbosa Júnior, na Rádio Nacional. De *free-lancer* nessa emissora ele pulou para um emprego fixo na Rádio Tupi, onde ficou sete anos e chegou a escrever diversos programas de grande audiência, como *Queixas do Dia, Dona Eva e Seu Adão* e *O Amigo da Onça.*

Depois desses sucessos, Max foi procurado pela direção da Rádio Nacional. Queriam-no de volta. Sem acre-

Foto MANCHETE IMAGENS

Por trás do sucesso de Renato Corte Real, Miéle, Jô, Agildo e Paulo Silvino em *Satyricon*, a pena mágica de Max Nunes (página anterior).

Foto MUNIR CHATECK



De *Lilian Bife Quibe* (no alto da página ao lado) ao macaco *Sócrates*, os tipos mais engraçados da telinha foram escritos por uma dupla de craques: Haroldo Barbosa (embaixo, página ao lado) e Max (na mesma foto, abraçado ao afilhado Jô Soares, e acima).

ditar nas promessas que lhe faziam e ansioso para se livrar daquele assédio, resolveu responder ao convite com algumas exigências absurdas, como um salário bem alto e condições de trabalho inéditas, na época. Para sua surpresa, tudo o que pediu foi aceito. A partir de então, seu nome e o do futuro parceiro Haroldo Barbosa começariam a se alternar no elenco das grandes emissoras. Quando um saía, logo a direção da rádio se apressava em contratar o outro, para reequilibrar as coisas e manter a audiência.

Depois da mudança, a carreira deslanchou e ele acabou tornando-se o grande criador de programas e personagens dos anos de ouro do rádio brasileiro. Nessa época, Max *construiu* o *Balança Mas Não Cai*, o *edifício* mais famoso da cidade, que teve várias reedições, anos mais tarde, na televisão.

Inúmeros personagens seus acabaram caindo na boca do povo. A expressão *Mengo*, por exemplo — hoje um internacional sinônimo para O Mais Querido —, era o cacoete de um tipo chamado *Peladinho*. *Ofélia*, a dondoca burra que "só abria a boca quando tinha certeza", e a dupla mais famosa do humor, *Primo Rico e o Primo Pobre* —, encarnados por Paulo Gracindo e Brandão Filho —, também foram suas criações.

Incansável, Max, durante algum tempo, chegou a fazer oito programas semanais no rádio, além de manter colunas nos jornais *Diário da Noite* e *Tribuna da Imprensa*. Também foi grande no teatro de revista, emplacando quase cinqüenta sucessos em parceria com Carlos Machado e Walter Pinto. Fez algumas incursões na música popular e é o autor de uma das mais famosas marchinhas de carnaval de todos os tempos, *Bandeira Branca*, escrita a pedido de Dalva de Oliveira. Max compôs esse megassucesso em 20 minutos, após uma olhada na primeira página do *Jornal do Brasil*, que, naquela manhã, estampava a foto de uma criança maltrapilha de Biafra empunhando uma bandeira de trégua.

> “Detesto viajar. Se viagem desse cultura, todo marinheiro seria doutor”

Nos anos 50, começou a trabalhar na TV Foi, viu e venceu. Escreveu vários sucessos para a Tupi e, em 63, graças ao diretor Carlos Manga, finalmente juntou-se ao grande rival Haroldo Barbosa na TV Excelsior, formando a dupla que iria reinventar o humor na televisão brasileira. De cara, fizeram três programas: *A Cidade se Diverte, My Fair Show* e *Times Square*. Este último já trazia o embrião do formato que, anos mais tarde, faria um sucesso sem precedentes.

Em 1965, os dois foram contratados, a peso de ouro, pela Rede Globo, onde produziram os textos de *Oh, Que Delícia de Show!, Uau!, Faça Humor Não Faça a Guerra, TV Ó TV1, Satyricon, O Planeta dos Homens*... Foi a época em que os programas humorísticos semanais eram o carro-chefe da emissora e batiam todos os recordes do Ibope. Mais tarde, já sem o parceiro falecido em 79 —, Max ainda escreveria outro grande sucesso: *Viva o Gordo*.

"O macaco tá certo", "Não me comprometa", "Você não quer que eu volte", "Tem pai que é cego", "Vai pra casa, Padilha", "Mui amigo"... Mais uma vez, as frases de seus tipos inesquecíveis — que consagraram Jô, Agildo, Renato Corte Real, Paulo Silvino e tantos outros caíam na boca do povo, só que, agora, via-satélite, para todo o Brasil.

Por muito menos do que isso, há quem saia por aí se achando o gênio da raça. Max, não. É a simplicidade em pessoa. Recebeu a equipe de ELE ELA em sua casa na Gávea, Zona Sul do Rio, e a entrevista ficou parecendo um bate-papo entre velhos amigos. Do sucesso ele fala com desdém, como se tudo tivesse acontecido meio sem querer e quase sem esforço. Conta também que resistiu um pouco, antes de aceitar mudar-se com Jô Soares para o SBT porque, além dos riscos profissionais envolvidos, as gravações seriam em São Paulo e Max detesta viajar. "Se viagem desse cultura, todo marinheiro seria doutor", diz.

No meio do papo, entra um dos cinco netos, a quem ele pede que confirme sua antológica fobia de borboletas. Orgulhoso da família, fala de seu casamento, "desde 1948", com Nina Rosa Nunes, e dos seus quatro filhos: a psiquiatra Sílvia, o diretor de tevê Maurício que trabalha no *Domingão do Faustão* e as atrizes Bia (na novela global das seis) e Maria Cristina (que também trabalhou em vários programas escritos por Max, na Globo).

Testemunha e personagem do apogeu do humor no rádio e na televisão, ele poderia escrever vários livros a respeito. Isto lhe é cobrado freqüentemente pelo amigo e triafilhado artístico e de dois casamentos Jô Soares. Max se recusa displicentemente a "entrar nessa" como ele mesmo diz. Acha que escrever livro pode ser uma imodéstia tão grande quanto fazer discurso. É coisa de quem gosta de pedir a palavra, diz: "E quem pede a palavra sempre a devolve em péssimas condições."

Fotos MANCHETE IMAGENS

MAX POR MAX

A seguir, uma brilhante e divertida entrevista com o mestre Max Nunes.

— É fácil escrever humor?

Eu acho que o humor ou é muito fácil ou é impossível, não é? (Ri). Para fazer, você tem que ter o espírito realmente voltado para isso.

Como é que surgem as piadas? Brincadeiras entre os escritores, conversas com o elenco ou você pensando sozinho?

Na maior parte das vezes, é você pensando mesmo. Dá para escrever coisas engraçadas até sobre uma caixa de fósforos. Agora, aquela piada que você tem que imaginar, desenvolver e detonar, isso é raro. É tão raro que elas são as mesmas no mundo inteiro. Muda um pouco o sotaque, mas são sempre as mesmas.

— Dá para distinguir o que é de um autor do que é ouvido nas ruas? Piada tem dono?

Às vezes, tem. Muitas frases minhas ficaram aí, rodando com outras pessoas, não é? "Perguntar não ofende", "É aí que mora o perigo", "O Macaco *tá* certo..."

Borjalo conta que você se queixava do excesso de interferência do Boni sobre seus textos, na Globo. Foi bom se livrar destas interferências e ir para o SBT, ou há isso lá também?

Em primeiro lugar, eu comentei sobre as interferências do Boni, mas ele é muito meu amigo. Quando eu saí de lá, ele sentiu muito. Fui à sala dele contar: "Ô, Boni, eu vou pro SBT." E ele disse: "Traidor! (Ri) Tá vendo aquela telinha alí? Aquele gordo nunca mais vai aparecer nela!" (Ri) Eu respondi: "Ô, Boni, eu não vou para a NBC, eu vou pro SBT..." (Ri). Mas, no SBT, ninguém proíbe nada. O Jô convida quem quer, não tem nenhuma interferência. Nem pra proibir nem pra pedir, porque, às vezes, poderia chegar alguém e falar: "Entrevista Fulano, que é do interesse da casa..." Mas isso não existe. Nossa mudança deu certo e o Jô está muito bem lá. Aliás, onde o Jô vai, ele parece que se torna a carteira de identidade da emissora. Foi isso que o Borjalo nos falou, quando soube que iríamos mudar: "Olha, a Globo vai perder a carteira de identidade."

— E na época, achavam até que seria o contrário, né? Que o Jô iria perder, saindo da Globo...

—É porque houve muita gente que saiu de lá e perdeu. Eu me lembro daquela época, com o Jô chegando pra mim e falando: "Padrinho, acho que nós vamos pro SBT..." Ele me chama de padrinho. Eu fiquei só rindo: "Tá, Jô, nós vamos..." Mas, quando vi que o negócio estava ficando sério, avisei a ele que tinha 20 anos de TV Globo e não podia sair assim, feito louco.

O Jô diz que você é o seu padrinho de casamento e artístico...

É. Eu sou padrinho dele em dois casamentos e ele tem essa bobagem de dizer que fui eu quem o levou para a TV... Mas ele já havia feito teatro e tudo o mais. Eu tinha um programa na Tupi, do Rio, chamado *Ali Babá e Seus 40 Garçons*. Era ao vivo, às quartas-feiras. Então, fiz um tipo para ele, um cara que tinha mania de desfiar uma série de sinônimos para tudo o que dizia. O Jô reclamava muito do trabalho que dava para decorar aqueles sinônimos todos... (Ri).

> “*Dá para escrever coisas engraçadas até sobre uma caixa de fósforos...*”

Em que época foi isso?

Não sou muito bom para datas. O programa começou em 55. O Jô deve ter entrado em 60. Mas esse *Ali Babá* foi o primeiro programa humorístico com mudanças de câmera, como no cinema. Aliás, certa vez, uns americanos vieram ver a gente trabalhar e ficaram espantadíssimos. Eles achavam que o programa iria ao ar em 15 dias e nós dissemos que era para dali a uns 40 minutos. Mas eles se admiraram mesmo quando viram...você lembra que o antigo prédio da Tupi, ali na Urca, tem uma rua passando bem no meio. Pois eles viram um camarada atravessando aquela rua, carregando uma câmera de tevê, das antigas, por entre os lotações. Depois disso, não abriram mais a boca. E ficaram embasbacados porque, no final, saía sempre tudo certo.

— Quando chamou o Jô para o *Ali Babá*, você já o conhecia?

— Eu o conheci quando ele namorava a Tereza Austregésilo. Ele entrou na minha casa como se fosse um *sem-terra*. Fez uma cena engraçadíssima que ele tem, de um abacaxi gigante que invade Nova Iorque e esguicha suco para todo lado...

— Outro dia ele mencionou esta cena no *Onze e Meia*. Aliás, quem é que edita o programa? Às vezes, a gente nota uns cortes muito bem feitos...

— É a Iara, que é ótima. Mas cortar entrevistas a gente não corta. Vai como foi. A não ser às vezes, como quando um sujeito foi lá e xingou o César Maia.

Fotos MANCHETE IMAGENS

A história do humorismo eletrônico se confunde com a biografia de Max Nunes. Dos grandes sucessos no rádio aos recordes de audiência na tevê, ele só marcou *gols de placa*.

Fotos MANCHETE IMAGENS

No alto, Max, Willen Van Weerelt (diretor do *Jô Onze e Meia*) e Hilton Marques. Acima, o *paizão* curte a parte da prole que também foi trabalhar na telinha: o diretor de tevê Maurício e as atrizes Bia Nunes e Maria Cristina (de saias).

Quem?

Não sei. Um maluco lá. Aí o Jô chegou e disse: "Se você quiser, vai ao ar, mas você vai ser preso"...(Ri).

Os textos de abertura são seus?

O texto inicial é a Diléia (Frates) que faz. Eu fico mais é dando assessoria mesmo. Sugiro algumas perguntas...

E nos *shows* do Jô, você ajuda?

Nem uma vírgula. Nunca. Só trabalhei com ele na televisão.

E lá, durante as gravações, você fica na *suíte*...

Ficamos eu, o Hílton, a Diléia, o Willem e os técnicos. Quando o Jô quer informações, lembrar músicas antigas, essas coisas, a gente fala com ele.

Vocês usam *ponto* eletrônico?

Usamos, mas não gostamos de interferir muito nas gravações. Quando dá algum problema, a gente pára, mas é raro. A gente não faz muita interferência porque ele deve estar atento ao entrevistado, às vezes a entrevista é até em outro idioma... Só se for para avisar sobre algum parente do entrevistado na platéia, dar detalhes sobre a vida dele etc.

— O Jô tentou usar o formato do *Onze e Meia* na Globo?

— Tentou. Chegou a fazer algumas entradas naquele *Jornal da Noite*, coisas assim. Mas havia problemas, restrições. Quando fomos para o SBT, era para fazer o *Veja o Gordo*, mas já estávamos pensando neste outro formato...

Você já ficou rico?

— (Ri). Não, ainda não. Só fica rico quem trabalha diante das câmeras. Quem fica por trás não consegue.

— Pensa em voltar à medicina?

Não. Fui convidado para ficar na direção do Instituto Brasileiro de Cardiologia, mas na parte administrativa, sem atender pacientes. Me formei em 48, tenho um bocado de tempo nesta história. Já carambolei muito em ambulância, estou com 73 anos... Às vezes, ainda dou uns conselhos, mas é só.

Agora você quer é sossego...

— É. O Jô, de vez em quando, me pede para escrever um livro, mas eu penso que vou ter de ir lá, fazer lançamento, noite de autógrafos... E tem que sentar e escrever da página um até a não-sei-que-número... Não sou como o Jô, que tem um pique sensacional de trabalho. Ele não pára.

É verdade que você tem medo de borboleta?

(Ri). Uma vez, eu estava de plantão, no Souza Aguiar, e fui ver um doente no final do corredor. E veio lá aquela borboleta preta, batendo nas paredes... Entrei no quarto do doente e fiquei só ouvindo o barulho dela, lá fora. Ele deve ter me achado um médico muito atencioso, pois fiquei horas cuidando dele, esperando a danada da borboleta ir embora. Houve uma época em que até pensei em fazer psicanálise, por causa de outros problemas de saúde, que poderiam ter alguma ligação. Resolvi fazer com o Olavo Rocha, que mais tarde viria a se tornar um médico muito conhecido. E, durante os dois anos em que me tratei, nós fomos evoluindo juntos. Ele se tornou um grande nome da psiquiatria e eu um grande *píssico* (ri)... Me tornei uma *sumidade*. Mas, hoje, não me preocupo mais com isso.

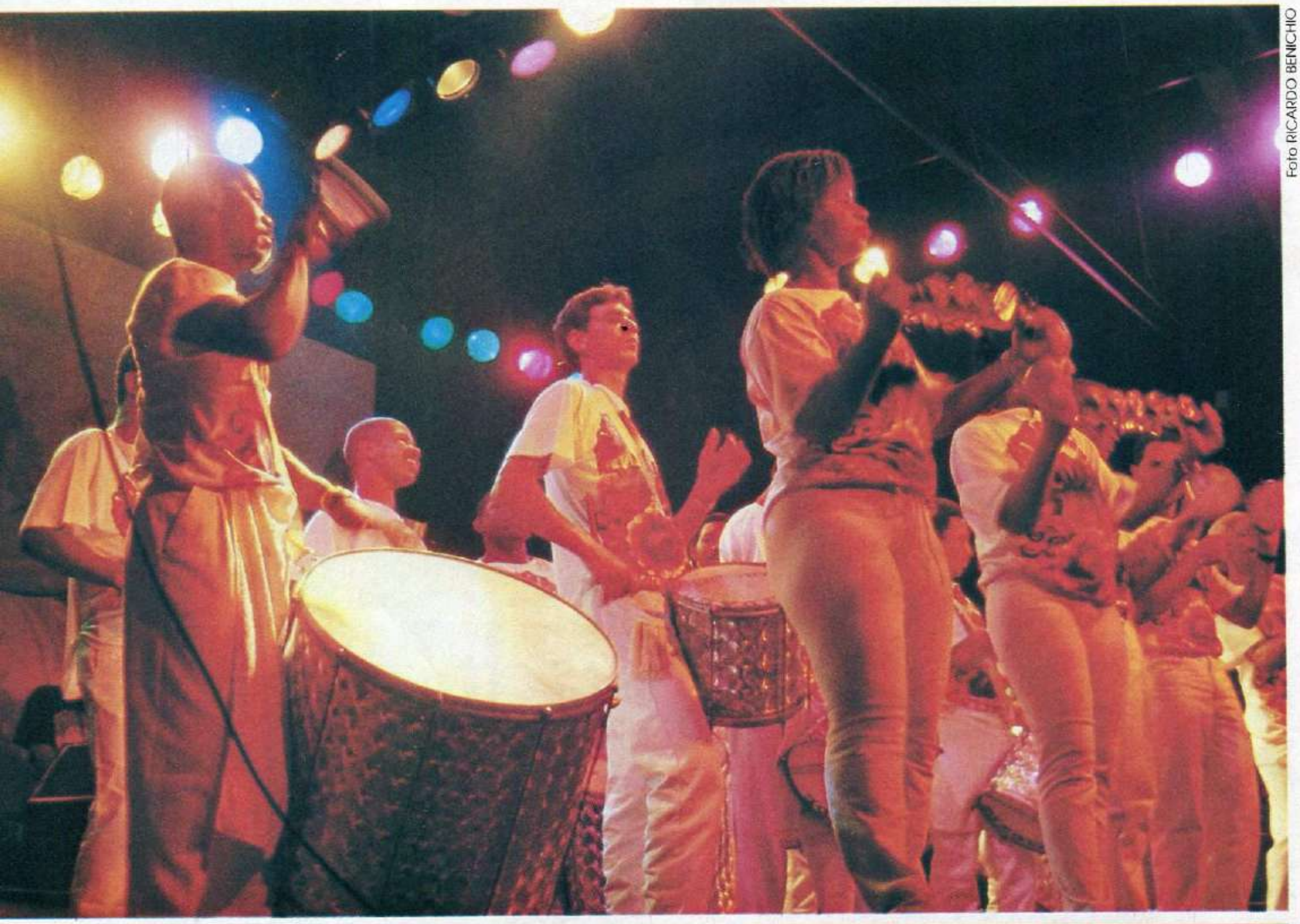


Foto RICARDO BENICHIO

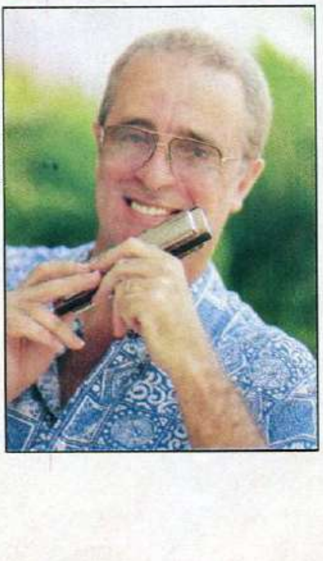


Foto ROBSON BEZERRA

Foto OSCAR CABRAL

O *Carioca Club* (foto maior), o disco de Beth Carvalho (no alto, à esquerda), Rildo Hora (à esquerda), Dona Ivone Lara (acima) e as belas mulatas do Salgueiro (à direita) fazem a verdadeira festa do samba carioca em São Paulo.

Foto RUY DE CAMPOS

SÃO PAULO

O SAMBA É NA GAROA

Explodiu o samba em São Paulo. A cidade, um dia julgada o "túmulo do samba", tornou-se nos últimos tempos um campo fértil para o gênero musical mais popular no Brasil e mais conhecido no exterior. Nunca tantos sambistas cariocas migraram para a terra de Adoniran Barbosa, à procura de espaço e divulgação para *shows*. A tradicional escola de samba carioca Salgueiro alugou um circo, nos Jardins, para transformá-lo numa espécie de sucursal paulistana de sua quadra. A casa Carioca Club, em plena Sampa, não esconde suas intenções e já virou *point* de paulistanos seduzidos pelos sambas de terreiro com sotaque chiado no *esse*

Foto RUY DE CAMPOS

Por EDGAR OLIMPIO DE SOUZA
Colaborou ALVARO DA COSTA E SILVA

CINCO MINUTOS COM

Harrison

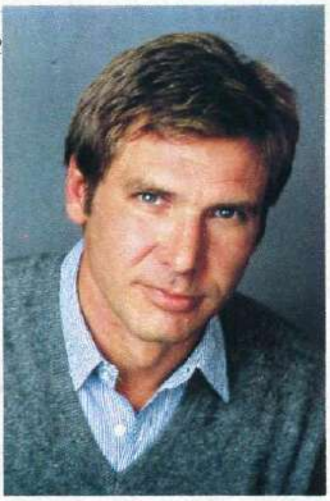


Foto NANCY ELLISON — Sygma

Ford, "o ator do século", em ação: com o andróide Rutger Hauer na famosa cena de *Blade Runner* (à direita); com Sean Connery em *Indiana Jones e a Última Cruzada* (na outra página, à esquerda); e na comédia recente *Sabrina* (também na outra página, à direita).

Por MARCELO BERNARDES (de Nova Iorque)

Embora goste de caçoar do título, Harrison Ford recentemente foi eleito pelos donos de cinemas dos Estados Unidos como "o artista do século" A razão é uma simples questão de contabilidade: dos 25 filmes de maior bilheteria de todos os tempos, o ator participa de sete que, juntos, renderam a fabulosa soma de 1,6 bilhão de dólares. "Só estava tentando fazer meu trabalho", desdenha.

Harrison Ford recebeu a reportagem de ELE ELA em uma suíte do cinco estrelas Essex House, em Manhattan. Pela primeira vez, em 15 anos, está usando bigode. É com esta pequena inovação na aparência que, desde janeiro, freqüenta um *set* de filmagem onde roda seu próximo filme, *Double Zone*, no qual interpreta um policial de ascendência irlandesa e tem Brad Pitt como parceiro. O assédio da imprensa foi inevitável.

"Ninguém me deixa quieto um minuto. Tem sempre alguém querendo saber a razão deste bigode."

O ator mora com a mulher — a roteirista de *E.T.*, Melissa Mathison — e os filhos, num isolado rancho de Montana. Está em Nova Iorque para divulgar seu mais recente filme, a comédia romântica *Sabrina*, cujo projeto só aceitou para aposentar, por doze meses, sua imagem de herói invencível e também para ter a oportunidade de trabalhar com o cineasta Sydney Pollack.

Fã da comédia *Tootsie*, com Dustin Hoffman no papel de um ator desempregado que precisa se vestir de mulher para conseguir um trabalho, Ford sempre teve em mente um projeto com o diretor. Sendo assim,

Foto Sygma

Ford

O retorno do caçador de bilheterias

Foto Divulgação — Lucas Film Ltd.

Foto Divulgação — Paramount Pictures

para ter Harrison à frente de *Sabrina*, os executivos do estúdio da Paramount tiveram a árdua tarefa de seduzir Pollack, que era avesso à idéia de readaptar um *hit* dos anos 50 para o público moderno. Como o diretor se mostrava irredutível, Harrison teve que lhe telefonar pessoalmente. "Fui dissuadido na hora", conta Pollack. "Além de ser um *gentleman*, Harrison Ford é um dos atores com quem mais tinha vontade de trabalhar", disse Pollack a ELE ELA. *Sabrina* é um *remake* do clássico de Billy Wilder, o mesmo diretor de *Quanto Mais Quente, Melhor* e *Sunset Boulevard*, rodado em 1954. Como a filha de um chofer, que se vê tentada pelo amor de dois irmãos milionários (Humphrey Bogart e William Holden), a atriz Audrey Hepburn se transformou na estrela mais quente da época. Para os anos 90 e com um astro do calibre de Ford no elenco, a história precisou ser totalmente reestruturada. Seu personagem, Linus — um milionário bonitão e sem coração —, ganha mais destaque. Seu irmão *bon vivant* (Greg Kinnear) não é mais tão irresponsável. Só mulherengo. E a estrela (Julia Ormond, de *Lendas da Paixão*) é uma mulher charmosa, consciente e sofisticada. Satisfeito com o resultado da comédia, que lhe deixou mais tranqüilo no *set* (pela primeira vez, nos últimos dez anos, o ator não dá palpite na produção), Ford se concentra na *performance* que o filme vai ter nas bilheterias. Em fevereiro, embora não confesse, espera estar entre um dos cinco finalistas ao Oscar, na categoria de melhor ator. Confira a entrevista do astro a ELE ELA

CINCO MINUTOS COM

HARRISON FORD

— O que você achou do filme *Sabrina*, de 1954?

— Confesso que só fui ver o filme depois de o projeto ter sido completamente aprovado pela Paramount. Recebi o *script* do produtor Scott Rudin e o achei charmoso e engraçado. Eu queria que Sydney Pollack dirigisse o *remake* e, quando ele aceitou, começamos a falar sobre o original em nossos encontros. Foi então que vi o original com Audrey Hepburn e entendi por que o filme fez muito sucesso na época em que foi lançado: tinha a combinação perfeita entre o charme do trio central e um roteiro bem humorado de Billy Wilder.

— Em que o personagem milionário Linus o seduziu?

Na complexidade emocional dele e na idéia de interpretar uma pessoa não muito simpática para o público. Outro fator de persuasão foi uma visão diferente que deram para esta comédia romântica.

— Foram necessárias muitas mudanças para adaptar a história aos anos 90?

Sim. Confesso que, a princípio, fiquei um pouco preocupado com esta adaptação. Mas Pollack soube muito bem dar uma pincelada mais realista, no sentido de mostrar ao público pessoas bem cruéis. A platéia fica torcendo pela redenção do personagem. Existem outras diferenças, mas, no sentido da narrativa, o *remake* conserva o tom de conto-de-fadas do primeiro.

> “O público se divertiu com Indiana Jones, mas é difícil aceitar um novo roteiro”

— Antes de você rodar *Sabrina*, havia uma certa especulação, em torno de seu nome, para o novo filme de James Bond. Isso é verdade?

Hollywood tem muita fofoca. Eu não estou certo de que estavam atrás de mim para fazer *007 Contra Goldeneye*. Por outro lado, Pierce Brosnan ficou ótimo como James Bond.

— É uma imposição sua fazer heróis mais realistas como os de *O Fugitivo* e *Perigo Real e Imediato* do que um fantasioso James Bond?

Exato. James Bond foi criado para as pessoas se divertirem com suas parafernálias eletrônicas e suas belas mulheres. *Perigo Real e Imediato* teve um tratamento diferente no sentido de tornar o herói mais crível, que o público se identificasse e se preocupasse com ele. A platéia torce, porque sabe que aquele sujeito poderia ser seu vizinho. Ninguém espera que James Bond morra na cena seguinte.

— Existe a possibilidade de você vir a fazer um quarto Indiana Jones?

Sempre há. Desde que me tragam um roteiro tão fenomenal quanto *Indiana Jones e a Última Cruzada*, o melhor de todos. Sendo assim, não há como recusar. O público se divertiu com esses filmes e eu tive enorme prazer em trabalhar com Steven Spielberg. Mas acho quase impossível que apareça um roteiro que me conquiste.

— O seu próximo projeto também é um filme de ação?

Sim. Eu faço um policial nova-iorquino. O filme estréia no próximo verão (junho de 96) e tem direção de Alan J. Pakula.

— Em seus últimos filmes, você tem uma participação ati-

Foto Divulgação — Lucas Film, Ltd.

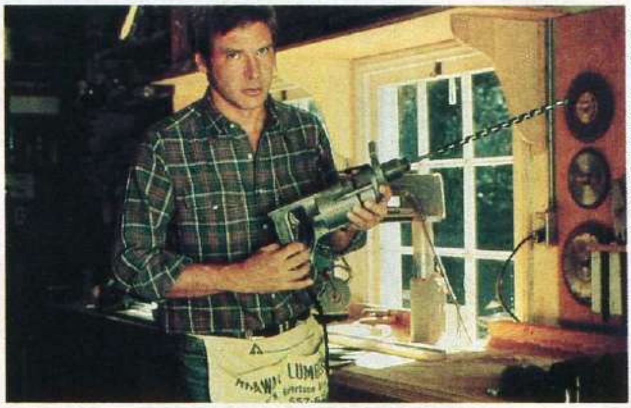


Foto NANCY ELLISON — Sygma

Foto Divulgação — Paramount Pictures

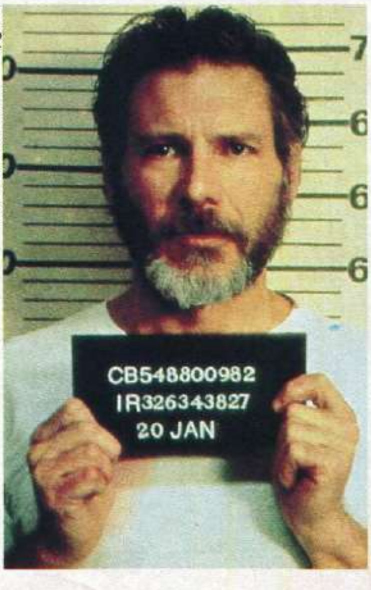


Foto S. VAUGHAN — Sygma

Antes de encarnar Indiana Jones (alto, em *Caçadores da Arca Perdida*) e outros tipos, Ford foi carpinteiro. Ao lado, o ator em *O Fugitivo*; acima, em *Jogos Patrióticos*; na outra página: com Julia Ormond em *Sabrina*; e Dustin Hoffman em *Tootsie*, filme que adora.

va na produção. Como foi sua relação em *Sabrina*?

Quando chamei Sydney, disse a ele que queria somente ser dirigido dessa vez. Meus últimos três filmes foram filmes de Harrison Ford. Por isso, nada mais apropriado para eu estar envolvido com todo o processo. *Sabrina* não é um filme de Harrison Ford. Eu preferi abdicar dessas responsabilidades, para aproveitar todo o processo. Me senti totalmente seguro nas mãos de Sydney.

— Você não tem vontade de dirigir um filme?

Dirigir, para mim, é um dos mais duros trabalhos neste mundo. Muitos problemas. E eu já tenho o melhor trabalho neste mundo, que é o de ator. Eu gosto de fazer parte de um time de criação, mas não tenho vontade de ser o chefe. Isso não tem apelo para mim.

— De onde vem toda essa sua admiração por Sydney Pollack?

Eu adorei *Tootsie*, a combinação de dramaticidade com comédia. Gosto de outros trabalhos dele também, mas as comédias dele, em especial, têm muito apelo para mim. Ele traz, nas comédias, a mesma inteligência e a mesma intensidade que seus filmes dramáticos. Sydney é muito ambicioso com suas comédias, da mesma forma que outros diretores são com seus dramas.

— Te preocupa o fato de um filme ser ou não sucesso de público?

Me preocupo constantemente com o sucesso de meus filmes, mas não neste sentido a que você se refere, nem do de achar que meu último filme tem que ser melhor que o penúltimo. O que me preocupa, e o que eu desejo, é sentir que estou fazendo um bom trabalho. Dou o melhor de mim em cena.

— Você é uma pessoa ambiciosa?

Não tenho uma ambição particular. Mas gostaria de continuar sendo útil em meu ofício, de ter emprego nos próximos anos. Tenho a ambição de continuar fazendo um bom trabalho, com pessoas talentosas.

— Além de ator, você também é envolvido com instituições ambientalistas nos Estados Unidos. Qual é a sua participação nessas ONGs?

Bem, meu interesse é verdadeiro. Mas considero este tema um assunto particular e não gostaria que isso se tornasse muito público. Me desculpe.

— Você fala um pouco de sua família?

Minha mulher (Melissa Mathison) está finalizando o roteiro do próximo filme de Martin Scorsese, que é sobre a vida do Dalai Lama. Meu pai, que me fez aprender o ofício da carpintaria, minha outra profissão, trabalha como publicitário agora. Tenho quatro filhos, o mais velho mora no Brooklyn, Nova Iorque, e recentemente me deu um neto.

Foto Divulgação — Paramount Pictures

Foto Divulgação

— Como é ser avô precoce?

— (Risos) Obrigado pelo elogio. Mas lá se vão meus 53 anos. Bem, meu neto parece ter medo de mim.

— Por quê?

Não consegui descobrir ainda. Talvez seja pela altura, pois meu filho é baixinho. Não sei, mas ele tem muito medo de mim. (Risos)

— Aos 53 anos, você se considera feliz?

— Muito. Tenho uma família ótima, uma casa no meio da mata, sei fazer móveis muito bem, cozinho razoavelmente e faço no cinema papéis que interessam. O que posso querer mais?

LISTA DOS 25 CAMPEÕES DE BILHETERIA (EUA)

1º: ***E.T., O Extraterrestre* — 1982 — US$ 399.804.539,00**
2º: ***Jurassic Park — O Parque dos Dinossauros* — 1993 — US$ 357.100.000,00**
3º: ***Forrest Gump — O Contador de Histórias* — 1994 — US$ 329.650.110,00**
4º: ***Guerra nas Estrelas** — 1977 — US$ 322.000.000,00**
5º: ***O Rei Leão* — 1994 — US$ 312.775.367,00**
6º: ***Esqueceram de Mim* — 1990 — US$ 285.761.243,00**
7º: ***O Retorno de Jedi** — 1983 — US$ 263.700.000,00**
8º: ***Tubarão* — 1975 — US$ 260.000.000,00**
9º: ***Batman* — 1989 — US$ 251.188.924,00**
10º: ***Os Caçadores da Arca Perdida** — 1981 — US$ 242.374.454,00**
11º: ***Os Caça-fantasmas* — 1984 — US$ 238.6000.000,00**
12º: ***Um Tira da Pesada* — 1984 — US$ 234.760.478,00**
13º: ***O Império Contra-Ataca** — 1980 — US$ 222.700.000,00**
14º: ***Uma Babá Quase Perfeita* — 1993 — US$ 219.131.586,00**
15º: ***Ghost — Do Outro Lado da Vida* — 1990 — US$ 219.131.586,00**
16º: ***Aladdin* — 1992 — US$ 217.350.219,00**
17º: ***De Volta Para o Futuro* — 1985 — US$ 208.242.016,00**
18º: ***O Exterminador do Futuro 2* — 1991 — US$ 204.843.345,00**
19º: ***Indiana Jones e a Última Cruzada** — 1989 — US$ 197.171.806,00**
20º: ***... E o Vento Levou* — 1939 — US$ 191.749.436,00**
21º: ***Dança Com Lobos* — 1990 — US$ 184.208.848,00**
22º: ***O Fugitivo** — 1993 — US$ 183.875.760,00**
23º: ***Eternamente Batman* — US$ 183.423.941,00**
24º: ***Indiana Jones e o Templo da Perdição** — 1984 — 179.870.271,00**
25º: ***Uma Linda Mulher* — 1990 — US$ 178.406.268**

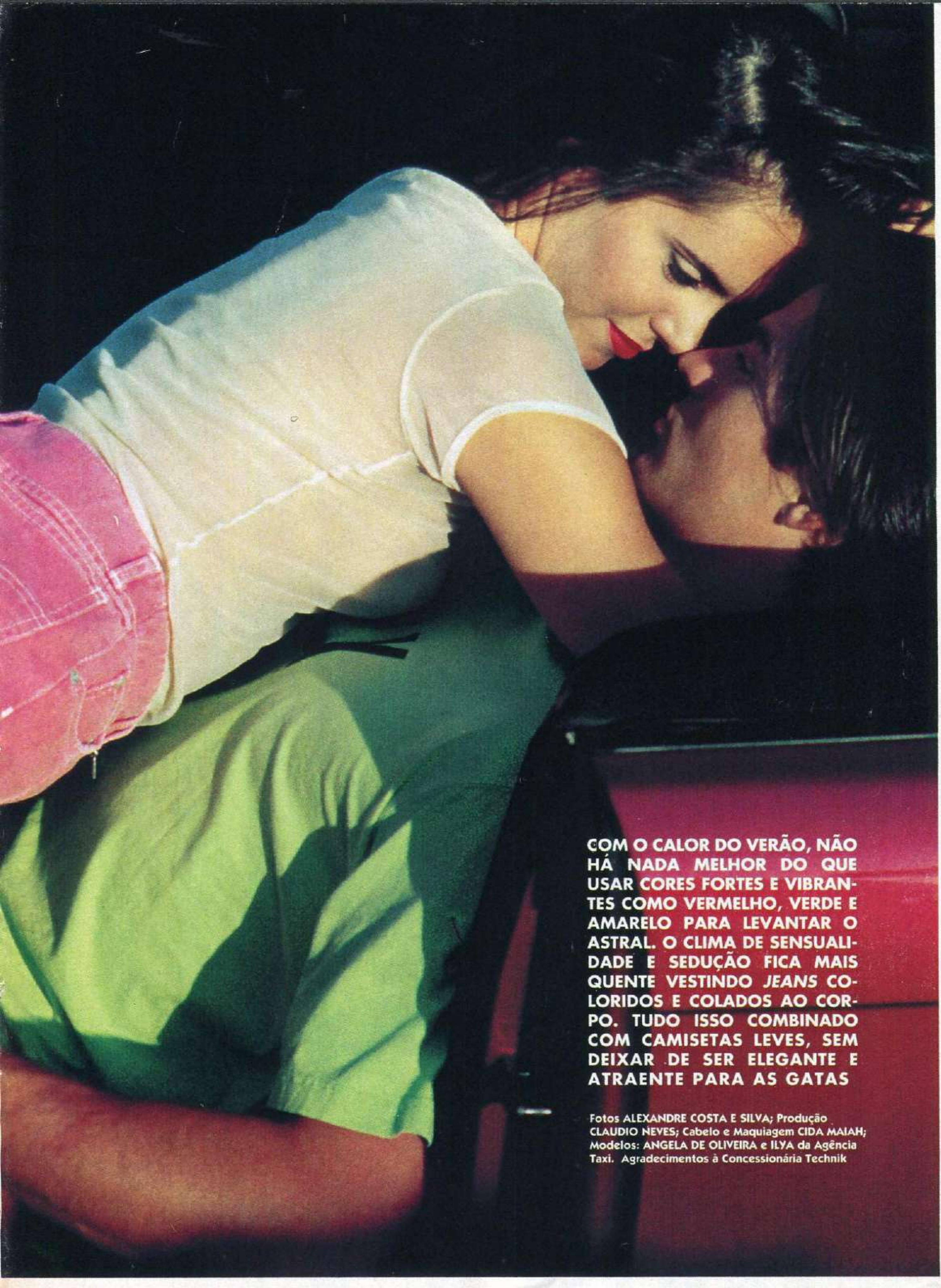
Fonte: *Variety*

*** Filmes com participação de Harrison Ford**

ESTILO

COLOR JEANS UM TESÃO!

■ Ela usa minissaia *color jeans* da Active, blusa transparente da Zoogaloo e sandálias da Rabo de Saia. Ele veste calça *jeans* branca da Toulon e camiseta verde-limão da Ellus.



COM O CALOR DO VERÃO, NÃO HÁ NADA MELHOR DO QUE USAR CORES FORTES E VIBRANTES COMO VERMELHO, VERDE E AMARELO PARA LEVANTAR O ASTRAL. O CLIMA DE SENSUALIDADE E SEDUÇÃO FICA MAIS QUENTE VESTINDO *JEANS* COLORIDOS E COLADOS AO CORPO. TUDO ISSO COMBINADO COM CAMISETAS LEVES, SEM DEIXAR DE SER ELEGANTE E ATRAENTE PARA AS GATAS

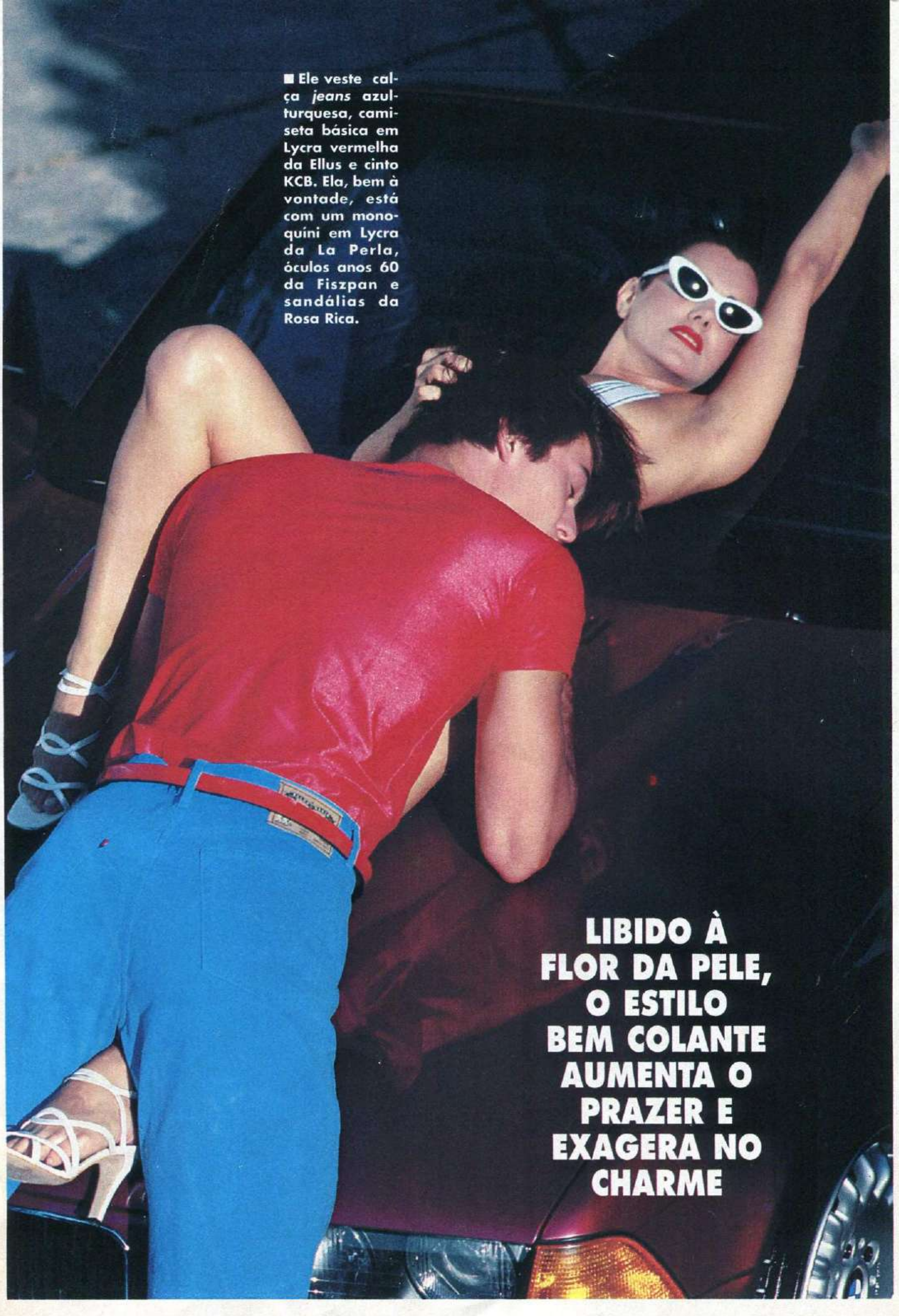
Fotos ALEXANDRE COSTA E SILVA; Produção CLAUDIO NEVES; Cabelo e Maquiagem CIDA MAIAH; Modelos: ANGELA DE OLIVEIRA e ILYA da Agência Taxi. Agradecimentos à Concessionária Technik

■ **Para deixá-lo doido, ela veste uma minissaia azul-piscina da Company e blusa com Lycra cintilante da Zipper. Ele usa uma camisa de algodão da XPTO, calça *color jeans* da Triton e óculos das Óticas Fluminense.**

■ Sapecando-lhe aquele beijo, ela veste apenas um biquíni, estilo anos 60, da La Perla. Ele usa calça *color jeans* vermelha e camiseta básica amarela canelada, da Triton.

NESSE CLIMA SENSUAL, NINGUÉM RESISTE. O COLORIDO DÁ MAIS VIDA E FORMA AO CORPO

■ **Bem agarradinho a ela, ele veste calça verde-limão da Company e camisa xadrez de algodão da Triton. Ela usa um biquíni com Lycra da La Perla e sandálias Mrs. Elid.**



■ Ele veste calça *jeans* azul-turquesa, camiseta básica em Lycra vermelha da Ellus e cinto KCB. Ela, bem à vontade, está com um monoquíni em Lycra da La Perla, óculos anos 60 da Fiszpan e sandálias da Rosa Rica.

LIBIDO À FLOR DA PELE, O ESTILO BEM COLANTE AUMENTA O PRAZER E EXAGERA NO CHARME

VOCÊ é homem e hóspede de uma jovem universitária berlinense. Hum... Que prazeres lhe reservam? Poucos, amigo leitor. Prepare-se para encarar pilhas de louça, pesadas faxinas e, pasmem, lições humilhantes, como a que ensina, por exemplo, a só fazer xixi sentado sobre o vaso. Já na Bulgária, prepare-se para ser tratado como um reizinho por sua anfitriã. Fique longe da louça e desfrute de uma hospitalidade nos moldes tradicionais: homem fora da cozinha e senhor do banheiro. O Leste Europeu reserva essas entre outras surpresas para um autêntico macho latino americano

Por ANGELO SEGRILLO

Um macho latino

Foto SWERSEY/LIAISON — Gamma

Longe do apego à formalidade da mulher russa comum, a bela *stripper* diverte os novos ricos de Moscou no Private Up And Down Club: o Leste comeca a esquentar...

no Leste Europeu

FIQUEI alguns dias na Bulgária, antes de voltar à Rússia (onde estudo), vindo de Berlim (onde passei minhas férias de verão). É claro que adorei as bonitas praias, o jeito aberto, comunicativo dos búlgaros a Bulgária fica ao Sul da Rússia, entre a Romênia e a Grécia, é mais ensolarada e o pessoal mais comunicativo na rua. Mas sabem o que adorei mesmo? Foi não ter que lavar a louça depois de comer.

E explico, antes que seja acusado de ser uma pessoa de espírito limitado. É que, na Alemanha, as idéias feministas já se arraigaram demais no relacionamento entre os sexos, especialmente no que se refere aos mais jovens. Nos três meses de férias que passei em Berlim, fiquei num meio universitário. Como qualquer macho sul-americano, penei sob o jugo das feministas. *Pô*, além de ajudar a preparar o jantar, ainda tinha que lavar os pratos! E olha que estava de hóspede! Imagina se eu fosse da casa...(Como é que os alemães devem ser na cama, hein? Será que também revezam os papéis?). Racionalmente, é justo dividir deveres (afinal, homem, mulher, qual é a diferença?), mas por dentro acho um saco...

> **“Em Berlim, além de ajudar no jantar, ainda lavei os pratos!”**

Por isso, foi com indescritível (quase orgástico) prazer que ouvi de minha anfitriã búlgara, ao me ver já resignadamente indo para a cozinha com uma pilha de pratos nas mãos após o jantar: “O que é que você está fazendo?” E me tomou os pratos das mãos. “Você é hóspede.” Depois acrescentou: “Além disso, é homem!”

A anfitriã era bonita e gostosa. O que um coração latino-americano vai pensar ao ouvir a segunda parte desse comentário? Mas não é nada disso que estas sujas mentes estão pensando. A gostosa anfitriã estava se referindo a mim como homem em abstrato. Não é papel do homem, na sociedade búlgara (ou na russa), lavar os pratos. Nelas, aquela divisão mais tradicional do homem como provedor da casa e a mulher fazendo as tarefas do lar ainda prevalece na mentalidade das pessoas. Além disso, o culto ao hóspede também é muito forte. O hóspede é um verdadeiro reizinho. Por costume, os anfitriões procuram fazer todas as suas vontades (freqüentemente pagam todas as despesas). Juntando minha condição de homem (ainda que abstrato) com a de hóspede, já viram que me senti um sultão na Bulgária, depois da experiência feminista da Alemanha.

Foto SWERSEY/LIAISON — Gamma

Só para vocês terem uma idéia de como o feminismo já está enraizado nos corações e mentes das alemãs, basta dizer que a dona da casa onde eu estava em Berlim (uma jovem, aliás, normal, nem especialmente feminista demais) me proibia de mijar em pé em seu banheiro. É, é isso aí mesmo que vocês ouviram. Ela dizia que homem, quando mija, respinga do lado de fora da privada! Fiquei até comovido com a sinceridade da menina.

Comovido e de saco cheio! *Putz*, imagina o que é para um macho sul-americano ser obrigado por uma mulher a mijar sentado. Mijar sentado, para mim, sempre foi coisa de mulher. E agora ela queria que eu ficasse mijando sentado para não sujar seu banheirinho. Além disso, me senti sendo chamado de porcalhão (mesmo que ela tenha explicado que estava se referindo ao homem em abstrato, não a mim especificamente). Acabei ficando na dúvida. Será que a gente respinga mesmo de fora a ponto de incomodar? Respondam aí, minhas leitoras brasileiras. A gente respinga mesmo? Vocês se sentem incomodadas?

Na verdade, quem se sentia incomodado era eu. Para um homem, este negócio de fazer *pipi* sentado é muito chato. Tem que dobrar o pinguelo *pra* baixo (com o tempo, isso pode causar impotência, gente!) e, como a privada não é muito profunda, acaba respingando de volta no macho-mijador...

Naquela ocasião, decidi jogar pesado. Já que o negócio é ser sincero, sem limites e sem preconceitos, resolvi desafiar a dona da casa para um tira-teima. Eu iria mijar na frente dela e provar que conseguia mijar de pé sem respingar.

Não é que a diabinha topou o desafio? Acostumado com as atitudes mais conservadoras dos anos passados na Rússia, fiquei até assustado com a escancaração da coisa.

No dia marcado para o duelo, fomos ao campo de batalha por volta das 8h45min da manhã. Seria a famosa mijada matinal, a primeira e a mais potente de todas. É verdade que eu me encontrava em desvantagem, pois ainda estava um pouco grogue de sono. Pus a marmota de fora, com ela acompanhando atentamente todos meus movimentos (ainda bem que não dei nenhuma bandeira de cunho não científico...) e comecei a tirar água do joelho. Tudo ia a contento. Reguei as plantas direitinho, sem respingar nada de fora. Eu estava prestes a cantar vitória, com a dona da casa já incerta em suas convicções, quando chegou o momento daquela tradicional balançadinha do apito final. Aí é que a porca torce o rabo! Senti que o problema de respingar fora não está na fase

Foto MANCHETE IMAGENS

cascata da mijada e sim no final, quando tem que se dar aquela balançada na mangueira para ejetar os últimos pinguinhos. Aí realmente sai em todas as direções: no chão, na parede, se vacilar até em cima do cesto de roupa suja, que os alemães teimam em deixar na zona de perigo dos arredores do vaso sanitário...

Bom, cada um sabe de si, *né*? Mas, enquanto isso, eu, pobre machão latino-americano feminista, fico perdido que nem cego em tiroteio. É que, nessas idas e vindas entre a feminista Alemanha e a mais conservadora Rússia, ainda há muitos daqueles gestos galantes que, no Brasil, já estão fora de moda. Digamos, dar a mão às mulheres quando elas descem do ônibus. Acostumado no Brasil (que me lembre, nenhum de meus amigos cariocas mais jovens descia do ônibus e dava mãos às meninas), em Moscou, no início, eu descia dos coletivos feito uma bala e ficava lá fora esperando minha acompanhante descer (engraçado que eu não entendia por que elas sempre demoravam um pouco na porta, atrapalhando a passagem dos outros passageiros, e olhando para mim com cara de desencantadas).

Foto CHRISTOPHE KAZOR — Sygma

Foto P. LE SEGRETAIN — Sygma

As gentis búlgaras (acima) contrastam com a prática alemã (alto), que derrubou o Muro de Berlim e põe o hóspede para trabalhar; ao lado, um casal na Ucrânia e, na página anterior, a bela moscovita e seu par *yuppie*.

Depois que saquei a coisa, passei a me policiar e também dar a mão. Quando pensei que agora estava agradando às mulheres, no meu primeiro dia em Berlim, fui dar a mão a uma gata descendo do ônibus, ela olhou *pra* mim com cara de quem não estava entendendo e disse, rindo: "Pode deixar que não sou aleijada não." É mole?

Outra situação que me causou constrangimento foi em Moscou. O homem também deve ajudar a mulher a vestir o casaco de inverno, sustentando-o pelas costas para que ela o vista. Meus amigos, quantas vezes, na saída do teatro, minhas acompanhantes ficavam sem graça, pois todos os cavalheiros estavam ajudando as damas enquanto eu, tropicalista, enrolava tanto para vestir aquela parafernália de casacos, cachecóis, luvas e bonés que até esquecia de ajudar minha acompanhante! Ela é que acabava me auxiliando. Ou então (situação mais desagradável ainda), ela recebia o casaco do guarda-volumes na saída do teatro e ficava esperando que nem boba que eu a ajudasse, atrapalhando os outros da fila, enquanto eu já estava saindo, pensando que ela não queria vestir o manto naquele momento.

Aliás, acho que esta *atolação* para as boas maneiras é de família. Lembro-me que, quando minha irmã saiu com seu namorado pela primeira vez, também deu muita bandeira. Diogo, um português de maneiras extremamente finas e educadas, levou-a a um restaurante. Chegando ao destino, ele estacionou, desceu do carro pela porta do motorista e foi dando a volta para abrir a porta do outro lado para que minha irmã descesse. Só que ao chegar lá, minha irmã, não acostumada com estes tipos de gestos, não só já havia descido sozinha, como batido a porta (inclusive enfiado o pé na poça de lama ao lado do veículo). Ela me disse que Diogo ficou um pouco sem graça, voltando resignadamente à sua porta para batê-la. O festival de desencontros entre as maneiras finas e a informalidade continuou dentro do restaurante. Diogo puxou uma das cadeiras da mesa. Minha irmã, por exclusão, sentou na outra. Resultado, o futuro noivo (corajoso ele, hein?) ficou que nem bobo, segurando a cadeira por trás, para que minha mana sentasse. Só que ela já estava sentada, na outra...

Voltando à Rússia. Eu aqui acabo tendo dificuldades de me relacionar com as russas, por esta minha maneira informal demais de ser. Não sou exatamente o cavalheiro que elas estão esperando.

É preciso acrescentar que, nos últimos anos, muita coisa vem se modificando também neste campo. A geração de adolescentes criada na *Perestroika* apresenta comportamento bem diferente de seus antecessores. Acho que, daqui a alguns anos, vou poder descer do ônibus ou sair do teatro sem me preocupar...

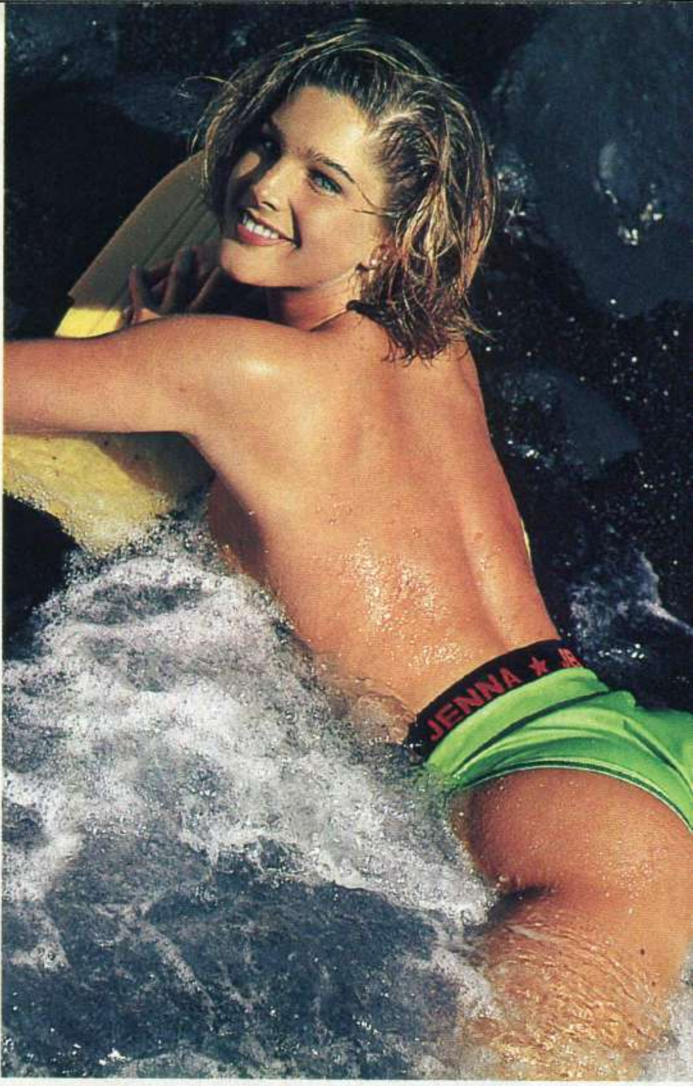
Angelo Segrillo passou três anos em Moscou fazendo mestrado em Língua e Literatura Russa. É autor do livro *Um Brasileiro na Perestroika*, além de várias crônicas humorísticas de viagem. Atualmente, está à procura de editora interessada em publicar sua obra lexicográfica *Dicionário Trilíngüe de Gíria: Inglês-Português-Russo*.

Carla

Simplesmente Carla, sem sobrenome. Aliás, nada sobre ela, a não ser o fundamental: é linda, é livre, gosta de praia, viaja sempre que pode, em busca de vida, paixão, prazer. Carla é sonho e também realidade

Fotos Photorama International

A beleza de uma mulher como Carla dispensa os batidos versos e prosa que se costuma criar por aí. Melhor é ficar em silêncio e apreciar tanta poesia!


JENNA ★ JE

Falando em poesia, "no meio do caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no meio do caminho", dizia Carlos. E uma gata com jeito de menina-fêmea, olhos e corpo de fera, desafiava, fascinava, excitava!

Fair Play

Antonio Carlos Lisboa

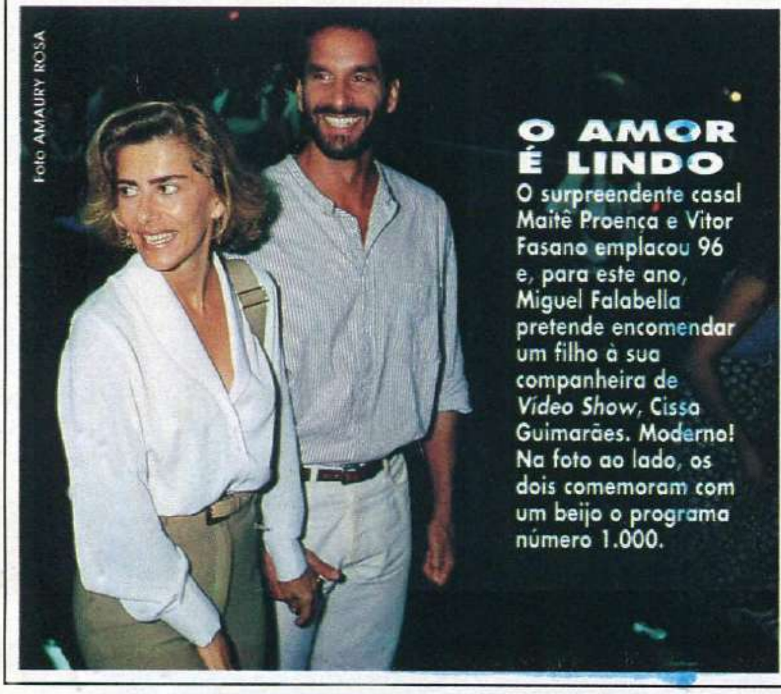


Foto AMAURY ROSA

O AMOR É LINDO

O surpreendente casal Maitê Proença e Vitor Fasano emplacou 96 e, para este ano, Miguel Falabella pretende encomendar um filho à sua companheira de *Vídeo Show*, Cissa Guimarães. Moderno! Na foto ao lado, os dois comemoram com um beijo o programa número 1.000.

Foto ADALMIR CHICARO

FESTA DA LOBA

As irmãs Ingra Liberato e Flor Violeta se esbaldaram na pista de dança na festa da novela *A Idade da Loba*.

Fotos MARCELO MOREIRA

Betty Faria, uma prova de que sensualidade não tem idade, nem a da loba. Ela é a eterna certinha do Stanislaw, aliás.

LA SCUDERA

A fervilhante modelo Dominique Scudera abalou as estruturas da passarela do Rio Palace no desfile da III Christmas Fair.

Foto MAURICIO CHICRALLA

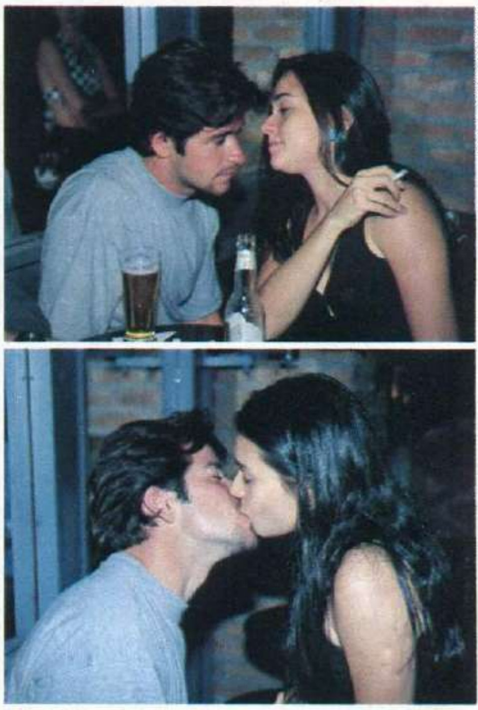
NIVER DE NORTON

Animação foi o que não faltou na festa de aniversário do ator Norton Nascimento, na boate West Side, no Rio. Confira os flagrantes da comemoração.

O aniversariante recebeu da atriz Catarina Abdalla um presente sugestivo: uma cueca.

Um foco no generoso decote da modelo Luciana Gimenez. Superlativo!

Um novo par na noite carioca: depois de muita conversa, o ator Murilo Benício chega mais perto de Alessandra Negrini e dá aquele beijo.



Fotos CAVALCANTI

* * *

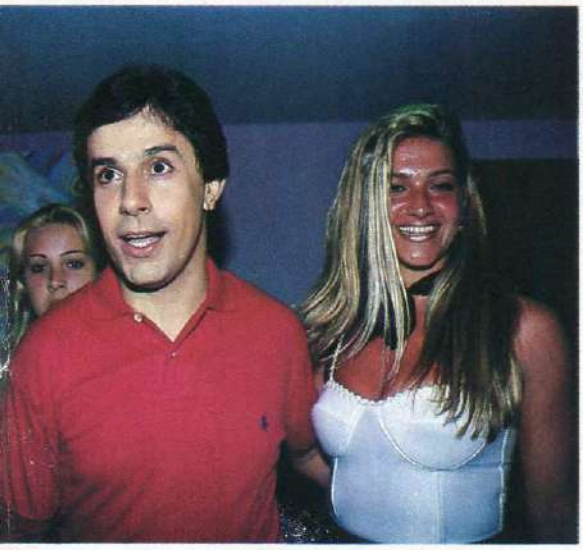


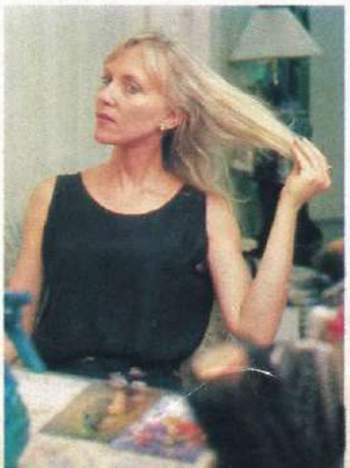
Foto MARCELO MOREIRA

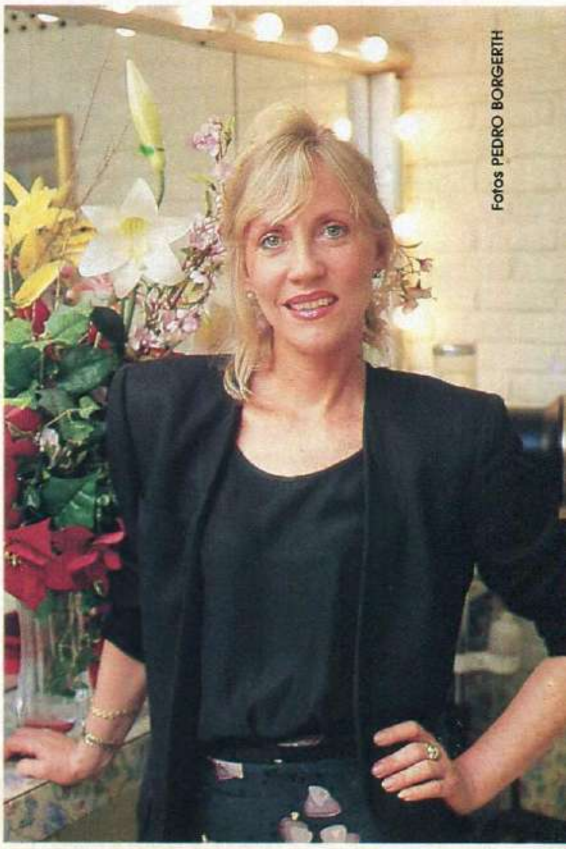
MONICA NÃO PASSOU DO TOM

Tom Cavalcante e a superbronzeada e cada vez mais loura Monica Santoro na estréia do *show* do humorista no Metropolitan.

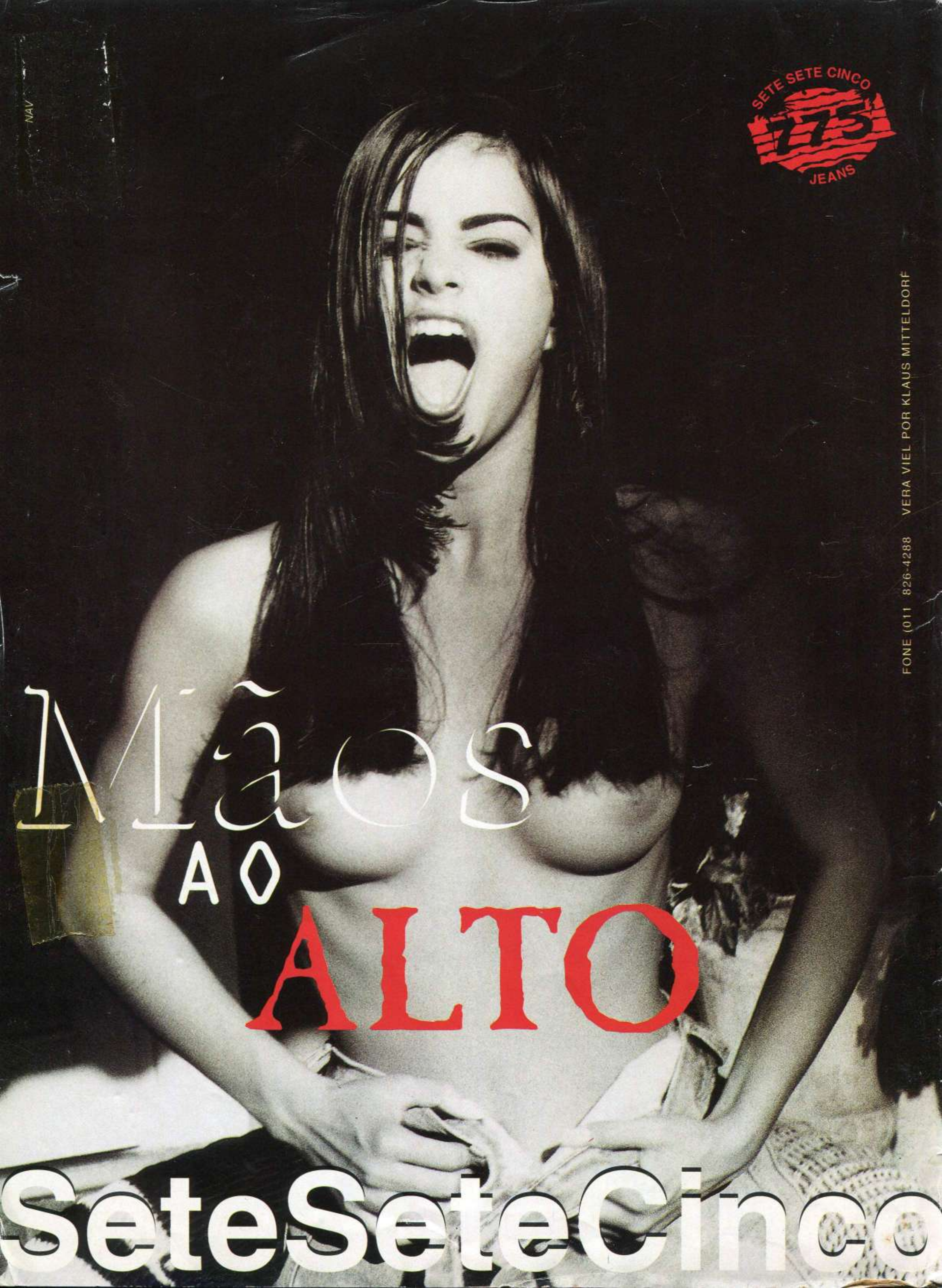
ANTES E DEPOIS

A produtora e atriz Uta Schwietzer Tang, apesar do nome, é brasileira. Filha de alemães e casada com Charles Tang, presidente da Câmara de Comércio e Indústria Brasil—China, ela participa ativamente da ponte cultural entre os dois países, levando filmes brasileiros para o mercado chinês. Aproveitando um momento de folga, Uta resolveu mudar de visual no Oneide Coiffeur, em Ipanema, no Rio. Que tal o resultado?





Fotos PEDRO BORGERTH


NAV
SETE SETE CINCO
775
JEANS
VERA VIEL POR KLAUS MITTELDORF
FONE (011 826-4288
Mãos
AO
ALTO
SeteSeteCinco

ele ela

CARTAS
DO FORUM

- O FOGO DA MATA VIRGEM
- TIROU A TANGA E VIROU MACHO
- UM TRIÂNGULO CABELUDO

- A TATUAGEM SABOROSA
- A OUTRA SALVOU O CASÓRIO
- LOUCO POR UMA CALCINHA

CLASSIFICADOS
TRANSAS PARA TODOS
OS GOSTOS

Suplemento grátis da revista ELE ELA nº 319 — FEVEREIRO de 1996 — Não pode ser vendido separadamente — Impresso em Bloch Editores S.A.

FITAS ERÓTICAS

Ninfetas Lindíssimas Insaciáveis...

INÉDITAS

Cód. 152 - BACANAL ENTRE ADOLESCENTES
Um festival de transas excitantes entre adolescentes lindíssimas...

Cód. 153 - GAROTAS NO CIO
Duas horas de sexo total entre jovens garotas. Cenas de forte lesbianismo.

Cód. 154 - MISTÉRIOS DA NOITE
Novos sabores, desejos e penetrações bizarras, emoções diferentes.

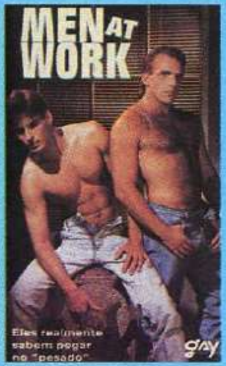
Cód. 155 - BIZARRE ANAL EXTREME
Penetrações incríveis... Cenas bizarras de banho dourado, etc.

Cód. 156 - DICK & JANE
Cenas selvagens de lesbianismo fortíssimo entre lindas garotas.

DEVIL PEPPER
3
Circo DO SEXO
2 HORAS DE GOZO SEM FIM EM VERSÃO ORIGINAL
ENTRE NESTE SHOW, ONDE TODAS AS ATRAÇÕES SÃO UM PRAZER...

Cód. 157 - CIRCO DO SEXO
Um "show" de penetrações. Duas horas de sexo total, mulheres deliciosas!

Cód. 158 - ANAL CUTIES (CURTIÇÃO ANAL)
Penetrações orientais excitantes e diferentes.



Cód. 159 - MEN AT WORK 'GAROTOS & GAROTOS'
Garotos de programa, excelente para os apreciadores do gênero GAY.

Cód. 160 - ANAL TROPICAL
Morenaças supergostosas e tesudas. Uma produção nacional.

Cód. 161 - A LOIRA TARADA
Transas muito loucas de uma loura lindíssima, porém, tarada demais.

GRANDE PROMOÇÃO ESPECIAL

Preço de uma fita.........R$ 32,00
Duas fitas.......................R$ 60,00
Três fitas........................R$ 87,00

"SHOW DE EMOÇÕES"

VENEZA HOME VIDEO
CAIXA POSTAL 13.710 – RIO DE JANEIRO – RJ
CEP 20217-970 – TEL.: (021) 594-9332 – FAX: 594-7110

Favor remeter em embalagem discreta as fitas:
☐ Cód. 152 ☐ Cód. 153 ☐ Cód. 154 ☐ Cód. 155 ☐ Cód. 156
☐ Cód. 157 ☐ Cód. 158 ☐ Cód. 159 ☐ Cód. 160 ☐ Cód. 161
☐ Envio CHEQUE NOMINAL no valor de R$ ....
☐ Prefiro retirar no Correio (SEDEX A COBRAR)
☐ Autorizo débito em meu cartão de crédito CREDICARD nº .... Validade ....
NOME ....
END. .... Nº .... APTº ....
BAIRRO .... CIDADE .... ESTADO ....
CEP .... TEL ....

EE-319

F089 - Debutantes Vol. II

F090 - Gang Bang Vol. I

SÉRIE loveland® BRASILEIRINHAS

A SÉRIE DE VÍDEOS PRA QUEM GOSTA DE SEXO EXPLÍCITO FORA DE SÉRIE.

F091 - Gang Bang Vol. II

F092 - Debutantes Vol. I

F093 - Debutantes Vol. III

F096 - Debutantes Vol. VII

F099 - O Segredo de Eva

F101 Paraíso de Evelin

NA COMPRA DE 4 FITAS VOCÊ GANHA OUTRA FITA.

LOVELAND JR. CAIXA POSTAL 42061 - CEP 04073 970 - SÃO PAULO - SP

Desejo receber as fitas abaixo assinaladas com um (x), em embalagem discreta e inviolável, no endereço abaixo indicado.

☐ F089	☐ F090	☐ F091	☐ F092
☐ F093	☐ F096	☐ F099	☐ F101

☐ Estou enviando cheque nominal à LOVELAND J.R. no valor de R$.. (Fitas + Taxa Sedex).

☐ Autorizo o débito do valor em meu Cartão de Crédito (Fitas + Taxa Sedex):
( )American Express ( )Visa ( )Credicard

☐ Prefiro receber as fitas através do sistema Sedex a Cobrar.

Taxas Sedex

Estado de São Paulo	R$ 4,00
Regiões Sul/Sudeste/Centro-Oeste	R$ 10,00
Regiões Norte/Nordeste	R$ 15,00

Nome: ....

Endereço:..

Bairro: ....Cidade:...Estado:.............CEP:.....................

Nº do Cartão:...Val.:......./........ (mês) (ano)

Assinatura:...Tel.: (.......)...................................Data:..............

EE-319

PREÇO UNITÁRIO R$ 40,00

FAÇA JÁ O SEU PEDIDO

ATENDIMENTO A CLIENTES:
FONE: (011) 5581-4716
FAX: (011) 5581-9791
MANDIC BBS: (011) 816-3911

LOVELAND - JR VENDAS
R. Luiz Mazzarolo, 224 04024-040
Caixa Postal 42061-04073-970
São Paulo SP

FITAS ERÓTICAS
Ninfetas Lindíssimas Insaciáveis...

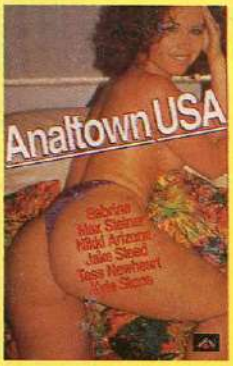
INÉDITAS

Cód. 162 - SE MEU CACHORRO FALASSE...- Ele foi ensinado para transar, ou seja, "comer" a mulherada gostosa...

Cód. 163 O PÔNEI TARADO
O pônei não é burro não!... Parte pra dentro da morena gostosa...

Cód. 164 MULHERES E CACHORROS II
Transas incríveis entre mulheres e cachorros acontecem ao vivo...

Cód. 165 - CLUBE DO PRAZER
Elas satisfazem a todos os desejos e taras. Sexo grupal, ménage e gozo facial.



Cód. 166 - ANALTOWN USA
"Introdução Anal"
Penetrações anais superexcitantes entre lindas garotas.

Cód. 167 - CONTRAÇÕES PROFUNDAS - "Mulheres Grávidas"
Fazer amor com mulheres grávidas lindíssimas, é sempre excitante...

Cód. 168 - A PRINCESA DO SEXO
Uma jovem princesa descobre seus segredos mais íntimos e realiza fantasias incríveis.

Cód. 169 - A PUTA VINGADORA
Abuso sexual, vingança e surpresas cruéis.

Cód. 170 - A NINFETA PROIBIDA
Uma linda e ingênua ninfeta se torna a mais insaciável estrela do sexo.

Cód. 171 KITTENS
"Ninfetas insaciáveis"
Transa entre inocentes ninfetas ardentes e sensuais...

GRANDE PROMOÇÃO ESPECIAL

Preço de uma fita.........R$ 32,00
Duas fitas.......................R$ 60,00
Três fitas........................R$ 87,00

"SHOW DE EMOÇÕES"

VENEZA HOME VIDEO

CAIXA POSTAL 13.710 – RIO DE JANEIRO – RJ
CEP 20217-970 – TEL.. (021) 594-9332 – FAX: 594-7110

Favor remeter em embalagem discreta as fitas:
☐ Cód. 162 ☐ Cód. 163 ☐ Cód. 164 ☐ Cód. 165 ☐ Cód. 166
☐ Cód. 167 ☐ Cód. 168 ☐ Cód. 169 ☐ Cód. 170 ☐ Cód. 171
☐ Envio CHEQUE NOMINAL no valor de R$ ....
☐ Prefiro retirar no Correio (SEDEX A COBRAR)
☐ Autorizo débito em meu cartão de crédito CREDICARD nº .... Validade ....
NOME ....
END .... Nº .... APTº ....
BAIRRO .... CIDADE .... ESTADO ....
CEP .... TEL ....

EE-319

LÚCIA
GARRIDO
elè ela

LÚCIA
GARRIDO
ele ela

LÚCIA GARRIDO

ela elê

LÚCIA
GARRIDO

LÚCIA
GARRIDO
ele ela

LÚCIA
GARRIDO

ele ela